

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XI - Número 1

jan./jun. 2020

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XI– Número 1
jan./jun. 2020

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. IX, n. 1
(jan./jun. 2020) - Joinville: REFIDIM, 2020.
Semestral.
181 p.
Editor: Claiton Ivan Pommerening
ISSN: 2178-7441
I. Pommerening, Claiton Ivan. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Profa. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica *ad hoc*

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Profa. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão:

Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação:

Prof. Me. Joel Montanha

Capa:

João Batista (JB)

Traduções Abstracts:

Raphaelson Steven Zilse

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Salazar - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião dos editores.

Sumário

1. A PRESENÇA EVANGÉLICA NA POLÍTICA ATUAL E O ESTADO LAICO NO BRASIL 5
2. O CRISTÃO E A CRIAÇÃO: POR UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE 21
3. A PERSUAÇÃO DA FÉ SEGUNDO BARTOLOMEU DE LAS CASAS E A TEOLOGIA ATUAL 47
4. A MISSIO DEI E A INTEGRALIDADE DA MISSÃO: O RESGATE DA MISSÃO INTEGRAL DA IGREJA NA HISTÓRIA, TEOLOGIA E PRÁTICA NO CONTEXTO DA LATINA AMÉRICA. 61
5. PAULO E A SALVAÇÃO: O USO DE METÁFORAS NA TEOLOGIA DE PAULO..... 74
6. O PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E DA MORAL... 91
7. A REGENERAÇÃO DA TERCEIRA GERAÇÃO DA IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR: ENSAIOS DE UMA PERSPECTIVA AINDA EM CONSTRUÇÃO 115
8. A PROSPERIDADE FINANCEIRA ENQUANTO EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: A CONVERSÃO NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS..... 136
9. A RECEPÇÃO DA BÍBLIA PELOS PENTECOSTAIS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO 162

A PRESENÇA EVANGÉLICA NA POLÍTICA ATUAL E O ESTADO LAICO NO BRASIL

Franc Casagrande da Silva¹

RESUMO

Objetivo desse artigo é analisar a agenda política sugerida pelos evangélicos na última eleição presidencial no Brasil. Concomitantemente a agenda religiosa aceita pelos candidatos ao pleito federal, sublinha-se aqui a organização entre as diferentes instituições evangélicas brasileiras. Ao sublinharmos a organização dessas diferentes denominações evangélicas brasileiras, analisa-se a uniformidade do discurso entre as instituições de fé evangélica, sejam históricas ou pentecostais. Sobre esse aspecto surge outro objetivo do artigo, mostrar a eficiência da militância pentecostal frente as demandas morais de suas agendas. Para sustentar os argumentos levantados no artigo, foram consultados textos basilares sobre o tema: ascensão da bancada evangélica na política brasileira, bem como artigos publicados, de áreas de conhecimento afins, a saber, jornalismo, Ciências Sociais e política. Na análise final do artigo aponta-se para a secularização tardia, e essa, sistematicamente negada pelos evangélicos, sobretudo pelos pentecostais. Com isso as igrejas pentecostais perpassam pelo processo de contextualização social, ou seja, as instituições pentecostais estão olhando com atenção para a política e simultaneamente para suas igrejas procurando alguém que possa lhe representar na esfera política. Para futuras pesquisas,

¹ Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP), Graduado em Ciências da Religião (USJ-SC).

seja considerado uma análise dos discursos e da linguagem evangélica, usada nessa última eleição, pois, em 2020 teremos eleições municipais. É possível que a evangelização política, nos pleitos municipais, seja ainda mais eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: política; evangélicos; eleição; Brasil; pentecostais

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the political agenda suggested by evangelicals in the last presidential election in Brazil. Concomitantly with the religious agenda accepted by the candidates for the federal election, the organization among the different Brazilian evangelical institutions is emphasized. By underlining the organization of these different Brazilian evangelical denominations, we analyze the uniformity of discourse between the institutions of evangelical faith, whether historical or Pentecostal. From this aspect arises another objective of the article, to show the efficiency of Pentecostal militancy in face of the moral demands of its agendas. To support the arguments raised in the article, basic texts were consulted on the theme: rise of the evangelical bench in Brazilian politics, as well as published articles from related fields, namely, journalism, Social Sciences and politics. In the final analysis of the article we point to late secularization, which is systematically denied by evangelicals, especially Pentecostals. With this the Pentecostal churches go through the process of social contextualization, that is, the Pentecostal institutions are looking carefully at politics and simultaneously at their churches looking for someone who can represent you in the political sphere. For further research, consider an analysis of the discourses and the evangelical language used in this last election, because in 2020 we will have municipal elections. It is possible that political evangelization will be even more effective.

KEYWORDS: politics; evangelicals; election; Brazil; Pentecostals

INTRODUÇÃO

O presente artigo: “A presença evangélica na política e o Estado laico no Brasil”, propõe um olhar sobre o discurso evangélico adotado nas eleições de 2018, por muitos candidatos e principalmente pelo atual presidente da república. Além do discurso as agendas, ou seja, demandas e exigências das convenções evangélicas pentecostais, em troca de apoio, deram números finais para a eleição de antigos e novos candidatos para o mandato 2019-2022.

De forma geral os discursos e agendas delimitam o tema desse artigo, pois, as manifestações populares e as promessas populistas encontram-se no berço evangélico pentecostal brasileiro. A militância religiosa pentecostal mostrou seu poder de organizar-se e reivindicar suas agendas morais, sobretudo, seu lugar no Planalto Central em todas as esferas da política brasileira.

Seguindo a leitura de áreas como: jornalismo no texto, Ascensão da bancada evangélica na política, Andréa Dip destaca o crescimento da bancada no último pleito eleitoral nacional; no texto de Ricardo Mariano, Pentecostais e política no Brasil, o cientista social sublinha a amálgama entre política e religião; A jornalista Luiza Damé em seu artigo: Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso, ela traz a análise política e jornalística do cenário que se desenha depois das eleições de 2018; O advogado Leonardo V. de Souza, no texto: O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988, disserta sobre a construção de um pensamento laico no Brasil. Portanto, não está fora de contexto problematizar, foi Deus

um eficaz cabo eleitoral? Houve de fato uma renovação da bancada evangélica?

Esse artigo objetiva-se na formulação elementar para a redação analítica sobre a presença pentecostal na política brasileira. Além de servir como estrado para um futuro texto, com mais folego, o atual artigo faz um tipo de leitura do contexto político brasileiro, na ótica de um cientista da religião linear, cientista que professa a fé pentecostal, portanto, o objetivo maior é o de agnosticismo metodológico na leitura dos atuais fenômenos sociais e religiosos.

Diante dos atuais discursos e medidas tomadas pelo governo eleito, esse artigo justifica-se, pois, uma voz destoante do meio pentecostal precisa ser ouvida, uma voz que tem outras coisas a dizer. A justificativa basilar do texto está na incoerência das agendas reivindicadas pela banca evangélica, pois, as necessidades particulares das comunidades de fé representadas na Câmara dos Deputados, Senado ou na cadeira da Presidência da República não condiz com a realidade social do Brasil.

Na elaboração textual, sobre “A presença evangélica na política e o Estado laico no Brasil”, foram consultados artigos de 4 áreas de conhecimento: Direito; Ciências Sociais; Jornalismo e Política. Os textos dialogaram com as aulas de Sociologia da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP, níveis de Mestrado e Doutorado.

Na elaboração do artigo procurou-se coerência metodológica de forma que as argumentações e sustentações não parecessem partidárias ou confessionais e nem antirreligiosas, dessa forma a ciência da religião é a ferramenta usada como catalisadora das ideias centrais dos textos. Esse

artigo está estruturado em 2 tópicos, sendo o primeiro: Deus como cabo eleitoral nas eleições de 2018, que trata da escalada dos evangélicos pentecostais na política brasileira. O Segundo tópico: a renovação da bancada evangélica nas eleições 2018, objetivado em analisar os números de Parlamentares de confissão pentecostal que ocupam as cadeiras no Senado e na Câmara de Deputados Federal. Esses 2 tópicos são resultados de leituras sobre política, religião e a laicidade do Estado brasileiro.

1. DEUS COMO CABO ELEITORAL NAS ELEIÇÕES DE 2018 PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Por muito tempo os evangélicos brasileiros vêm se organizando como bancada no cenário político brasileiro, na última década teve um crescimento de 30% chegando ao número de 90 parlamentares, seguindo o aumento de 60% dos evangélicos conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2000-2010), assim formam hoje a direita cristã. Essa direita cristã é formada por uma pluralidade denominacional, isto é, Senadores e Deputados Federais eleitos para representar e cumprir as agendas de seus eleitores, das mais várias nomenclaturas de igrejas evangélicas brasileiras conforme Andréa Dip (2016). Esse movimento político entre os evangélicos brasileiros não teve início no último pleito eleitoral, mas já no período de redemocratização do Brasil na década de 1970, o que já sublinhou Cowan (2014):

De fato, essa prefiguração havia começado na década de 1970, quando a redemocratização teve início. Conforme a abertura progredida, alguns evangélicos modificaram o que tinha sido uma rejeição liturgicamente difusa e preventiva em relação às coisas “do mundo” (em oposição às coisas de Deus). Nesta encruzilhada crucial,

os líderes de vários ramos adotaram a linguagem da existência de uma aguda crise moral, preparando as bases o avanço de uma direita evangélica que surgia para parecer-se com o que, em outras partes do hemisfério, seria chamado de uma nova direita – uma combinação de reação moral e cultural, oposição ao desenvolvimento e/ou manutenção do Estado de bem estar social. (COWAN, 2014, p. 104).

Para continuar o texto e para que haja clareza conceitual, vamos adotar o termo Campo religioso a brasileira, não estamos desconsiderando aqui o que Pierre Bourdieu já definiu enquanto conceito. Conforme Bourdieu (1983) “[...] um espaço — o que eu chamaria de campo

— no interior do qual há uma luta pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar nesse jogo”. O campo religioso a brasileira refere-se ao modelo e práticas que as denominações evangélicas, sobretudo as pentecostais, usam na conquista de território geopolítico no Brasil atual.

No campo religioso de Bourdieu onde os atores principais são padres, feiticeiros e profetas, e entre esses há uma batalha campal em defesa de suas verdades religiosas. No campo religioso a brasileira o olhar não está no protagonismo do líder religioso e suas verdades, mas qual líder a massa está seguindo. Conforme explicado acima, nesse modelo de campo religioso os líderes “dançam conforme as músicas tocadas pelo povo”, ou seja, as igrejas evangélicas escolhem em qual político evangélico votarão e não apenas o indicado pelo pastor.

No atual campo religioso a brasileira as lideranças evangélicas, e sobretudo as pentecostais, têm suas forças gerenciais na possibilidade de contornar as tradições religiosas, pois, essas não dão conta da realidade das grandes igrejas. Temas como o divórcio, segundo casamento e o capital estético, popularmente conhecido como usos e costumes não estão mais nas pautas das reuniões convencionais, reuniões essas que deliberam sobre os estatutos externos e internos das igrejas evangélicas pentecostais. Isso explica o crescimento desse movimento que se adéqua a realidade do campo religioso a brasileira. Conforme Mariano (2018) “[...] igrejas — Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Universal do Reino de Deus — concentram 74% dos pentecostais, ou 13 milhões de pessoas (no ano 2000)”. O autor deixa claro, ao expor esses números, a relevância política que esse movimento religioso tem no cenário político brasileiro atual.

Com o vertiginoso crescimento dos evangélicos pentecostais no Brasil, as ações de representatividade política por esse segmento religioso ecoam nos discursos dentro e fora das igrejas. Conforme mencionado pelo autor, ao reproduzir o jargão, “o Brasil é do senhor Jesus”, os pentecostais iniciam uma batalha contra o mundo que odeiam, mas querem governar o mesmo, em nome de um ideal, profético, pois feliz é a nação cujo Deus é o senhor. Em nome desse ideal a bancada evangélica direciona suas ações, “Por sua vez, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), encabeçada pelo deputado e pastor João Campos, agrega mais de 90”. (DIP, 2016, p. 2).

É interessante, aliás, destacar o crescimento dos parlamentares com discurso conservador, mas há um fato que se sobrepõe ao discurso conservador desses parlamentares, a saber, a confessionalidade do discurso desses políticos. Mesmo assim, não parece haver razão para que ao desmonte da laicidade do Estado seja combatida, conforme explicado acima, o

discurso é a imediata ferramenta para alcançar as massas. Sinal de que há, enfim, uma direita religiosamente conservadora que ganha um rosto, visando a presidência da república, por exemplo, "A unção, a relação de Bolsonaro com o segmento evangélico se adensou por meio de enfrentamentos partilhados com a Frente Parlamentar Evangélica". (CONRADO,2019). De acordo com Conrado:

A unção a relação de Bolsonaro com o segmento evangélico se adensou por meio de enfrentamentos partilhados com a Frente Parlamentar Evangélica, no contexto da visibilização de controvérsias em torno de pautas morais vis-à-vis a agenda de direitos humanos, e protagonizadas em certos momentos do debate parlamentar da última década. Tal adensamento se construiu na medida da aproximação e apropriação do discurso que os evangélicos conservadores têm chamado de “defesa da família” e contra a “ideologia de gênero” dos movimentos feminista e LGBTI. (CONRADO, 2019, p. 2).

Ao lermos essas afirmações e descrições, pode parecer, para quem é de fora do movimento evangélico pentecostal, algo sem conexão ou sem sentido. Contudo, o autor deixa claro que as agendas religiosas se tornaram assuntos basilares que pavimentaram o caminho do então candidato à presidência da república, Jair Messias Bolsoaro, ele usou um texto bíblico como grito de guerra contra a corrupção. Tomou como objetivo de seu governo, temas que perpassam pelo conceito religioso de sociedade, temas como: a liberdade de gênero e o aborto. Segue o registro do Estadão:

O remédio adotado por Bolsonaro foi voltar a fincar pé na plataforma conservadora que sustenta restrições ao atual modelo de sociedade e costumes, segundo conceitos religiosos contrários ao aborto e a liberdade de gênero, além de manter o culto com leigos, repetidos há anos por ele e seus aliados mais próximos, a personagens polêmicos dos tempos da ditadura. (ESTADO DE S. PAULO, 2018).

Os temas de cunho moral, adotado pela direita evangélica não é uma novidade, pois entre as décadas de 1970 e 1980, pentecostais assembleianos e protestante batistas declaravam a decadência moral do Estado, porquanto seus jovens, segundo Cowan (2014), estavam sendo transformados em “delinquentes da modernidade e da sexualidade”, para combater tal processo, usavam os meios de comunicação que tinham em seu poder, rádio, folhetos e sobretudo o Mensageiro da Paz, jornal mensal que circulava e circula entre os pentecostais. Segue o que autor sublinha:

Os leitores assembleianos parecem ter compartilhado, se não ultrapassado, as angústias morais veiculadas em seu jornal. Cartas ao editor, em 1977, queixavam-se de tudo, desde a legislação do divórcio, passando pelas “fotografias com ‘cabeludos’”, até as questões dos cabelos, das mulheres, das maquiagens e das saias longas (ou não suficientemente longas) das mulheres. Até as propagandas pareciam provocar um determinado reacionarismo entre os assembleianos comuns. A promoção das Conferências de vida abundante”, uma reunião de oração liderada pelo Pastor Édino Fonseca,

centrava-se nos medos em relação aos jovens e nos problemas morais urgentes. O anúncio mostrava um adolescente bem cuidado, certamente nada cabeludo, num terno elegante, com óculos, segurando uma bíblia. Abaixo da foto, o texto encorajava os participantes em potencial a pedir ajuda ao pastor para lidar com as “crises” que afligiam os brasileiros. Fonseca prometeu: Mensagens que transformarão sua vida. Guerras. Aborto. Drogas, Feitiçaria. Crise Econômica. Frieza Espiritual. Homossexualismo. Se estes assuntos o chocam Vá Ouvir o Servo de Deus, Pastor Édino Fonseca. (COWAN, 2013, p. 114).

Portanto, na campanha à presidência da república de 2018, “Deus foi o cabo eleitoral eficaz”, pois, a massa ouviu o que de fato queria ouvir. A agenda da direita religiosa foi vencedora nas urnas, mas, isso não garante que serão atendidas, pois, atualmente o Supremo Tribunal Federal (STF) tornou crime de racismo a homofobia. Juntamente ao decreto o atual presidente do Brasil em seu discurso diz que chegou a hora de ter um evangélico no STF.

2. A RENOVAÇÃO DA BANCADA EVANGÉLICA NAS ELEIÇÕES 2018

A bancada evangélica cresce após as eleições de 2018, o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), tendo como fonte, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), constatou que em 2014 eram 75 deputados que confessaram a fé evangélica, em 2010 eram 73 a quantidade componente da bancada evangélica na Câmara Federal. Em 2018 as urnas reforçaram a bancada no Congresso Nacional, isto é, são 84 Deputados

Federais que se autodenominam evangélicos e 7 Senadores no parlamento, somando em 2019, 91 congressistas de doutrina evangélica. Luiza Damé (2018): “Para o DIAP, integram a bancada os parlamentares que se declaram evangélicos ou se alinham ao grupo na votação de temas ligados à religião e aos costumes”.

Com base nos dados extraídos do TSE, pelo DIAP, encontrado no texto de Damé (2018), pode-se constatar que há um sincronismo entre o discurso conservador e a vontade de uma quantidade relativamente grande da população brasileira. Essa leitura da sociedade revela que as agendas confessionais estão em pauta no contexto político do Brasil atual.

A similaridade do discurso conservador, por parte do atual governo, e as agendas evangélicas pentecostais, não se trata apenas de um fenômeno político. Pautas conservadoras orbitam a hermenêutica que a teologia pentecostal faz da sociedade brasileira; conforme explicado no parágrafo anterior, a demanda política de teor religioso aumenta relativamente ao crescimento das denominações religiosas, sobretudo os movimentos pentecostais.

Sendo que o pentecostalismo brasileiro vive uma espécie de “primavera pentecostal”, esse fenômeno religioso, isto é, um grupo de fé cristã não hegemônico que até as décadas de 1990 não se mostrava militante no cenário político brasileiro, o que mudou consideravelmente nos últimos 20 nos. Basta ler os dados fornecidos por Ricardo Mariano no artigo, “Pentecostais e política no Brasil”, o autor deixa claro que demandas sociorreligiosas por parte dos núcleos organizados de igrejas evangélicas, sobretudo pentecostais. Conforme Mariano (2018) “[...] nas vésperas das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte (1987 – 1988), para a qual

foi eleita a famosa ‘bancada evangélica’, com 32 deputados federais, 18 deles pentecostais, sendo 13 da Assembleia de Deus”.

É importante ressaltar que o sincronismo entre o discurso conservador do atual governo federal e as vontades conservadoras da população brasileira, segundo Luiza Damé, não representam o que de fato acontece no Senado e câmara de Deputados federais, mas, em cima disso, conforme mencionado pelo autor, Ricardo Mariano, a articulação política dos blocos evangélicos pentecostais brasileiro ensaiam alianças com outras bancadas, tais como ruralista e dos militares, para que suas agendas sejam atendidas. ‘A participação política dos pentecostais, porém, não se restringe à disputa eleitoral ao legislativo’. (MARIANO, 2018, p. 6).

A melhor maneira de compreender esse processo de renovação da bancada Evangélica nas eleições 2018, conforme explicado acima, está na liberdade de organização religiosa no Estado brasileiro, fruto da laicidade constitucional do Brasil. Não se trata de favorecer uma ou outra religião, seja porque a definição de Estado Laico aqui no país tenha suas particularidades, seja porque os modelos europeu e estadunidense de laicidade demandam de suas realidades sociais diferente da brasileira. O que nos leva a lermos:

Nos países católicos do sul da Europa, temos como sociedade laica, Estado laico, ensino laico, laicidade, laicismo, laicizar, laicização impuseram-se como vocábulo que também constituíam instrumentos de luta contra a influência do clero e da Igreja Católica e, nas

suas versões mais radicais (agnósticas e atéias), contra a própria religião. (COTROGA, 2006, p. 297).

Sabendo que há certa dinâmica constituinte, no ideal de laicidade, do Estado brasileiro há fissurar cada vez mais profundas na edificação do pensamento laico do povo brasileiro. As eleições para Câmara Federal e Senado, mormente, para presciência da república, remove as ataduras curativas do sentimento em tratamento pelo anterior processo de laicidade; caminhava-se para um lugar de diálogo, mas agora temos discursos totalitários e reducionistas da cultura brasileira, cultura no que lhe concerne, é plurirreligiosa. Julgo pertinente trazer à tona, por exemplo, no Brasil não há uma laicidade definida, mas, uma construção de Estado Laico. De acordo com Fischmann:

Assim, o caráter laico do Estado, que lhe permite separar-se e distinguir-se das religiões, oferece à esfera pública e à ordem social a possibilidade de convivência da diversidade e da pluralidade humana. Permite, também, a cada um dos seus, individualmente, a perspectiva da escolha de ser ou não crente, de associar-se ou não a uma ou outra instituição religiosa. E, decidindo por crer, ou tendo o apelo para tal, é a laicidade do Estado que garante, a cada um, a própria possibilidade da liberdade de escolher em que e como crer, enquanto é plenamente cidadão, em busca e no esforço de construção da igualdade. (FISCHMANN, 2012, p. 16).

Por fim, podemos chegar à conclusão de que a renovação e aumento da banda evangélica nas eleições de 2018 demonstram a polaridade moral no cenário político no Brasil. Logo, é indiscutível a guinada para a extrema-

direita que o país levou. Nesse sentido, é possível constatar que os sentimentos e pautas dessa direita extrema em grande número são de teor confessionais, ou seja, religiosos no poder público colocando suas demandas religiosas acima de temas como racismo, educação para todos e todas, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse artigo sobre a presença evangélica na política e o Estado laico no Brasil, contribui com outros textos que versam sobre o tema, religião e política e laicidade do Estado, pois, os recentes fatos ocorridos no contexto público merecem um olhar clínico devido os sintomas produzidos pela atual democracia brasileira.

Falando de um contexto mais amplo, os resultados das urnas mostraram a polaridade da sociedade brasileira, os discursos de ódio e amor se confundem nas mais variadas denominações do cristianismo do Brasil atual. Os pentecostais se sentem representados pelo atual governo, enquanto religiões com agendas de teor social sentem sua liberdade ameaçada.

Dentro dessa proposta chegamos ao resultado no qual o conservadorismo como regime político ecoa nas inúmeras casas que confessam ser evangélicas pentecostais, isso reflete a atual crescente de políticos autoafirmando serem pentecostais, transitam com a Bíblia em mãos nas seções da Câmara de Deputados e no Senado e particularmente o apelo presidencial para ter um evangélico no STF.

Ao analisar os textos utilizados para elaborar esse artigo, ficou claro que a laicidade do estado está ameaçada, não apenas isso, mas a própria identidade pentecostal em um processo de secularização tardia está se desconfigurando. Púlpitos se tornaram palanques; templos em comitês;

pastores cabos eleitorais e a esperança, marca da teologia pentecostal, não está depositada em Deus, mas em um falso cristo.

Penso que para próximas pesquisas, seja considerado uma análise dos discursos e da linguagem evangélica usada nessas últimas eleições, pois, em 2020 teremos eleições municipais. É possível que a evangelização política seja ainda mais eficaz. Outro fenômeno que pode ser analisado em futuras pesquisas é o rito do batismo em águas, feito por políticos católicos, batismos por emersão, típico dos pentecostais.

Portanto, parece que os pentecostais revitalizaram seu objetivo, “O Brasil é do Senhor Jesus”, mas como uma denominação, historicamente conhecida por ser contrária ao sistema, vai se adaptar ao mesmo; a resposta está no seu próprio sistema de governo eclesiástico, isto é, atos e ações da política brasileira já estão sendo reproduzidos nos bastidores das grandes denominações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso. In: *Coisas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

CATOGRA, F. Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo. Fortaleza: NUDOC- UFC. 2005.

COWAN, Benjamin Arthur. Nosso Terreno. Crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. *Varia História*, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 101-125, 2014.

DAMÉ, Luiza. Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. 2018 Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em: 24 jun. 2019.

DIP, Andrea. Ascensão da bancada evangélica na política. 2016. Agência Pública. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/a-historia-do-surgimento-e-da-ascensao-da-bancada-evangelica-na-politica.html>. Acesso em: 24 jun. 2019.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e política no Brasil. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MARIANO_Ricardo_tit_Pentecostais-e-politica-no-Brasil.htm . Acesso em: 24 jun. 2019.

REZENDE, Constança e PEREIRA, Pablo. Bolsonaro Uniu Agenda Liberal ao Conservadorismo. Estado de S. Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-uniu-agenda-liberal-ao-conservadorismo,70002568761>.

SOUZA, Leonardo. O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988. Factash Editora, 2012. Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/02/14/o-principio-da-laicidade-na-constituicao-federal-de-1988/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

O CRISTÃO E A CRIAÇÃO: POR UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

Alisson Sant' Anna²

RESUMO

O objetivo deste Artigo Científico é de expor as deficiências na relação do cristão pentecostal com o Meio Ambiente e apontar sugestões de possíveis pontos de partida para a correção dessas falhas e a formulação de uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente. Os dados do site da ONU do Brasil afirmam o estado crítico do Meio Ambiente, estado esse explicado pelo pensamento presentista e imediatista do Homem da Pós-Modernidade. Existe uma série de fatores teológicos que aprofundam o descaso do cristão pentecostal para com o Meio Ambiente, somado ao fato de também pertencer à Pós- Modernidade. Para a mudança de tal relação faz-se necessária a mudança de alguns paradigmas e algumas propostas são apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia do Meio Ambiente; Teologia Pentecostal; Harmonia; Homem da Pós-Modernidade; Propostas;

ABSTRACT

² Bacharel em Teologia Especializado em Ciências da Religião; cursando 2ª Graduação em História na UFPR (Universidade Federal do Paraná) de Curitiba-PR; Professor Tutor de Teologia na Faculdade UNINA de Curitiba-PR.

The objective of this scientific article is to expose the flaws in the christian pentecostal's relationship with the Environment and to indicate suggestions of possible starting points for the correction of these flaws and the formulation of a Pentecostal Theology in harmony with the Environment. The data in the UN of Brazil's site affirm the critical state of the Environment, a state that is explained by the presential and immediatist thought of the Post- modern Man. There is a series of Theological aspects that deepen the neglect of the Environment, added to the fact of it to belong to a Postmodernity. In order to change this relationship it is necessary to change some paradigms and some proposes are showed.

KEY WORDS: Theology of the Environment; Pentecostal Theology; Harmony; Postmodern Man; Proposals;

INTRODUÇÃO

O objetivo deste Artigo Científico é relacionar a Teologia Pentecostal com o Meio Ambiente. O Homem da Pós-Modernidade, inclusive o cristão pentecostal, caminha por caminhos tortuosos em sua relação com o Meio Ambiente.

O presente Artigo Científico é uma adaptação do TCC³ (Monografia)⁴ do autor para a obtenção do título de Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica Refidim de Joinville-SC.

³ Trabalho de Conclusão de Curso.

⁴ A Assembleia de Deus e a Criação: Por Uma Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente (2016).

A presente pesquisa surgiu de prévias reflexões sobre o assunto e objetiva, a partir de um embasamento bíblico/teológico formular propostas de uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente, partindo pelo entendimento do pensamento do Homem da Pós- Modernidade, seguindo pela Teologia Pentecostal e finalmente chegando a um ponto onde é possível se formular tais propostas.

No primeiro tópico deste Artigo Científico, serão expostos dados sobre a degradação do Meio Ambiente oriundos do site da ONU do Brasil e a reflexão de teóricos sobre o que pensa o Homem na Pós-Modernidade. No segundo tópico, será feita uma breve exposição da Teologia Pentecostal sobre as questões ambientais. No terceiro tópico serão apresentadas propostas para uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente que preserve a identidade do cristão pentecostal.

1. PENSANDO O MEIO AMBIENTE

Muito se fala sobre o Meio Ambiente nos dias de hoje e sobre sua degradação, contudo, qual é a real situação do Meio Ambiente?

Este capítulo contará com os dados da degradação do Meio Ambiente e uma exposição do pensamento contemporâneo podendo vir a explicar o porquê de tal descaso.

1.1 A DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Se o Aquecimento Global acontece há tanto tempo, por que apenas atualmente se fala tanto sobre o assunto? A verdade é: Vive-se um momento onde a humanidade pratica suas causas de forma cada vez mais agressiva.

Segundo o site da ONU⁵ do Brasil, as emissões globais de dióxido de carbono aumentaram em 50% desde os anos 90 e tais emissões têm como os seus principais causadores a queima de combustíveis fósseis e o desmatamento. 30% de tudo isso foi absorvido pelo oceano, o que o tornou mais ácido⁶.

Além da acidez marítima, essas práticas poluentes também causam a elevação da temperatura atmosférica. “De 1880 a 2012, a temperatura média global aumentou 0,85°C. Sem nenhuma ação, a média de temperatura mundial deve aumentar 3°C até o fim do século 21 [...]” (ONU, 2015). Tal aquecimento leva ao derretimento das calotas polares e aumenta o nível dos mares. Muitas das cidades costeiras serão inundadas, e como sempre, nossos pobres serão os mais afetados⁷.

Para nos proteger contra esses efeitos devastadores do Aquecimento Global, pode-se contar somente com o oceano, quando limpo, por auxiliar na absorção de gases nocivos. No entanto tal função afeta o estado da água e, portanto, todo o suave equilíbrio da vida no mar. De acordo com o site da ONU do Brasil, mais de três bilhões de pessoas têm sua fonte primária de alimentação em um mar que já não é mais o mesmo de outros tempos (ONU, 2015). A poluição direta no mar elimina o habitat natural costeiro de muitas espécies incapazes de se adaptar em mar aberto e que já foram o alimento primário de povos litorâneos, os quais precisaram migrar ou se adaptar a

⁵ Organização das Nações Unidas.

⁶ ONU, Organização das Nações Unidas do Brasil. Conheça os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/> Acesso em: 21/09/2016.

⁷ BOFF, Leonardo. As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro-RJ: Mar de Ideias: Navegação Cultural, 2012.

novos alimentos, que quando feito de forma estanque pode gerar muitos malefícios a saúde humana.

Além da liberação de dióxidos de carbono o Homem ainda se ocupa da destruição dos mocinhos. “Treze milhões de hectares de floresta são perdidos a cada ano.” (ONU, 2015). Quem não estudou na escola que as florestas são produtores de oxigênio a partir de dióxido de carbono? É bem verdade que as plantas também respiram, criando dióxido de carbono a partir da queima de oxigênio, entretanto quando realizam o processo da fotossíntese, processo de onde tiram seus nutrientes vitais, fazem o oposto em uma escala muito maior à da sua respiração. Mesmo sabendo disso nossas possíveis salvadoras não são poupadas.

Além da sua função reguladora do oxigênio, de acordo com o site da ONU do Brasil, cerca de 1,6 bilhões de pessoas vivem da floresta, sendo 70 milhões dessas indígenas (ONU, 2015). “Florestas são o lar de mais de 80% de todas as espécies de animais, plantas e insetos terrestres.” (ONU, 2015), perdendo em biodiversidade apenas para o próprio Oceano. 8% das suas espécies conhecidas estão extintas e 22% são ameaçadas de extinção (ONU, 2015). O desequilíbrio ambiental não apenas deixa o mundo mais quente e matará muitos no futuro como já mata hoje. Talvez por hora não o ser humano, mas a fauna e a flora já sentem seus efeitos de forma avassaladora e isso afeta o Homem direta e indiretamente.

Prova disso é que “2,6 bilhões de pessoas dependem diretamente da agricultura, mas 52% da terra usada para a agricultura é afetada moderada ou severamente pela degradação do solo.” (ONU, 2015). A Desertificação afeta muitas terras que são destinadas à agricultura, segundo o site da ONU do Brasil: “Anualmente, [...], 12 milhões de hectares são perdidos [...], espaço em que 20 milhões de toneladas de grãos poderiam ter crescido.”

(ONU, 2015). Isso sem falar dos pequenos agricultores que plantam apenas para subsistência. O site da ONU do Brasil revela que 80% das pessoas que vivem nas áreas rurais dos países em desenvolvimento não têm acesso à medicina formal e lançam mão da medicina tradicional, baseada no tratamento com ervas (ONU, 2015). Os números sem dúvida são aterradores.

Percebe-se assim que a cada dia o Homem vai contra o que o mantém vivo. Com o gás carbônico acaba-se com o próprio ar respirado, influenciando o estado da saúde humana diretamente a médio e longo prazo. Os mares e as plantas, fontes do alimento humano e animal, que por fim também se tornam alimento humano, são igualmente afetados, com a diferença que nesses o efeito se dá em curto e médio prazo.

Já soou o alarme ecológico. De todos os lados, das grandes instituições que acompanham o estado da Terra [como a ONU], de relatórios de Governos e de advertências de grandes nomes das ciências nos chegam cenários dramáticos a respeito do aquecimento global, devido ao aumento de gases de efeito estufa como dióxido de carbono e o metano, entre outros; (BOFF, 2012 p.10).

Ampliando, Leonardo Boff revela: “Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro.” (BOFF, 2012 p.10). O atual estado do Meio Ambiente pode ser resumido da seguinte maneira: “[...] a regulação normal da Terra está falhando e está se aproximando do estado crítico, quando toda a sua vida pode correr perigo.” (BOFF, 2012 p.12). Este é o Problema do Meio Ambiente.

1.2 O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

A pergunta que fica é a seguinte: Se é de conhecimento comum o atual estado do Meio Ambiente, o que falta para uma movimentação agressiva, com o propósito de resolver tal problema?

A resposta pode ser mais complexa do que se pode imaginar. E para entender os verdadeiros motivos por trás de tal estagnação, ou pelo menos iniciar um caminho para sua compreensão, torna-se necessário um estudo sobre o pensamento contemporâneo a partir de um Historiador, um Teólogo e um Filósofo contemporâneos.

- **Por um Historiador Contemporâneo: François Hartog**

Segundo João Paulo Pimenta as duas principais ideias de Hartog, são estas: “a da simultaneidade de tempos históricos a pautarem a vida de toda e qualquer sociedade observável em perspectiva histórica”⁸; e a “[...] suposta ampla dominância, a partir das últimas décadas da história da humanidade, do presente sobre qualquer noção de passado ou futuro [...].” (PIMENTA, 2015 p.400).

Hartog trabalha com o conceito de Regime de Historicidade, definido por ele como sendo “apenas a expressão de uma ordem dominante do tempo”⁹. De acordo com Pimenta, Hartog não demonstra a capacidade de explicar de forma concisa o significado do termo Regime de Historicidade,

⁸ PIMENTA, João Paulo. História do Presentismo, História Presentista? A propósito de Regimes de historicidade, de François Hartog. São Paulo: Revista Histórica, no. 172, Janeiro 2015 p.400.

⁹ HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2015 p.139.

contudo, é possível se entender o conceito quando seu livro finalmente passa a falar de Presentismo¹⁰ (PIMENTA, 2015).

No Presentismo de Hartog, o valor do passado está em sua capacidade de explicar o porquê se vive como se vive, se come o que se come e se habita onde se habita. Por sua vez, o futuro tem seu valor em justificar os atos do presente, que devem servir para a geração de um futuro melhor e mais próspero.

Em seu livro, Hartog fala sobre o patrimônio. Conforme ele afirma, muitos podem observar a corrida do Homem Pós-Moderno pela patrimonialização como um desejo por viver novamente um regime de historicidade regido pelo passado, no entanto, isso nada mais é do que mais uma das manifestações do Presentismo (HARTOG, 2015).

O Presentismo é marcado pela utilidade no presente, tornar algo um patrimônio é usá-lo como gerador de significado para o presente. Um prédio considerado patrimônio era apenas história e poderia muito bem ser demolido para dar lugar a um prédio que tivesse sua utilidade no presente, todavia, quando esse prédio se torna um patrimônio ele assume a função que a história possui no Presentismo, a função geradora de significado (HARTOG, 2015).

No último tópico do último capítulo de seu livro, François Hartog deixa um espaço para o Meio Ambiente, onde acaba por encaixar a sua relação com o Homem Pós-Moderno dentro da relação deste com o patrimônio (HARTOG, 2015). Trabalhando por outros conceitos, mas

¹⁰ Termo cunhado por François Hartog em seu livro Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo do ano de 2015.

chegando a um resultado muito parecido temos o Dr Euler Westphal, falando sobre a instrumentalização do Meio Ambiente em seu livro O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial¹¹ que será tratado em seguida.

- **Por um Teólogo Contemporâneo: Euler R. Westphal**

Pode-se dizer muito sobre a Instrumentalização do Meio Ambiente, mas primeiro é importante entender o porquê ela acontece.

Para uma compreensão adequada do tema, é necessário ter em mente seu pano de fundo, já abordado ao longo deste tópico.

De forma simplista, para o pensamento da Pós-Modernidade, o Homem tem o direito de retirar do Meio Ambiente o que ele bem entende, na quantidade que ele bem entende e quando ele bem entende, pois “o desempenho técnico e a utilidade operacional do conhecimento científico são considerados critérios da verdade.”¹², e caso o Meio Ambiente não tivesse uma utilidade prática não haveria sequer motivo para a sua existência. Sem dúvida, articuladores de tal pensamento se esquecem de seus anos nas séries iniciais onde aprenderam a sua utilidade prática.

O desequilíbrio ambiental pode ser visto com clareza, sem a necessidade de muita abstração, desde que se olhe. Em 2004 houve um caso aqui mesmo no Sul. “Constatou-se [...] que os sapos na região de Corupá, Santa Catarina, estavam sendo mortos por carrapatos em virtude do desequilíbrio ambiental. De fato observa-se que muitas espécies desapareceram devido à degradação ambiental.” (WESTPHAL, 2004 p.39).

¹¹ Pela editora União Cristã do ano de 2004.

¹² WESTPHAL, Euler Renato. O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul-SC: União Cristã, 2004 p.20.

Westphal alega que existe uma crise fundamental a qual ele atribui ao uso excessivo de fontes energéticas não renováveis, o acúmulo de gases na atmosfera e a diminuição expressiva da biodiversidade (WESTPHAL, 2004), subprodutos da instrumentalização do Meio Ambiente.

Em conformidade a Westphal, tal instrumentalização se dá por meio do que ele chama de “sete fios que compõe a matriz operacional dessa nova era [...]” (WESTPHAL, 2004 p.41).

O primeiro fio diz respeito à capacidade de isolar, identificar e recombinar, manipulando os recursos genéticos com o fim de explorá-los comercialmente. O segundo elemento à concessão de patentes de genes, tecido geneticamente produzido, órgãos e organismos. A partir disso, as empresas detentoras de tecnologia podem explorar os novos recursos (WESTPHAL, 2004 p.42).

A um olhar desatento, o leitor pode ser levado a crer que o assunto abordado aqui caminha para uma área diferente do trabalhado até então. No entanto, é importante se entender que os genes supracitados são encontrados em plantas e animais raros e sua exploração pode facilmente levar a sua extinção, causando assim, um desequilíbrio do bioma ao qual pertencem. Continuando com o pensamento de Westphal:

O terceiro fio que compõe essa rede seria a globalização da indústria da biologia, mapeando todos os recursos do planeta com o objetivo de explorá-los. A globalização do comércio cria as condições para a comercialização de todos os setores da vida, desde agricultura até medicina. O Quarto elemento trata da possibilidade técnica de se

recriar uma sociedade eugênica, aplicando a seleção genética a partir do mapeamento de 30 mil genes que compõem o genoma humano. O quinto é o conhecimento sobre o comportamento humano a partir dos fatores genéticos e a manipulação de alimentos, favorecendo a aceitação das novas tecnologias pela opinião pública (WESTPHAL, 2004 p.42).

O próximo fio é onde culmina tudo até aqui: O simples uso da Informática, que permite um controle técnico e mais confiável de todo o funcionamento dos fios anteriores (WESTPHAL, 2004). O último fio é o fio que inspira o nome ao livro de Euler Westphal¹³. Nele se encontra um Homem que acredita ser o herdeiro de Deus e, logo, precisa continuar o seu trabalho da onde ele parou (WESTPHAL, 2004). “O processo evolutivo estaria a cargo não de um processo natural, mas seria levado a cabo pelo próprio ser humano ao modificar o mapa genético, eliminando os defeitos nele contidos.” (WESTPHAL, 2004 p.43). Conforme Westphal, tal instrumentalização do patrimônio Meio Ambiente, fruto do Presentismo de Hartog, não só atropela os processos jurídicos como tudo o que se entende por bioética (WESTPHAL, 2004).

• **Por um Filósofo Contemporâneo: Zygmunt Bauman**

O pensamento de Zygmunt Bauman traz um esclarecimento sobre as reflexões supracitadas. Para ele não existe Pós-Modernidade no sentido de uma nova era, mas a Pós- Modernidade estaria para a Idade Moderna assim como Baixa Idade Média está para a Alta Idade Média. Sendo assim, a Pós-

¹³ O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial de 2004.

Modernidade seria apenas um novo momento da Idade Moderna e não uma nova era, posterior à Idade Moderna (como o nome sugere)¹⁴.

Para Bauman, a Idade Moderna tem por natureza a função de tornar a rigidez da Idade Média e das eras anteriores mais líquida, sendo ela uma crítica à Idade Média (Bauman, 2001). Seu primeiro ato foi o de remover a Teologia de seu trono de Rainha de Todas as Ciências, eliminando, dessa forma, a maneira sólida da Idade Média e da Igreja Católica Apostólica Romana de se ver o mundo e criando uma maneira líquida de fazê-lo, agora dependendo dos óculos de qual ciência se usa. O mundo é a Criação para a Teologia; já para a Biologia, o emaranhado de Vida; enquanto para a Astronomia é um complexo sistema que funciona sob as leis da Física Termodinâmica.

Em todo o seu percurso, a Idade Moderna cumpriu a sua função liquidadora culminando na Pós-Modernidade, onde tal liquidez se manifesta abertamente (Bauman, 2001). Na atualidade a Pós-Modernidade discute sobre as questões de gênero e talvez seja só uma questão de tempo para que nossos pressupostos sobre o assunto, sólidos e oriundos da Idade Média e de eras anteriores, sejam igualmente liquidificados pela implacável Idade Moderna Liquidificada.

A definição máxima da Modernidade Líquida¹⁵ para Bauman vem nas palavras de Paul Valéry¹⁶:

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001.

¹⁵ Termo cunhado por Zygmunt Bauman para se referir a Pós-Modernidade em seu livro homônimo do ano de 2001.

¹⁶ Poeta simbolista e Filósofo francês.

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas ... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados ... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio de frutos (BAUMAN, 2001 p.7).

As reflexões dos pensadores supracitados fazem todo o sentido quando observadas a partir de Bauman. A Idade Moderna surgiu liquidificando todos os conceitos, inclusive os de tempo, passado, presente e futuro, dando assim origem ao Presentismo, liquidificação essa que gerou a Pós-Modernidade ou uma Modernidade Líquida.

A relação do Homem com o Meio Ambiente também não pode ser apontada como um simples descaso. Aos olhos das massas, o Meio Ambiente é apenas mato que traz à tona um passado lembrado com nostalgia, mas que jamais quer ser revivido. Para os naturalistas e filósofos naturais o Meio Ambiente é o nosso lar, contudo, para os economistas e grandes empresários o Meio Ambiente é a fábrica da matéria-prima de seu produto que precisa se manter no mercado para o equilíbrio da economia, possuindo uma importância infinitamente maior do que o equilíbrio ambiental do bioma do qual essa matéria-prima foi extraída.

A Modernidade Líquida liquidifica tudo, inclusive a visão do Homem em relação ao Meio Ambiente. Não existe mais uma visão sólida, característica da Idade Média e das eras anteriores e o pouco que ainda resta está fadado, diria Bauman, à liquidificação.

2. PENSANDO A PARTIR DA TEOLOGIA PENTECOSTAL

No tópico anterior foram expostos dados do site da ONU do Brasil sobre a degradação do Meio Ambiente e sua concordância com o Pensamento do Teólogo Leonardo Boff, além de uma reflexão sobre o que se pensa sobre o Meio Ambiente na Pós-Modernidade. Agora, para uma análise teológica, será observado o pensamento do cristão pentecostal na visão de um Teólogo pentecostal.

2.1 POR UM TEÓLOGO PENTECOSTAL: Fernando Albano

Na teologia pentecostal há uma concepção de ser humano caracterizado por um dualismo moderado. A alma/espírito é compreendida como parte do sujeito que constitui a identidade humana; também é considerada dimensão privilegiada na relação com o divino é imagem de Deus¹⁷.

Por conta disso existe uma desvalorização sem tamanho do corpo. Dr Fernando Albano afirma que, para a Teologia Pentecostal, o corpo não possui nenhum valor e nas raras ocasiões onde é valorizado seu valor não vem de si próprio, mas sim da alma/espírito, por este ser o seu receptáculo. O corpo é o culpado pelo pecado, por sua natureza mundana e carnal, quando o pecado não é atribuído à alma, já que o corpo como uma mera casca não poderia nem mesmo pecar (ALBANO, 2010).

¹⁷ ALBANO, Fernando. Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-104185/dualismo-corpoalma-na-teologia-pentecostal>
Acesso em: 01/09/2016.

Seguindo esse caminho vem à desvalorização de tudo o que é mundano e carnal. Qualquer coisa que não edifique a alma deve ser deixada de lado e o foco deve ser em jejuns e outras formas de se mortificar a carne. Mas profundo nessa lógica então se encontra o descaso com as outras formas de vida consideradas inferiores por não conterem alma/espírito e em alguns casos quando a alma dessas é reconhecida é vista como uma alma de vida terrena que se acaba junto com ela, por não possuir um espírito que a vivifique, como no caso da alma humana (ALBANO, 2010). Daí para o completo descaso para com o Meio Ambiente não existe um caminho muito longo.

Isso acontece em uma Teologia Pentecostal Pós-Moderna, marcada como qualquer outra instituição pelo Presentismo, no entanto, mesmo no passado, quando a Escatologia era forte dentro do Pentecostalismo, o descaso não era menor, pelo contrário, apenas se agravava. Toda a Criação viraria cinzas dando lugar a um novo Céu e uma nova Terra, apenas o Homem teria lugar nessa nova Criação, por ser Imago Dei¹⁸ (ALBANO, 2010). Possivelmente, essa Escatologia também serviu para o surgimento do sentimento de superioridade do Homem Pentecostal da Pós-Modernidade. Na Teologia Pentecostal, o Meio Ambiente se vê encurralado pelo Homem Pentecostal do passado, que aguarda a sua transformação em cinzas e o de hoje, que está acima dele, graças a sua alma/espírito que o liga com Deus e por isso não precisa se preocupar com ele.

Conquanto, hoje em dia, já existe certa valorização do corpo se comparado com os primórdios do Pentecostalismo e dessa maneira também

¹⁸ Imagem e semelhança de Deus.

com o material (ALBANO, 2010), infelizmente essa valorização não muda a relação do cristão pentecostal com o Meio

Ambiente de forma relevante, já que nesse caso esse se apega mais ainda ao estilo de vida de uma Modernidade Líquida.

3. PENSANDO UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

Nesse tópico final serão formuladas propostas para uma Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente que preserve a identidade do cristão pentecostal de cristão pentecostal. Para o surgimento dessa Teologia faz-se necessário, dentre outros: Desenvolver uma ética ambiental; rever a visão de Terra; restaurar a natureza humana do cuidado; superar o Dualismo Corpo/Alma; abrir-se para a abrangência da atuação do Espírito Santo; aderir a uma visão integral do Evangelho; repensar conceitos escatológicos engessados. A seguir, uma breve síntese sobre cada uma dessas sete propostas.

3.1 AS 7 PROPOSTAS

Desenvolver uma ética ambiental: “Todo o sistema econômico e social é construído sobre pressupostos éticos [...]”¹⁹. Parafraseando Henrique Leff nosso sistema econômico foi criado sobre o pressuposto do Homem da Idade Moderna de que não existe problema no egoísmo do Homem e o acúmulo de capital deve ser encorajado; e da crença da sociedade cristã ocidental na superioridade do Homem em relação ao restante do Meio Ambiente e seu domínio divinamente instituído sobre o mesmo (LEFF, 2015).

¹⁹ As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.

A racionalidade econômica faz com que o trabalho seja visto como um processo diário e não como um espaço para a criação e satisfação profissional. O empregado é visto apenas como mão de obra e o Meio Ambiente como fábrica da matéria-prima necessária para o cumprimento do trabalho. No fim todos trabalham, seja patrão, seja empregado, e vivem com o simples objetivo de resolver suas necessidades, sendo a maior parte delas falsas necessidades, criadas pela própria racionalidade econômica (LEFF,2015). O subproduto de tal sistema é:

[...] o desmatamento, a perda da biodiversidade genética dos recursos bióticos, a extinção de espécies, a erosão dos solos e a perda da fertilidade das terras, a desertificação, a contaminação química da atmosfera, dos solos e dos recursos hídricos, a produção e a disposição de resíduos tóxicos e lixo radioativo, as chuvas ácidas geradas pela industrialização e destruição da camada foliar da floresta, o aquecimento global e a rarefação da camada de ozônio (LEFF, 2015).

A ética ambiental, que é contraponto desse sistema econômico racional, deve ser construída com “o propósito de conseguir um ordenamento racional do ambiente, sem exigir que o ambiente funde uma nova racionalidade, que a degradação ambiental não se resolva com os instrumentos da racionalidade econômica.” (LEFF, 2015). Por seguinte, é necessário que o trabalho recupere o seu status de profissão, o empregado de profissional e o Meio Ambiente de provedor, que junto ao Homem possa suprir as suas necessidades com uma relação Homem/Meio Ambiente respeitosa e de mão dupla, até que o Homem volte a fazer plenamente parte do Meio Ambiente, como mais um de seus filhos.

Rever a visão de Terra: “Todos moramos juntos na Casa Comum que é a Terra e juntos se entreejudam para se alimentar, se reproduzir e coevoluir.” (BOFF, 2012 p.9). Para a construção dessa Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente, é importante, em primeiro lugar ter esse conceito em mente e se superar a ideia de que o Meio Ambiente é algo separado do Homem e aceitar que o Homem faz parte dele. Segundo Leonardo Boff, os astronautas que alcançaram a Lua disseram que “daqui da Lua ou de nossas naves não existe diferença entre Terra e Humanidade” (BOFF, 2012 p.11). Ele conclui esse pensamento dizendo que o Homem com a Terra formam “uma única e irradiante realidade” (BOFF, 2012 p.11).

Para que o atual estado de degradação do Meio Ambiente seja revertido, não basta que se desenvolva uma tecnologia mais limpa, pois isso simplesmente faria que tal estado não avançasse mais, é necessário se pensar uma vida humana em harmonia com o Meio Ambiente, com a Terra. “Ela não é apenas uma composição de terras elevadas, oceanos, lagos e rios.” (BOFF, 2012 p.11), mas é o lar do Homem, e que vida pode ser vivida em um lar caindo aos pedaços?

A dificuldade de uma mudança paradigmática tão grande é compreensível, pois o Homem nasceu em um meio pronto e se desenvolveu nele aprendendo a ser como ele. Em seu livro²⁰, Leonardo Boff atribui a seguinte frase a Albert Einstein: “É mais fácil quebrar um átomo do que desmontar um preconceito.” (BOFF, 2012 p.23), no entanto, ainda assim, é necessário se trabalhar por um novo pensamento, “Caso contrário podemos conhecer o caminho já percorrido pelos dinossauros.” (BOFF, 2012 p.23).

²⁰ As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.

Restaurar a natureza humana do cuidado: Em sua obra²¹, Leonardo Boff conta uma fábula que por si só serve muito bem para explicar essa proposta. Esta é a Fábula-Mito do Cuidado que pode ser lida abaixo:

Certo dia, ao atravessar o rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse o espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir seu nome à criatura, pois foi feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De acordo pediram para Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

‘Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte da criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob os seus cuidados enquanto ela viver.

²¹ Saber Cuidar: Ética do Humano – Paixão pela Terra.

*E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura se chamara Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil*²².

Segundo Boff, o cuidado faz parte da natureza do Homem, porém, por conta do modo- de-ser-trabalho²³, que Leff chamaria de racionalismo econômico, essa natureza foi deixada em stand by e é isso que a metáfora do conto acima expressa, o fato de que o Homem foi moldado pelo Cuidado e que esse é quem o acompanha durante a sua vida, ao menos deveria. Logo, torna-se essencial que o Homem passe a viver um modo-de-ser-cuidado, para que as demais propostas possam ser perseguidas.

Superar o Dualismo Corpo/Alma: Como visto no tópico anterior, o Dualismo Corpo/Alma da Teologia Pentecostal é um empecilho para a formulação de uma Teologia em harmonia com o Meio Ambiente, pois essa linha de pensamento coloca tudo do âmbito físico abaixo das coisas ditas do âmbito espiritual e por isso, para a formulação de tal Teologia se faz necessária a superação desse pensamento, já “que o dualismo corpo/alma presente no cristianismo é elemento estranho oriundo do pensamento e cultura helênica.” (ALBANO, 2010 p.39), logo, este não deveria ser defendido com tanto afinco.

Albano apresenta em sua Dissertação de Mestrado um pensamento conhecido como Unidade Condicional do ser Humano. De acordo com essa linha de pensamento, o Homem é composto por corpo, alma e espírito, assim como no Tricotomismo. Todavia, essa separação só aparece no ato da morte,

²² BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014 p.51 e 52.

²³ Termo cunhado por Leonardo Boff no mesmo livro.

entre o seu nascimento e este momento, corpo, alma e espírito são completamente unificados, não demonstrando distinção entre essas partes, o que o Monismo chama de Homem Pleno.

Com esse pensamento o Homem pode ter a esperança cristã intacta, porém tende a deixar de lado a hierarquização das naturezas, já que enquanto está nessa vida ele de forma alguma é corpo, alma e espírito, mas apenas corpo e nesse corpo está comportada a capacidade de interagir com o mundo, que se perde com a morte, a consciência e a capacidade de se comunicar com o divino, os quais desprendem no ato da morte. O Meio Ambiente é tão mundano quando o Homem e, portanto, merece ser cuidado e viver plenamente como ele.

Abrir-se para a abrangência da atuação do Espírito Santo: O cristão pentecostal clássico tenciona a ver as manifestações do Espírito Santo restritas ao ato da salvação (manifestada na vida individual no momento da conversão), no momento do batismo com o Espírito Santo e nas manifestações dos dons do Espírito, principalmente o falar em línguas. Apesar de sempre alardear sobre a imprevisibilidade de Espírito Santo e que segundo seu próprio linguajar, não se deve pôr o Espírito Santo em uma caixinha.

No entanto, conforme o Dr Claiton Pommerening:

Viver segundo o Espírito não é apenas receber a sua ajuda para ter uma vida confortável, mas é também fazer opção a favor dos pobres, permitindo-lhes acesso a bens básicos de consumo, ao trabalho, à renda, à moradia, segurança e educação. E ainda, promover a liberdade, a justiça social, viver a essência do amor a qualquer custo, cuidar

*da natureza, permitir abençoar e ampliar a comunhão cristã com o exercício dos dons e receber sua inspiração para a criatividade e para as artes*²⁴.

Parte da ação do Espírito Santo está em fazer do Homem um imitador de Cristo. Cristo nos ensina sobre o cuidado com a vida acima da Lei. A vida não é monopólio do Homem, mas está espalhada por todo o Meio Ambiente e merece em seu todo, não apenas no Homem, todo o cuidado que Cristo ensinou. Portanto, um cristão que se diga movido pelo Espírito Santo deve, além de falar em línguas e manifestar os dons espirituais, imitar a Cristo tratando a vida como um todo com o mesmo cuidado que Cristo nos trata, e isso abrange o Meio Ambiente.

Aderir a uma visão integral do Evangelho: Diferente do tradicionalismo, que prega a função da Igreja no mundo simplesmente como pregar o Evangelho a toda criatura, a Teologia da Missão Integral acredita que seu “envio não se restringe a uma atividade missionária para fins exclusivos de propagação da fé cristã e fundação de novas igrejas.”²⁵.

Para se alcançar uma visão integral do Evangelho, é de suma importância o entendimento de que “A Igreja não é uma entidade isolada do mundo, mas ela o integra e participa direta ou indiretamente da sua transformação.” (SANCHES, 2009 p.145). O Cristão deve imitar a Cristo, onde a menor parte de sua pregação foi evangelística, mas sim, foi quase toda, destinada a falar da justiça do Reino dos Céus que vinha com Ele.

²⁴ POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma Proposta Pneumatológica para o Pentecostalismo. Disponível em:

<http://www.azusa.ceeduc.edu.br/index.php/azusa/article/view/123/107> Acesso em: 05/09/2016 p.10.

²⁵ SANCHES, Regina Fernandes. Teologia da Missão Integral: História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo-SP: Reflexão, 2009 p.145.

Assim, esse imitador de Cristo deve seguir os passos de seu mestre, pregando uma transformação do mundo por meio do Reino dos Céus já está presente em Cristo, na pessoa do Espírito Santo e trabalhar para a sua implantação na Terra (SANCHES, 2009).

Em uma de suas obras²⁶, John Spot afirma que a Criação pertence a Deus e foi sim delegada ao Homem, não obstante, essa delegação de forma alguma faz com que a Criação deixe de ser de Deus e passe a ser do Homem. Em vista disso, o Homem não tem um direito destruidor sobre a Criação, já que ela está sob a sua posse, mas isso não passa de um empréstimo. Deus permitiu que o Homem dominasse sobre a Criação, no entanto, esse domínio deve se manifestar como o domínio de Deus sobre os seus servos, domínio que de forma alguma é escravagista, mas sim suave²⁷.

É completamente inaceitável que um cristão que se diga filho de Deus e imitador de Cristo tenha descaso com o Meio Ambiente, que leva a selo do Pai. O discípulo radical²⁸ deve economizar energia e água, não apenas para economia de dinheiro, mas para a economia dos recursos naturais. Ele deve comprar apenas o alimento necessário para o seu sustento, evitando assim, que venha a estragar e ser jogado fora. Deve se policiar para sempre que possível comprar apenas produtos de empresas que sigam uma ética ambiental e deve militar, junto a ONGs, ONU e seu governo por um desenvolvimento sustentável da sociedade (STOTT, 2011), a fim de que as

²⁶ O Discípulo Radical de 2010 da editora Ultimato.

²⁷ STOTT, John. O Discípulo Radical. Viçosa-MG: Ultimato, 2011

²⁸ Termo cunhado por John Stott que se refere a um cristão que leva os ensinamentos de Cristo até os últimos extremos.

futuras gerações possam desfrutar de tudo o que se pode desfrutar hoje (BOFF, 2012).

Repensar conceitos escatológicos engessados: Boa parte do descaso do cristão em relação ao Meio Ambiente se dá por conta de conceitos escatológicos equivocados. Apesar de não ter nenhum texto bíblico com suficiente força para se afirmar tal, insiste-se em acreditar que o cristão viverá em um céu além e todo o restante da Criação será queimada.

Em seu livro²⁹, Jürgen Moltmann e Levi Bastos trazem a ideia de que, já que o pecado não afetou apenas o Homem, mas toda a Criação, o Sacrifício Vicário de Cristo não foi para salvar apenas o Homem das garras do pecado, mas toda a Criação, que como o Homem, era mantida como sua prisioneira. O Homem foi justificado na cruz, assim como toda a Criação, conseqüentemente, negligenciar a Criação é algo muito próximo a negligenciar uma alma, já que ambas foram alvo do amor infinito do Cristo na cruz³⁰.

Desse modo, faz-se também importante entender que o Homem é parte do Meio Ambiente e assim como o Meio Ambiente sofre ao perder algum de seus componentes ele sofreria ao perder o Homem, da mesma forma nenhum dos componentes do Meio Ambiente pode viver fora dele, nem mesmo o Homem. Moltmann corrobora isso quando diz que “a escatologia cristã não pode ser reduzida à escatologia humana nem a escatologia humana à salvação da alma num céu além. Não há alma sem corpo humano, nem

²⁹ O Futuro da Criação de 2011 da editora Mysterium.

³⁰ MOLTSMANN, Jünger; BASTOS, Levy. O Futuro da Criação. Rio de Janeiro-RJ: Mysterium Mauad X, 2011

existe o humano sem o sistema de vida nesta Terra, nem a Terra sem o universo.”³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas do último tópico deste Artigo Científico não são sequer o começo da resolução do Problema do Meio Ambiente, entretanto, cumpri-las pode iniciar um processo de melhoria da relação entre o Homem e o Meio Ambiente, sendo esse o primeiro passo para se resolver o Problema do Meio Ambiente.

Para concluir, o cristão pentecostal deve entender que “Desta vez, não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Ou nos salvamos todos, ou nos perderemos todos.” (BOFF, 2012 p.14).

REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-104185/dualismo-corpoalma-na-teologia-pentecostal> Acesso em: 01/09/2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro-RJ: Mar de Ideias: Navegação Cultural, 2012.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

³¹ MOLTSMANN, Jürgen. Ciência e Sabedoria: Um Diálogo entre Ciência Natural e Teologia. São Paulo-SP: Loyola, 2002 p.98.

HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2015.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. Ciência e Sabedoria: Um Diálogo entre Ciência Natural e Teologia. São Paulo-SP: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jünger; BASTOS, Levy. O Futuro da Criação. Rio de Janeiro-RJ: Mysterium e Mauad X, 2011.

ONU, Organização das Nações Unidas do Brasil. Conheça os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/> Acesso em: 21/09/2016.

PIMENTA, João Paulo. História do Presentismo, História Presentista? A propósito de Regimes de historicidade, de François Hartog. São Paulo: Revista Histórica, no.172, Janeiro 2015.

POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma Proposta Pneumatológica para o Pentecostalismo. Disponível em: <http://www.azusa.ceeduc.edu.br/index.php/azusa/article/view/123/107> Acesso em: 05/09/2016.

SANCHES, Regina Fernandes. Teologia da Missão Integral: História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo-SP: Reflexão, 2009.

STOTT, John. O Discípulo Radical. Viçosa-MG: Ultimato, 2011.

WESTPHAL, Euler Renato. O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul- SC: União Cristã, 2004.

A PERSUASÃO DA FÉ SEGUNDO BARTOLOMEU DE LAS CASAS E A TEOLOGIA ATUAL

FAITH OF PERSUASION SECOND BARTOLOMÉ DE LAS CASAS AND THEOLOGY CURRENT

Fernando Cardoso Bertoldo³²

RESUMO

O presente artigo consiste em um estudo tendo como tema a persuasão da fé segundo o frei dominicano Bartolomeu de Las Casas em sua obra “O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião”. Este texto sintetiza a profunda visão teológica do evangelho de Las Casas, da evangelização ligada à promoção da justiça e da solidariedade entre os povos. Faremos uma breve contextualização da pessoa de Bartolomeu de Las Casas em seu tempo e logo uma sintética exposição dos motivos apresentados no capítulo segundo pelo autor do livro ‘O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião’. Realizadas algumas considerações preliminares e a apresentação das teses do autor sobre a persuasão da fé, analisaremos a relação entre os ensinamentos de Las Casas com a teologia de nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Verdadeira religião; Teologia atual; Bartolomeu de Las Casas

³² nandobertoldo@hotmail.com

ABSTRACT:

This article consists of a study on the subject of persuasion of faith according to the Dominican friar Bartolome de Las Casas in his work 'The only way to attract all people to the true religion'. This text summarizes the profound theological vision of Las Casas gospel, evangelization linked to the promotion of justice and solidarity among povos. Faremos brief background of Bartolomé de Las Casas person in your time and then a summary of the reasons given in second chapter the author of 'the only way to attract all people to the true religion'. Carried out some preliminary considerations and the presentation of the author's thesis on the persuasion of faith, we will examine the relationship between the teachings of Las Casas with the theology of our time.

KEYWORDS: True religion; Current theology; Bartolomé de Las Casas

1. BARTOLOMEU DE LAS CASAS E SEU TEMPO**1.1 Problemas da colonização**

Frei Bartolomeu de Las Casas foi um religioso da ordem dos dominicanos que viveu na América Latina na década de 1520. Fez parte da Escola de Salamanca fundada pelo mestre dominicano Francisco de Vitoria. As principais vozes da teologia da América Latina estão na Escola de Salamanca. No século XVI os cinco colégios mais importantes, formando uma rede jesuíta, eram em: Roma, Salamanca, Coimbra, Praga e Lima. Podemos dizer que, já neste tempo, os jesuítas trabalhavam em rede, seu mundo era amplamente comunicado.

Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 11, n.1, jan./jun. 2020.

A teologia e o trabalho de Francisco de Vitoria foram a mais importante inspiração para Bartolomeu de Las Casas. Os temas centrais do estudo deste autor giraram em torno da conquista e da questão da guerra justa. O texto “O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião” é sobre a evangelização e será objeto de estudo para o presente trabalho. Este notável dominicano espanhol dedicou grande parte de sua longa existência (1484-1566) ao firme objetivo de proteger a vida, cultura e independência dos nativos do Novo Mundo.³³ No seu esforço por influenciar a monarquia espanhola para que esta não só decretasse, mas também aplicasse leis humanitárias que resultassem na conversão dos nativos ficaram famosas as suas “disputas apologéticas” contra o filósofo aristotélico espanhol Ginés de Sepúlveda favorável à escravidão dos índios.³⁴

Filho de um modesto comerciante espanhol, Bartolomeu de Las Casas nasceu em Sevilha em agosto de 1474. Participou da segunda viagem de Cristóvão Colombo para as Índias motivado pelo empobrecimento de seu pai³⁵. Ao retornar a Sevilha adquiriu sólidos conhecimentos de latim, talvez em preparação ao clericalismo³⁶. Partiu para a Ilha Espanhola (hoje, República de São Domingo ou Haiti), em 1502 ou 1503, chegando em 15 de abril. Como a maioria, Bartolomeu estava motivado pelo espírito aventureiro e explorador de riquezas, logo se adaptando ao entusiasmo do grande movimento da colonização.

³³ INSTITUTO DE COOPERACIÓN IBEROAMERICANA. EN EL QUINTO CENTENARIO DE BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. Madri: Ediciones Cultura Hispánica, Instituto de Cooperacion Iberoamericana. Gráficas Góes – Cea Bermúdez. 1986.p.7.

³⁴ NASCIMENTO FILHO, A. J. Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal: uma questão de alteridade com os povos do novo mundo. São Paulo: Loyola. 2005. . p.13.

³⁵ 4FERNANDEZ, M. G. Breve Biografía de fray Bartolomé de Las Casas. Sevilha: Facultad de Filosofia y Letras. 1966. p.8

³⁶ cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. 1966. p.9.

As condições das colônias vinham ao encontro dos interesses dos colonizadores, as terras eram consideradas “coisa de ninguém” e por isso podiam ser ocupadas e, se necessário, invadidas a mão armada³⁷. E a população nativa, chamada de os “Índios” era considerada mão de obra gratuita que deveria ser apenas mantida e guiada para execução do trabalho em prol dos fiéis católicos e espanhóis³⁸.

1.2 O Sistema Colonial e os missionários dominicanos

Em 1503 é aprovado o sistema das encomendas que era “a forma de apropriação e cultivo da terra, consistindo em atribuir a um colono uma porção de solo e a parte da população indígena que nele habita, para que trabalhe gratuitamente para o feliz encomendero”³⁹. Bartolomeu de las Casas viajou depois a Roma, onde terminou os estudos e se ordenou sacerdote em 1507. Isabel de Castela, a rainha a quem o papa dera licença para se intitular “A Católica”, considerava a evangelização dos índios uma importante justificativa para a expansão colonial e, como tal, insistia para que sacerdotes estivessem entre os primeiros a se fixarem na América.

Em 1510, Bartolomeu de Las Casas retornou a Ilha Espanhola, agora como missionário. O almirante Diego Colón lhe concedeu uma excelente fazenda, um repartimento ou encomienda de índios, dedicando-se assim ao trabalho pastoral. Os dominicanos contrários à encomienda, dados os abusos cometidos contra os índios, não mudaram sua opinião, mas frei Bartolomeu defendia a instituição. Esse sistema de colonização vai conhecer sua primeira contestação e passará pelas primeiras turbulências com a vinda dos

³⁷ cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. 1966, p.10.

³⁸ cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. 1966 p.10.

³⁹ cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. 1966, p.11.

Frades Dominicanos em 1510⁴⁰. Estes não apenas condenam os grandes desvios dos conquistadores, mas exigem um novo modelo de colonização orientado pela justiça social e inspirado na fraternidade evangélica⁴¹.

Em 21 de Dezembro de 1511, Bartolomeu escutou o célebre Sermão do Advento por Frei António de Montesinos, no qual este defendia a dignidade dos indígenas e um começo de um esforço de humanizar a colonização. Mas na prática, apesar do célebre discurso, acabou prevalecendo o espírito de acomodação no mundo eclesiástico e civil⁴². O profundo impacto daquela pregação e o efeito da presença e da atitude missionária dos dominicanos se concretizará na conversão de Las Casas. Aquele discurso levou Bartolomeu de las Casas a uma nova atitude, e ele passou a pregar contra o sistema de encomienda, denunciando-o como injusto.

1.3 Nova etapa na vida de Bartolomeu de Las Casas

Neste momento Bartolomeu de Las Casas já é sacerdote (um bom padre colonizador) entra em contato com os Dominicanos em 1510. O clérigo Las Casas foi o primeiro presbítero ordenado no Novo Mundo. Apesar de apreciar a vida e doutrina dos frades, mantém distância no que diz respeito à justiça social por ser um homem consagrado à causa da colonização. Mas Las Casas apesar de ser um modelo para os demais colonizadores, nutre certa simpatia pela população do país. Ele se converte a causa dos índios e da Justiça social em 1514. No primeiro momento, tenta

⁴⁰ CASAS, B. de L. Único modo de atrair todos os povos, à verdadeira religião. Obras Completas I. Josaphat, Carlos (org.) São Paulo: Paulus. 2005.p.12.

⁴¹ CASAS, B. de L. 2005.p.12.

⁴² CASAS, B. de L. 2005. p.13.

conciliar a competência dos europeus com a capacidade de trabalho dos habitantes da América. No entanto suas experiências religiosas terminam em banho de sangue entre os colonos espanhóis e os índios. Esse fracasso dá um novo rumo a vida de Las Casas, em 1521 que assume a inteira responsabilidade pelo o ocorrido, pretende retomar a experiência com mais amor e cuidado, sofrendo neste momento ainda mais influencia dos dominicanos⁴³. Resolve entrar para a Ordem dos Dominicanos.

Após a sua conversão considerava, então, que os únicos donos do Novo Mundo eram os índios, e que os espanhóis só deviam ir para lá para o trabalho de conversão. Renunciou a todas as suas encomiendas e iniciou uma campanha de defesa dos índios, mostrando tudo o que havia de injusto do sistema. Os encontros de Las Casas com reis, com ministros e com conselheiros são inspirados por sua ação apostólica numa espécie de espiritualidade do diálogo e mesmo da discussão.⁴⁴ A justiça social na visão, na ação e na luta de Las Casas foi “uma lição que ele dá por sua caminhada progressiva, pela coerência de sua vida que vai amadurecendo, vendo sempre melhor, e melhor realizando as exigências da justiça social, dentro ou no confronto com um sistema que ele procura analisar, criticar e se possível modificar”⁴⁵. É importante salientar que na raiz da ação apostólica e social de Las Casas, segundo Frei Carlos Josaphat, encontra-se um grande projeto com os seguintes objetivos: 1) “estabelecer contato fraterno entre povos América e Espanha, em uma base de estima e de respeito mútuo; 2) criar comunidades visando reconhecer e praticar a igualdade de direitos e valorização das culturas em suas diferenças; 3) juntar evangelização e

⁴³ CASAS, B.de L. 2005. p.15.

⁴⁴ CASAS, B. de L. 2005.17.

⁴⁵ CASAS, B. de L. 2005. p.19.

promoção da justiça, em um clima de liberdade, de maneira que os Índios possam aceitar ou recusar a fé que lhes é proposta”⁴⁶.

2. SOBRE A QUESTÃO DA PERSUASÃO DA FÉ EM LAS CASAS

A conclusão ou tese fundamental do frei Bartolomeu de Las Casas posta no Capítulo Primeiro do livro Único Modo de atrair os povos à verdadeira religião, Obras completas, consiste em que

*O modo estabelecido pela divina Providência para ensinar os homens à verdadeira religião foi único, exclusivo e idêntico para todo o mundo e todos os tempos, a saber: com razões persuadir o entendimento e com suavidade atrair e exortar a vontade. E deve ser comum a todos os habitantes da terra, sem discriminação alguma em razão de seitas, erros ou costumes depravados*⁴⁷.

A conclusão desta afirmação é desenvolvida ao longo da obra por muitas provas: como por razões; pelos modelos da Escritura; pelos modelos dos antigos Padres; pela missão e pela forma de pregar estabelecida ao longo da vida de Cristo; pelos Apóstolos; por testemunhos dos santos doutores, pelo costume antiquíssimo da Igreja e pelos numerosos decretos da mesma. Pretendemos com este estudo prestar mais atenção às demonstrações do modo mediante razões e pela persuasão e suavidade pelos exemplos da Escritura.

⁴⁶ CASAS, B. de L. 2005. p. 22.

⁴⁷ CASAS, B. de L. 2005. p.59.

2.1 Demonstração do único modo mediante razões

O primeiro argumento exposto por Las Casas diz respeito ao modo único próprio à sabedoria Divina de, com delicadeza, doçura e suavidade mover as criaturas racionais, os homens, às atividades e operações. Portanto em assim sendo o modo da sabedoria Divina de atuar, também o modo humano de encaminhar à verdadeira religião deve acontecer da mesma forma. Igualmente o modo é único conforme à natureza e à condição da criatura racional que por causa da liberdade de seu arbítrio deve escutar, obedecer e dar sua adesão voluntariamente. Aduz ainda que a proposição menor desta causa esta em que a doçura atrai enquanto a dureza afasta.

A fé pressupõe o querer, não podendo ser imposta e isso não se pode conseguir se as verdades da fé cristã não forem postas de forma delicada, doce e suave. O modo de ensinar a fé e a religião deve ser, também, persuasivo com relação à inteligência. A vontade deve ser atraída e exortada, pois a vontade determina o intelecto aduz Las Casas segundo São Tomás. Finaliza afirmando Las Casas que “Logo é verdade, é muitíssimo verdade, que o modo de ensinar e encaminhar ou atrair à fé e á religião cristã aqueles que estão fora dela, há de ser persuasivos para a inteligência e atraente, estimulante e exortativo para a vontade”⁴⁸.

No que concerne à harmonia da inteligência e da vontade no ato de fé, prossegue o autor, que se faz necessário possibilitar tempo, tranquilidade e sossego para que a razão discorra livre e suficientemente e daí a inteligência julgue e admita que aquilo é verdade.⁴⁹ Seria uma grata persuasão para a inteligência e um convite atraente para a vontade, fundamenta estas ideias

⁴⁸ CASAS, B. de L. 2005. p.69.

⁴⁹ CASAS, B. de L. 2005. p.73.

na doutrina de Santo Tomás de Aquino. Essa doutrina é provada considerando que o desejo e o amor vêm do conhecimento, ou seja, não amamos aquilo que não conhecemos. Na sequência dos argumentos elencados pelo autor, que com sua boa formação de jurista, tenta provar uma única forma de pregar a fé católica, traz a importância da retórica na comunicação da fé e relembra Santo Agostinho ao afirmar que o pregador da verdade “deve conquistar o ânimo de seus ouvintes, torná-los bem dispostos, ensinar, deleitar e convencer os dóceis e atentos”⁵⁰.

Aborda, ainda, a semelhança dos caminhos da fé e da ciência, no sentido de que o modo de encaminhar os homens à religião cristã deve ser semelhante ao modo de levá-los a ciência, ambas pressupõem algo no ser humano. A ciência são os princípios universais e a fé pressupõe o conhecimento que se pode ter de Deus nesta vida e o desejo natural do bem e da ciência, pois qualquer doutrina e aprendizagem partem dum conhecimento prévio.

Esta aprendizagem, tanto da ciência como da fé, o ‘hábito de princípio’ menciona o autor, precisa de um guia e deve ser adquirida pouco a pouco, o que Las Casas denomina como a ‘paciente pedagogia da fé’. Ilustra também suas razões por exemplos de filósofos que demonstram a fundamentação do método ‘lascasianos’.

2.2 Demonstração do único modo da persuasão pelos exemplos da Escritura

Nesta etapa da obra, Las Casas traz mais uma argumentação para demonstrar a validade do modo de ensinar e instruir os homens na fé e na

⁵⁰ CASAS, B. de L. 2005. p.80.

religião que seja persuasivo para o entendimento e suavemente atrativo, motivador e exortativo para a vontade pelos exemplos da Sagrada Escritura. O ponto de partida são os patriarcas e os justos da Bíblia, que devem ser seguidos como modelo pela forma com que ensinaram aos homens a verdadeira religião e conservaram durante todos os tempos seguintes na Igreja de Deus em meio a todas as suas situações. Uma só e a mesma é a fé dos antigos e dos modernos e, ”por conseguinte, é conveniente que seja uma só maneira de ensiná-la”⁵¹.

O seu modo de ensinar era na forma de exortação paterna: pacífico, suave, tranquilo, agradável, exortatório, pausado, não repentino ou turbulento. Modo este utilizado por aqueles dotados de prudência, exortando a segui-lo, pois vem ao encontro do único modo de persuasão defendido por Las Casas. Traz diversas passagens da Sagrada Escritura para demonstrar a aplicação desse modo quando fala sobre os ensinamentos e atitudes de Judá e de seus filhos dentre estes Zabulon, o patriarca Dan, Neftali, Aser, José dentre outros.

Depois dos doze patriarcas dá ênfase a Moisés como o “mais paciente de todos os homens”⁵² e que inaugura a longa escola dos sábios e reis de Israel. Apresenta as palavras de Moisés para demonstrar como este usou, ao ensinar, a lei de Deus, a religião e seu culto de um modo persuasivo para o entendimento, atrativo e exortativo para a vontade. Ilustra com o exemplo de outros reis como Josias, o ancião Tobias e ressalta que nos livros sapienciais Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico é possível encontrar o modo paternal de ensinar os homens.

⁵¹ CASAS, B de L. 2005. p.103.

⁵² CASAS, B. de L. 2005. p.116.

Encerra com os profetas, gestos e oráculos, concluindo que o modo de ensinar usado pelos santos Padres e seus sucessores ao propor a fé, foi persuasivo para o entendimento e atrativo, motivador, exortativo para a vontade logo. Prossegue Las casas, é o modo que deve ser totalmente seguido no ensinamento da fé e da religião cristã.

2.3 A evangelização no novo mundo

O regime de conquista e encomiendas espanhola no Novo Mundo cresciam de forma acelerada. O projeto de colonização estava alicerçado no fundamento religioso. A religião e a política estavam unidas pelo regime de Padroado entre a Igreja e a Coroa Espanhola. E, no fim dos vinte primeiros anos de conquista, as encomiendas se contavam aos milhares, do mesmo modo que se multiplicavam as Paróquias e as casas religiosas. Já a partir de 1510, estabeleciam-se vários bispados. No início, o contato dos colonizadores com os indígenas aconteceu de forma pacífica. Contudo, com o passar do tempo, os colonizadores começaram a empreender uma conquista armada e sanguinária, submetendo os nativos pela força das armas europeias, e despojando-os de quaisquer tesouros que fossem encontrados.

Em vista das atrocidades que estavam sendo cometidas, reis e papas legislaram a favor dos índios, mas com pouco efeito, pois o controle sobre as províncias do além-mar era muito difícil. Os abusos continuariam ao longo da história da colonização. A sua presença se justifica porque entre os objetivos da Conquista estava a cristianização dos povos dominados. Muitos destes missionários foram complacentes com o uso da violência e se beneficiavam da exploração dos índios. Por decisão do superior da Ordem Dominicana em 1508, propõe-se o envio de missionários dominicanos espanhóis para a América. Aqui chegados em 1510, os

religiosos, formados pela escola humanitária de Salamanca, logo percebem a violência e atrocidades com que eram tratados os indígenas.

No celebre sermão de Frei Antônio de Montesinos pregado no quarto domingo do Advento de 1511, esta situação começa a ter outro olhar. Pela força e dureza de suas palavras, Montesinos critica o modelo de violência empregado contra os indígenas.

A sua presença se justifica porque entre os objetivos da Conquista estava a cristianização dos povos dominados. Muitos destes missionários foram complacentes com o uso da violência e se beneficiavam da exploração dos índios. Por decisão do superior da Ordem Dominicana em 1508, propõe-se o envio de missionários dominicanos espanhóis para a América. Aqui chegados em 1510, os religiosos, formados pela escola humanitária de Salamanca, logo percebem a violência e atrocidades com que eram tratados os indígenas. No celebre sermão de Frei Antônio de Montesinos pregado no quarto domingo do Advento de 1511, esta situação começa a ter outro olhar. Pela força e dureza de suas palavras, Montesinos critica o modelo de violência empregado contra os indígenas.

Estas palavras abalaram por um momento os colonizadores e as autoridades, a começar pelo Governador, pois toda a população tinha sido convidada a escutar a pregação do frade. Foram o começo de um esforço de humanizar a colonização, impelindo à promulgação de novas leis.⁵³

⁵³ CASAS, B. de L. 2005, p.13.

Mas o grande efeito renovador da presença e da atitude dos dominicanos se concretizará e se perpetuará na história com a conversão de um sacerdote de origem espanhola, chamado Bartolomeu de Las Casas, que mais tarde, se tornará também dominicano. Este último, de sacerdote e fazendeiro de então, tornar-se-á um dos maiores defensores das populações indígenas no Novo Mundo, contrário ao método de violência empregado até então. Bartolomeu “considerou as injustiças infligidas aos Índios, a iniquidade praticada na escravidão deles e na invasão de suas terras”.⁵⁴ Sua conversão aparece como um processo racional livre, fundado no

Evangelho e no espírito de justiça e solidariedade que move o ser humano a fazer o bem ao semelhante. Buscará promover o direito dos índios, sem deixar de trabalhar para o bem dos compatriotas espanhóis. Las Casas, num primeiro momento, quer juntar a competência dos europeus e a capacidade de trabalho dos indígenas, irmaná-los numa grande família e comunidade. Mas, “como lançar e fazer prosperar pequenas unidades fraternas, que chama sempre de ‘comunidades’, inserindo-as em um sistema dominado pela ambição e pelos interesses do poder político, econômico e religioso?”⁵⁵. Suas experiências generosas terminam com um banho de sangue em território venezuelano, onde os índios acabam assassinando os colonos.

Eleito Bispo de Chiapas, no México em 1543, continuou a sua obra de evangelização dos indígenas de forma pacífica. Não sendo bem acolhido pelos colonizadores, por causa de sua postura e das Novas Leis promulgadas pela Coroa, que reconheciam os direitos indígenas. Apaixonado pelos Índios

⁵⁴ CASAS, B. de L. 2005, p. 14.

⁵⁵ CASAS, B. de L. 2005, p. 15.

e pela cultura deles publicou inúmeras obras a favor dos mesmos. Infelizmente, muitas delas só foram redescobertas nos últimos anos. Entre as principais, destaca-se “O único modo de atrair todos os povos à verdadeira Religião” e “Brevíssima Relação de destruição das Índias”. Ele “reconheceu que a luta pela justiça exigia um trabalho profundo sobre as consciências, uma atividade ampla e permanente de pregação para chegar a influenciar os costumes, orientar os responsáveis, criar uma nova cultura e mudar o próprio sistema”. Retornou para a Espanha em 1547 e nunca mais voltou para a América. Lá corrigiu e publicou seus escritos. Todavia, em 1552 as suas obras foram censuradas e proibidas de leitura. Morreu aos 92 anos de idade no convento dominicano de atocha. Além dos Franciscanos e Dominicanos, chegavam à América, os padres da Companhia de Jesus no Brasil em 1549, no Perú 1567, no México em 1572 e na Nova França (hoje Estados Unidos e Canadá) em 1611.

REFERÊNCIAS

CASAS, Bartolomeu de Las. Único modo de atrair todos os povos, à verdadeira religião. Obras Completas I. Josaphat, Carlos (org.) São Paulo: Paulus. 2005.

FERNANDEZ, Manuel Gimenez. Bartolomeu de las Casas. Volume I. Delegado de Cisneros para la reformacion de las Indias. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla.1953,

FERNANDEZ, Manuel Gimenez. Breve Biografía de fray Bartolomé de Las Casas. Sevilla: Facultad de Filosofia y Letras. 1966

INSTITUTO DE COOPERACIÓN IBEROAMERICANA. EN EL QUINTO CENTENARIO

DE BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. Madri: Ediciones Cultura Hispánica, Instituto de Cooperacion Iberoamericana. Gráficas Góes – Cea Bermúdez. 1986.

NASCIMENTO FILHO, Antônio José do. Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal: uma questão de alteridade com os povos do novo mundo. São Paulo: Loyola. 2005.

A MISSIO DEI E A INTEGRALIDADE DA MISSÃO: O RESGATE DA MISSÃO INTEGRAL DA IGREJA NA HISTÓRIA, TEOLOGIA E PRÁTICA NO CONTEXTO DA LATINA AMÉRICA.

Luciano Azambuja BETIM⁵⁶

Francisco Javier CÁCERES⁵⁷

RESUMO

No que tange a igreja evangélica latina americana, este artigo propõe esclarecer o desenvolvimento tanto missionário, quanto missional⁵⁸, focando no que chamamos de integralidade da missão na sua história, teologia e prática. Este movimento tem beneficiado a igreja e sociedade latina americana? Se não, então merece ser descartada e esquecida, porém, se sim, então merece ser valorizada e praticada. O artigo é baseado em pesquisa bibliográfica de tradição cristã. Entre os diferentes posicionamentos, uma teologia vinda do cenário Católico da chamada teologia da libertação (TL), uma ideologia política partidária batizada pela teologia, ou uma verdade bíblica que permeia toda a sua narrativa. Com

⁵⁶ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Pós-graduado em Estudos Teológicos pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (Mackenzie); Pastor na Igreja Presbiteriana do Brasil; E-mail: lucianobetim@outlook.com.br

⁵⁷ Graduando em teologia pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana; Missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil; E-mail: franciscojaviercaceresnavarro@gmail.com

⁵⁸ Entende-se como missional a identidade da igreja como instrumento de transformação do mundo, especialmente, em seu círculo mais imediato e que faz referência ao seu contexto social. CARRIKER, Timóteo. 2018.

humildade é apresentada a busca por uma compreensão histórica, teológica e de práxis da integralidade da missão, sendo de caráter natural da *Missio Dei*⁵⁹, vivenciada e confirmada pela igreja no decorrer da sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Cristologia; Igreja; Integralidade; Missão; Missional; *Missio Dei*; Reino de Deus.

ABSTRACT

This article proposes clarifying missionary and missional development, focusing on what we call the integrality of mission in its history, theology and practice. Has this movement benefited the Latin American church and society? If not then it deserves to be discarded and forgotten, but if so, then it deserves to be valued and practiced. The article is based on bibliographical research of Christian tradition. Among the different positions, a theology from the Catholic scene of the so-called liberation theology (TL), a political ideology partisan baptized by theology, or a biblical truth that permeates all his narrative. With humility the search for a historical, theological and praxis understanding of the integrality of the mission is presented, being of the natural character of *Missio Dei*, experienced and confirmed by the church throughout its history.

KEYWORDS: Christology; Church; Integrality; Mission; Missional; *Missio Dei*; God's kingdom.

⁵⁹ *Missio Dei*, palavra em latim cuja definição compreende a missão como derivada da própria natureza de Deus. A doutrina clássica da *Missio Dei*: como Deus, o Pai, enviando o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviando o Espírito Santo e estes enviando a igreja para dentro do mundo. BOSCH, 2002.

INTRODUÇÃO

O conceito missão integral faz referência a um estilo de vida onde não há fragmentação no discurso nem na prática do evangelho. É uma confissão de fé que se traduz tanto em palavras como em ações concretas, nas palavras de Macena (2016), “a teologia da missão integral começa a partir da Cristologia, ou seja, ela gira em torno do Jesus Cristo bíblico-histórico”.

Os séculos XIX, XX e XXI têm sido tempos de muitas reflexões e diálogos no mundo inteiro neste quesito missional da igreja, partindo sempre do fundamento da *Missio Dei*. Tendo alguns marcos históricos como a conferência missionária de Wheaton⁶⁰, o encontro em Lausanne⁶¹ e o CLADES-Congresso Latino-Americano de Evangelização⁶², dando formação a FTL-Fraternidade Teológica Latino-americana⁶³.

É preciso esclarecer que não se tem a mínima pretensão de conseguir dar resposta a todas as perguntas, nem mesmo concluir o diálogo constante que este tema provoca. Pelo contrário, em espírito de diálogo é preciso explanar aquilo que vem sendo motivo de muitas reflexões.

Este tema tem sido motivo de rejeição por alguns e abraçado por muitos. Por um lado, já houve grupos nos encontros do Lausanne que tentaram abafar este entendimento da missão de Deus como não sendo uma missão integral, remetendo-a exclusivamente a esfera espiritual e não a todas

⁶⁰ Conferência evangélica que se reuniu em Wheaton, Illinois, em 1966. BOSCH, 2002.

⁶¹ Encontro de líderes evangélicos mundiais, em Lausane – Suíça, em 1984. O objetivo do encontro era promover um diálogo que evidenciasse o rumo e a missão da igreja.

⁶² Congresso que teve como objetivo dialogar sobre a missão da igreja no contexto da igreja Latino Americana.

⁶³ Iniciativa de líderes evangélicos latino-americanos, que visam promover uma reflexão e prática missionária.

as áreas da vida humana. Enquanto, houve também aqueles que a defenderam como John Stott, Francis Schaeffer, Billy Graham, entre outros, afirmando que a missão de Deus visa atingir o ser humano todo, assim como toda a criação. Por outro lado, a disputa do tema na Latina América levou alguns a confundirem com a teologia da libertação vinda de um cenário católico. Outros a levaram por uma vertente mais politizada, acunhando está, a um movimento político-religioso. No entanto, outros optaram por abraçar esta, como uma verdade que permeia toda a Bíblia.

O foco deste artigo visa afirmar a integralidade da igreja e da missão de Deus como algo integral e não parcial muito menos algo fragmentado do evangelho na vida cristã e no mundo. Especificamente todo o argumento será baseado no aspecto histórico, teológico e de práxis da igreja. Toda a pesquisa está fundamentada em literatura de tradição cristã e também de movimentos da igreja na história, chegando a conclusão de que não existe missão de Deus e da igreja se não for de maneira integral.

1. HISTÓRIA: A INTEGRALIDADE DA MISSÃO TEM BASE HISTÓRICA.

O maior evento na história, assim como o da igreja, é o fato da encarnação do Deus-Criador na pessoa de Cristo. Além de ter sido assumido como uma doutrina pela tradição cristã, ela carrega um aspecto muito mais profundo que ser simplesmente uma doutrina, pois, ela carrega a presença da realidade histórica de um Deus que não permanece numa esfera transcendente. Muito pelo contrário, ele desce para uma esfera imanente, onde se conecta com toda a realidade histórica-material da sua criação, participando desta e assumindo um compromisso inegável, pois “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (João 1:1;14), segundo afirma Padilla, “a missão da igreja é encarnacional enquanto está centrada na

palavra de Deus que se fez homem” (2011, p. 56). Este exemplo de compromisso do próprio Deus deixa indesculpável a própria igreja em qualquer época e lugar.

A encarnação como marco histórico do compromisso de um Deus que amou o mundo, tem sido imitada pela igreja em outros eventos marcantes como, por exemplo, as pragas e fome do século III, a peste negra na idade média, o desenvolvimento social na Genebra pelos reformadores no século XVI, o movimento neocalvinista reformado holandês no século XIX. Entre alguns dos marcos históricos contemporâneos que podemos mencionar à conferência missionária em Wheaton, Illinois, em 1966. O

CLADE I em Lima (Peru) 1969 com a formação da FTL (Fraternidade Teológica Latino-americana) onde a Latina América teve seu decolar tanto no pensar, quanto no fazer missional integral em seu contexto e cultura. Tudo isso se concretizou no Pacto de Lausanne, Suíça (1974), onde a uma só voz se afirmou no 6º ponto da sua declaração que “a evangelização mundial demanda que toda a igreja pratique o evangelho integral ao mundo todo e ao homem todo”. Uma tradição que não se lembra da sua história, perde sua vida, sua prática, sua razão de ser e existir.

A igreja nunca pode esquecer-se da maneira de viver do seu Senhor, pois, é este quem escreve a história da igreja, e não o contrário. Logo, a igreja tem uma responsabilidade histórica, como expõe David Bosch “a missão da Igreja é manifestar aqui e agora a maior densidade possível do Reino de Deus que será consumado ali e além” (BOSCH, 2014, p.690). Uma igreja que esquece sua história perde seu fervor. Como disse Rene Padilla “a ortodoxia dos nossos credos não é garantia de fidelidade ao evangelho” (2014, p 75). O autor também expõe que “a igreja é chamada a encarnar o Reino de Deus em meio aos reinos deste mundo” (PADILLA, 2014, p.96).

A Igreja tem uma missão na história, assim como uma história missional integral, pois Cristo está em missão. Só assim recuperaremos o fervor, a piedade e a devoção. Nas palavras de Emil Brunner, “a igreja existe para a missão como o fogo existe para queimar” (Apud PADILLA, 2014, p.157). É preciso resgatar o legado histórico da igreja, pois desta forma se poderá recuperar o fervor, a piedade e a devoção.

2. TEOLOGIA: A INTEGRALIDADE DA MISSÃO TEM FUNDAMENTO BÍBLICO-CRISTOLÓGICO.

A igreja está fundamentada em Cristo, ou seja, Nas palavras de Carlos Queiroz (2019), “Se Cristo não for o centro das nossas reflexões e práticas então estamos perdidos”. Toda atuação da igreja nasce a partir de ouvir a voz de Cristo, pelo que se entende que a igreja não tem voz própria, mas ela ecoa a voz de Cristo.

A igreja tem vivenciado constantemente uma crise de identidade, que está inteiramente ligada ao aspecto mais importante da fé cristã. Esta crise encontra-se na Cristologia, ou seja, na falta de conhecimento de quem é Cristo. Na doutrina da pessoa de Cristo, vemos dois aspectos chamados de alta Cristologia e baixa Cristologia. A Cristologia alta dedica-se a reflexão da divindade da pessoa de Jesus Cristo. Enquanto a Cristologia baixa dedica-se a reflexão sobre a humanidade de Jesus Cristo. A igreja no decorrer da sua história tem transitado nestes dois aspectos da realidade de Cristo, tentando se afiançar num equilíbrio o qual tem sido difícil de alcançar, pois a igreja tem dado mais importância a alta Cristologia supra valorizando as coisas espirituais, criando um dualismo no estilo de vida fazendo separações como: sagrado-profano, espiritual-carnal, mundo-igreja, etc. Por outro lado, a Cristologia baixa, nos lembra de que Deus sendo espírito se fez humano, não criando um dualismo, e reconhecendo o valor das coisas criadas, nas

palavras do próprio Deus no fim da sua criação “viu que havia ficado muito bom” Gn 1:31.

Lucas 4:16-21 esclarece que na identidade e missão de Cristo não há dicotomia. A missão de Cristo é integral e abrange todas as esferas da vida humana, tanto as físicas quanto as espirituais, visando libertar o homem de todas as formas de escravidão e alienação, sejam elas físicas, psicológicas ou espirituais.

A igreja deve olhar Cristo em sua fé e vida, como afirma o autor:

Como a fé e vida são inseparáveis (Gutiérrez 1988: XIX), essa libertação deve acontecer em três níveis diferentes; libertação de situações sociais de opressão e marginalização, libertação de qualquer espécie de escravidão pessoal e libertação do pecado, que é a ruptura da amizade com Deus e com outros seres humanos (BOSCH, 2014, p.529).

É a partir dessa declaração que toda a igreja se movimenta, a fim de seguir as pegadas do seu Senhor, ainda que estas possam lhe custar a vida, pois, Cristo assume a sua identidade e encara as responsabilidades que a sua missão lhe exige. Essa consciência não deve estar dissociada ao da igreja, pois, ela está para assumir todas as responsabilidades da sua missão, juntamente como Cristo nos deu exemplo. As boas novas de Cristo restauram todas as coisas criadas, e é isso que torna este evangelho do Reino de Deus uma missão que liberta de maneira integral.

3. PRÁXIS: INTEGRALIDADE DA MISSÃO E SUA PRÁTICA.

Tendo tantos exemplos de uma fé cristã prática, vivendo num continente americano denominado cristão, por que a grande maioria das comunidades de fé, e os milhares de membros tem a dificuldade de se engajar em ações de fé práticas em favor do ser humano e da criação? Por que há mais facilidade em se tornar um confessor que só precisa participar de cultos? Será que há uma crise na liderança, que tem dificuldade de expressar uma fé viva na prática para os fiéis? Ou será que há uma crise no aspecto cristológico dentro da igreja com dificuldades de imitar seu Cristo e Senhor?

O entendimento de uma vida cristã da práxis tem acompanhado a igreja desde o seu nascimento no século I. Sendo o próprio Cristo quem faz a convocação para esta diakonia⁶⁴ para com todos aqueles que num estado de vulnerabilidade precisam da graça de Deus por meio da igreja. Isto fora praticado e enfatizado pelo próprio Cristo batizando-os como “os mais pequeninos” Mateus 25:31-46. Assim também fizeram os padres da igreja, como Tiago, o irmão de Jesus, que vendo a crise de uma fé prática da igreja a exortou com veemência sobre este compromisso de todos aqueles que se chamando de discípulos de Cristo (Tiago 1:27, 2:17, 2:26, 2:20) não assumem o seu compromisso missional de interferir de maneira positiva todas as vezes que forem necessárias na vida do ser humano em estado de fragilidade e vulnerabilidade. Conforme Cunha, “a igreja é a única instituição capaz de ministrar as necessidades integrais do homem” (2003,

⁶⁴ Palavra grega que significa serviço.

p.14). É na consciência de saber e exercer o seu potencial que a igreja de Jesus se torna relevante e transformadora do mundo.

A igreja tem um chamado profético que se traduz em ações práticas. Segundo Pedro Arana “em sua função profética, a igreja deve ser defensora da vida e dos direitos de todos os seres humanos” (Apud PADILLA, 2011, p.154). Ainda de acordo com Arana “a função profética da igreja deve anunciar uma nova ordem mais justa, mais solidaria e mais humana” (Apud PADILLA, 2011, p.155). Relembrando a conferência de Wheaton, Illinois, 1966 onde Billy Graham “inseriu uma dimensão social na evangelização, agregando, porém, que a melhora das condições sociais era um resultado da evangelização exitosa” (BOSCH, 2014, p.484). O chamado profético da igreja não tem a ver com melhorar as condições sociais das pessoas e, sim, com aquilo que ela profere e diz acreditar. E, por amar a Deus e o seu próximo é que ela trabalhará para as melhorias sociais das pessoas.

Porque Deus amou o mundo e fez do seu filho uma expressão de amor prático, foi que assumiu o compromisso de participar em condição humana de toda criação, sem eximi-lo de qualquer possível dor e sofrimento, restaurando assim, tudo aquilo que foi afetado pelo pecado como:

O ser humano (em todas as áreas). E este tem sido o esforço feito por muitos, destacando a iniciativa e compromisso da agenda 2030 e os OBJETIVOS de DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL “Porque Deus MOU O MUNDO: Igreja & ODS”. Enfatizando na justiça, pela qual nada nem ninguém serão deixados para trás. Afirmando que “o objetivo que realmente garante que ninguém será deixado para trás é certamente aquele que promove paz e justiça” (ZABATIERO; BARRO; SILVA, 2018, p.366). A justiça e a paz são as características do novo homem que constrói uma

nova cidade regida por uma nova ordem. Este é o homem redimido por cristo que fará de tudo e por todos o impossível para manifestar o amor de Deus.

Quanto à criação (vegetal e animal), explica Boff:

Uma teologia da criação nos ajudara a encontrar o sentido de uma teologia da redenção. Redenção supõe um drama, uma decadência na criação, e na vocação humana uma ruptura que atinge todos os humanos e também seu entorno cósmico. A própria criação se sente ferida porque o ser humano não a cultivou nem preservou. Por isso, consonante São Paulo, ela geme e clama por libertação (Rm 8, 22). (BOFF, 2008, p.62).

Conforme entendimento do Boff (2008) se compreende então que a redenção reassume a criação. A criação não clama por substituição, mas por resgate. Como também afirmado pelo Compromisso da Cidade do Cabo:

A terra é importante para nós simplesmente porque pertence a quem chamamos de Senhor. A terra é criada, sustentada e redimida por Cristo. Não podemos alegar que amamos a Deus se fazemos mal uso do que pertence a Cristo por direito de Criação, de redenção e de herança... Se Jesus é Senhor de toda a terra, não podemos separar nosso relacionamento com Cristo de maneira como agimos em relação a terra. Porque proclamar o evangelho que diz “Jesus é Senhor” é proclamar o evangelho que inclui a terra, uma vez que o Senhorio de Cristo está sobre toda a criação. O cuidado com a criação é, portanto, uma

*questão do evangelho no contexto do Senhorio de Cristo.
(O compromisso da Cidade do Cabo, 2011, p.46).*

Também as estruturas sociais precisam de redenção (política, econômica, arte, etc.). Pois não foi só o ser humano e a criação que foram afetados pelo pecado, também as estruturas sociais estão em pecado e precisam ser redimidas. Isto é chamado de estruturas de pecados ou pecados estruturais. Nas palavras de René Padilla.

*A sociedade de consumo é a realidade social, política e economia que expressa na atualidade a forma assumida por este mundo dominado pelos poderes de destruição. A igreja de Jesus está envolvida num conflito contra os poderes do mal entrincheirados nas estruturas ideológicas que desumanizam o homem, condicionando-o para que relativize o absoluto e absolutize o relativo.
(PADILLA, 2014, p.91).*

Dessa forma, fica claro que “não existe um discípulo de Jesus Cristo sem que seja um discípulo do trabalho missionário” (LONGUINI, 2002, p.71). Deus está num esforço missional que abraça tudo aquilo que ele criou. E, é isso o que a bíblia chama de “Deus amou o mundo” Jo 3:16. Por conseguinte, todo aquele que é nascido de Deus se identificará com esse amor e trabalhará movido por esse amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo é continuar o diálogo sobre a integralidade da missão da igreja como adjunta da Missio Dei, fundamentada no aspecto

histórico, cristológico e de práxis da igreja. Dentre os diferentes pontos e posicionamentos se entende que este não é um pensamento vindo do catolicismo - da chamada teologia da libertação, tampouco um movimento tendencioso, politizado e disfarçado pela teologia, pois, esta consciência missional integral da igreja a tem acompanhado desde sempre, sendo parte do caráter natural do próprio Deus.

Na tentativa de dar resposta a este debate e a falta de compreensão, apresentou-se diferentes eventos históricos por parte da igreja no seu decorrer, houve fundamentação bíblico-cristológico que sinalizam a identidade e missão de Cristo, assim como a natureza prática da igreja. Como exemplo utilizou-se diferentes autores engajados neste quesito, que tem participado deste processo de maneira ativa tanto nas suas comunidades, quanto na produção acadêmica.

É necessário despertar e capacitar a igreja para uma participação integral na missão junto com Deus. Por estes motivos são apresentados fatos sobre o assunto, os quais nos convocam a um compromisso concreto e indesculpável para todos aqueles que se declaram discípulos do Cristo bíblico-histórico.

Tendo em conta as constantes mudanças globais e sociais de cada contexto, se faz necessário o contínuo desenvolvimento do tema por parte da igreja. Precisamos continuar ouvindo Deus e o mundo, pois este processo de reflexão e diálogo nos fará ter uma correta leitura do nosso tempo, sabendo que “se a igreja está em Cristo, ela está envolvida na missão, o que faz com que toda a sua existência tenha caráter missionário” (BOSCH. 2009. P.68). O maior milagre da igreja irá começar com ela se arrependendo diante do Deus de amor, para assim, avançar a uma verdadeira e sábia participação no mundo que Deus está amando, redimindo e restaurando.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo. Editora Vida, 2007.

BOFF, Leonardo. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. Rio de Janeiro, Record, 2008.

BOSCH, David. Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

BOSCH, David. Testemunha para o mundo. In: WINTER, Ralph. HAWTHOME, Steve C. BRADFORD, Kevin D. Perspectivas no Movimento Cristão Mundial. São Paulo, Vida Nova. 2009.

CARRIKER, Timóteo. O que é igreja missional: modelo e vocação da igreja no Novo Testamento. Viçosa, MG. Ultimato, 2018.

DE ALMEIDA, Jony. A igreja é a única instituição capaz de ministrar às necessidades integrais do homem. In: CUNHA, Mauricio. WOOD, Beth. O Reino Entre Nós. Ultimato, 2003.

LONGUINI, Luiz. O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano. Ultimato, 2002.

MACENA, Francisco. TMI em debate (Carlos Queiroz, Francisco Macena, Thiago Brazill e Yago Martins), 2019. (10m 54s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k5sp8fJIsJQ>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MOVIMENTO DE LAUSANNE. Pacto de Lausanne. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 01 de mar. 2019.

O compromisso da Cidade do Cabo: uma declaração de fé e um chamado para agir – Curitiba: Encontro/Ultimato, 2011.

PADILLA, Rene. Uma eclesiologia para a missão integral. In: PADILLA, Rene. COUTO, Péricles. Igreja: agente de transformação. Kairos, Missão Aliança, 2011.

PADILLA, Rene. Missão Integral, O Reino de Deus e a igreja. Ultimato, 2014.

QUEIROZ, Carlos. TMI em debate (Carlos Queiroz, Francisco Macena, Thiago Brazill e Yago Martins), 2019. (16m 15s). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=k5sp8fJIsJQ>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

QUIROZ, Pedro Arana. A missão integral no entrelaçamento de graça, mundo e igreja. In: PADILLA, Rene. COUTO, Péricles. Igreja: agente de transformação. Kairos, Missão Aliança, 2011.

ZILLER, Clarice. ZILLER, Henrique. PEREIRA, Wellington. Paz, Justiça e Instituições Eficazes. In: BARRO, H Jorge. ZABATIERO, P.T.M. Júlio. DA SILVA, P Wellington. Porque Deus amou o mundo: igreja & ODS. Londrina. Descoberta, 2018.

PAULO E A SALVAÇÃO: O USO DE METÁFORAS NA TEOLOGIA DE PAULO

Magno Lessa do Espírito Santo⁶⁵

RESUMO

O presente artigo parte da seguinte questão: quais as metáforas de salvação em Paulo? Na literatura paulina, nota-se a presença de metáforas como “adoção”, “nova criatura”, “selo”, dentre outras. Elas são usadas para ilustrar o aspecto objetivo da salvação, tratando da relação do membro da comunidade com Deus e, portanto, são usadas exclusivamente no pensamento paulino para a obra redentora de Cristo. A ampla variedade de figuras de linguagem indica que nenhuma delas é suficiente sozinha. Logo, faz-se necessário analisar a interdependência delas, para que se compreenda a proposta paulina. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Paulina. Salvação. Figuras de Linguagem. Novo Testamento. Cartas.

ABSTRACT

This article starts from the question: what are the metaphors of salvation in Paul? In the Pauline literature, there are metaphors such as "adoption", "new

⁶⁵ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialista em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

creature", "seal", among others. They are used to illustrate the objective aspect of salvation, dealing with the community member's relationship with God and are therefore used exclusively in Pauline thought for the redemptive work of Christ. The wide variety of figures of speech indicates that none of them are sufficient on their own. Therefore, it is necessary to analyze their interdependence, in order to understand the Pauline proposal. This research is bibliographic in nature, considering the contributions of theorists whose works are relevant to the focus of this study.

KEYWORDS: Pauline Literature. Salvation. Language Figures. New Testament. Letters.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de resolver os conflitos nas comunidades cristãs, dado que na sua gênese os novos convertidos precisavam de instrução, Paulo escreve suas cartas. Essa forma de escrever faz parte da teologização de Paulo, ou seja, escrever a partir de um problema com o desejo de saná-lo. Após sua experiência no caminho de Damasco, o apóstolo se tornou um grande defensor e “propagador do caminho” – modo como os cristãos foram chamados no primeiro século. Logo, Cristo e o sacrifício na cruz terão destaque no pensamento teológico de Paulo.

Para comunicar sua mensagem, o apóstolo faz uso de metáforas tiradas dos costumes legais, da vida cotidiana e da religião. Com isso, ele pretende ser bem sucedido no ensino, já que as imagens eram vivas para os membros das comunidades cristãs e cidadãos do primeiro século.

Assim, o presente trabalho parte da seguinte questão: quais as metáforas de salvação usadas por Paulo? Como o apóstolo usa várias imagens, e tratar todas aqui fugiria da objetividade deste trabalho, selecionaremos três: selo, nova criatura e adoção, deixando aberta a possibilidade de análise de outras metáforas em estudos posteriores.

Em um primeiro momento, faz-se necessário entender como se dá o uso de metáforas no texto bíblico, destacando a necessidade de um estudo sócio-histórico-cultural para a compreensão das imagens. Feito isso, analisaremos cada imagem, indicando o objetivo que o apóstolo pretendia ao usá-la. O selo, por exemplo, refere-se a uma impressão estampada em cera ou barro, indicando propriedade, autenticidade e a proteção daquele (ou daquilo) que o carrega. Ao usar a expressão “nova criatura”, Paulo pretende estabelecer um contraste com a velha criatura (o velho homem), isto é, a pessoa antes da salvação. Por fim, o termo “adoção”, por encontrar divergências entre os estudiosos sobre o pano de fundo em que foi utilizado, será apresentado sob as possibilidades: adoção como abstração teológica, metáfora legal, e como pano de fundo judaico/veterotestamentário.

1. METÁFORA NO TEXTO BÍBLICO

Segundo Fee, quando se observam as metáforas usadas por Paulo para ilustrar a salvação, entende-se que é possível que elas enfatizem o aspecto objetivo da salvação, pois tratam da posição ou relação do fiel com Deus e, por isso, são usadas com exclusividade para se referirem à obra redentora de Cristo, na qual o fiel deposita a sua confiança.⁶⁶

⁶⁶ FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 118-119.

Por metáfora, entende-se à luz da Hermenêutica Bíblica, uma comparação subentendida, mas que se faz direta em muitos casos, pois se espera que o leitor entenda a analogia sem precisar do conectivo “como” (diferente da símile, que estabelece comparação empregando conectivos formais do tipo “como”). Há no texto bíblico dois tipos de comparação: 1) A comparação plena ou completa: nomeia dois elementos e a semelhança entre eles (“sou tão forte quanto ele”, “eu sou forte e ele também”, “sou fraco, mas ele é forte”). 2) A comparação sucinta: deixa a semelhança subentendida para que o leitor a preencha, por exemplo: “vós sois o sal da terra” (Mt 5.13).⁶⁷

Segundo Osborne, a metáfora tem três partes: o tema, a imagem propriamente dita e o ponto de semelhança ou de comparação. É comum as três partes aparecerem na comparação, conforme se pode ver em Isaías 51.6: “os céus [tema] desaparecerão [ponto de comparação] como a fumaça [imagem]” ou em Mateus 10.6: “de preferência, procurai as ovelhas [imagem] perdidas [ponto de comparação] de Israel [tema]”. Cumpre destacar que, diferentemente das metáforas modernas, as figuras de linguagem no texto bíblico são mais específicas. Elas apresentam apenas um ponto de contato.⁶⁸

Quando o salmista nos diz que uma família unida é como óleo que escorre pela barba de Arão e desce pelas suas vestes, ele não está tentando nos convencer de que a unidade de uma família é algo sujo, gorduroso ou

⁶⁷ OSBORNE, Grant R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁶⁸ OSBORNE, 2009, p. 154.

*instável; ele está pensando na fragrância envolvente que se encontra tão viva em sua lembrança da unção do sumo sacerdote.*⁶⁹

Diante disso, para compreender as metáforas bíblicas, o estudante precisa ficar atento não só ao texto em si, mas também ao contexto sócio-histórico-cultural, já que o texto bíblico foi escrito em uma cultura diferente da ocidental. A partir dessa análise, então, a metáfora poderá ser interpretada de maneira correta.

2. SELO

A imagem do selo ocorre três vezes em Paulo. Vejamos: “... o qual marcou com um selo e pôs em nossos corações o penhor do Espírito” 2Co 1.21-22; “... fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo...” Ef 1.13; “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da redenção” Ef. 4.30.

No sentido literal, a expressão se refere a uma impressão estampada em cera ou barro, indicando propriedade, autenticidade e a proteção daquele (ou daquilo) que o carrega. Em Paulo, o selo é uma metáfora do Espírito Santo, pelo qual Deus marca o crente como sua propriedade.⁷⁰

Kistemaker afirma que os selos denotam posse e autenticidade. Nos tempos antigos, os selos eram colocados em documentos legais para autenticá-los. Assim, por analogia, o apóstolo entende que Deus põe um selo

⁶⁹ CAIRD, 1980 apud OSBORNE, 2009, p. 155.

⁷⁰ FEE, 2015, p. 83.

em seu povo por dois motivos: a) para confirmar que o povo lhe pertence; b) para protegê-lo de dano.⁷¹

O penhor constituía a primeira prestação e garantia do que ainda seguiria.⁷² A palavra usada para penhor é *arrabon*; conforme Louw e Nide, ela aparece no Novo Testamento unicamente em sentido figurado, numa referência ao Espírito Santo como penhor ou garantia das bênçãos prometidas por Deus.⁷³ Nas palavras de Kistemaker: “Deus nos deu Espírito Santo como um depósito, uma primeira prestação, [...] a garantia de que, depois do depósito inicial, vem uma prestação subsequente”⁷⁴.

3. NOVA CRIATURA

Na perspectiva que Paulo tem da conversão cristã, um elemento importante é a participação do “Espírito de vida” (Rm 8.2,6), que “dá vida” aos que se voltam para Cristo (2Co 3.6). Para ele, a carne, o pecado e a observância da Torá estão crucificados (Gl 5.24), já nós, fomos ressuscitados com Cristo para viver “em novidade de vida” (Rm 7.6).⁷⁵

Em 2Co 5.17, Paulo usa a expressão “nova criatura” em contraste com as coisas antigas (velha criatura). De acordo com Ridderbos, Paulo descreve uma transformação radical, isto é, o passar de uma condição de morte e escravidão para a vida e a liberdade,

⁷¹ KISTEMAKER, Simon. II Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 95.

⁷² DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003. p. 383.

⁷³ LOUW, Johannes. NIDE, Eugene. Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 513.

⁷⁴ KISTEMAKER, 2004, p. 96.

⁷⁵ FEE, 2015, p. 126.

a qual, em função disso não deve ser explicada a partir do esforço humano e da força moral; mas, somente a partir do comando criador de Deus, não menos poderoso do que a palavra por meio da qual outrora ele fez com que houvesse luz na escuridão (2Co 4.6). Portanto, e nesses termos da criação que, fala-se repetidamente do novo homem (Gl 6.15; 2Co 5.17; Ef 2.10, 15; 3.9; 4.24; Cl 3.10; Tt 3.5). Isso não significa apenas que a Igreja, por meio de Cristo, veio a pertencer à nova era, a nova ordem das coisas e, nesse sentido, a nova criação, mas também que essa obra todo-poderosa e recriadora do Espírito entra na existência dos crentes de maneira pessoal e individual.⁷⁶

Assim, ele entende que a conversão cristã é obra do Espírito, em que a pessoa reconhece, crê e é “invadida” pelo Espírito que lhe concede vida. Além disso, ele também aplica a obra redentora da cruz quando opera uma transformação interior pela renovação da mente (Rm 12.2). Segundo Fee, “as metáforas de Paulo incluindo “antes” e “depois” falam igualmente da transformação radical da vida que o Espírito traz (morte/vida; velho homem/novo homem; trevas/ luz)”⁷⁷.

4. ADOÇÃO

Nas cartas paulinas, a palavra grega *huiothesis* faz referência ou aos israelitas (Rm 9.4) ou aos fiéis (Gl 4,5; Rm 8.15.23; Ef 1,5) como filhos de

⁷⁶ RIDDERBOS, Herman. A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 252.

⁷⁷ FEE, 2015, p. 124.

Deus. No entanto, cumpre ressaltar que não há concordância em como traduzir o termo: se como “adoção” ou como “filiação”. Assim, o termo *huiothesia*, traduzido por adoção, é negado, às vezes, em favor da tradução “filiação”. No entanto, de acordo com Scott, não há muitos indícios lexicais para sustentar essa última tradução. Para ele, em Paulo, bem como nas fontes extra bíblicas contemporâneas, o termo sempre indica ou o processo ou o estado de ser adotado como filho.⁷⁸

Corroborando com essa proposta, o *Léxico Grego-Português do Novo Testamento* baseado em domínios semânticos, escrito por Louw e Nida, afirma que o termo transmite a ideia de “declarar de maneira formal e legal que alguém não é filho biológico, mas deve ser considerado e tratado como filho a partir daquele momento, no que se inclui o total direito à herança – adotar, adoção”⁷⁹. Logo, traduzir o termo como “filiação”, à luz do contexto em que Paulo usa a palavra *huiothesia*, indicará uma tradução equivocada.

5. O PANO DE FUNDO DA ADOÇÃO EM PAULO

Nota-se certa concordância entre muitos estudiosos sobre a tradução do termo para “adoção”. No entanto, há divergência de opinião no que tange ao seu pano de fundo. Isso se dá por, possivelmente, Paulo ter sido o primeiro a empregá-lo em um contexto teológico, mas jamais ter explicado o que quis dizer com o termo.

5.1 A adoção como abstração teológica

⁷⁸ SCOTT, J. M. Adoção, Filiação. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008. p.31.

⁷⁹ LOUW; NIDA, 2013, p. 414.

Alguns biblistas entenderam que o conceito de adoção em Paulo se trata de uma abstração teológica vinculada a outro conceito paulino. Com isso, eles se livram do problema do pano de fundo. H. Hübner entende que adoção em Paulo é sinônima de “liberdade” (eleutheria) no sentido de liberdade da lei. R. Bultmann trata adoção como termo escatológico- forense paralelo à justiça (dikaiosynē). S. Kim concebe o termo como uma dedução secundária da cristologia da estrada de Damasco, em que o apóstolo percebeu o Senhor ressuscitado como imagem de Deus ou Filho de Deus.⁸⁰

5.2 A adoção em um pano de fundo greco-romano

Por Paulo ter vivido em um mundo greco-romano, estudiosos sugerem que é melhor considerar o conceito paulino de adoção a partir do contexto histórico, social e cultural greco-romano. Nesse aspecto, será apresentada a adoção divina na mitologia greco-romana e a prática real de adoção na jurisprudência romana.

5.3 A adoção divina na mitologia greco-romana

Nas fontes greco-romanas, adoção divina⁸¹ desempenha um papel muito pequeno. Fora das cartas de Paulo, o termo *huiothesia* não foi empregado para essas adoções no período em exame. Os poucos exemplos

⁸⁰ SCOTT, 2008, p. 31.

⁸¹ A noção grega de divindade contrasta nitidamente com os conceitos judaicos e cristãos. Para os gregos, os deuses não eram transcendentais e passivos, mas sim imanentes e ativos. Eles não criaram o cosmos, mas passaram a existir depois do cosmos. Consequentemente, deuses como o sol, a lua e os astros eram considerados “eternos”, enquanto deuses como Zeus, Hera e Poseidon eram considerados “imortais”. Embora os deuses gregos fossem considerados mais poderosos do que os homens, tanto uns como outros estavam sujeitos ao *moira* (“destino”). Além disso, os deuses eram sustentados por ambrosia e néctar, em geral inacessível aos mortais, e, em vez de sangue, “icor” corria em suas veias. Embora considerados muito poderosos e muito sábios, eles não eram nem onipotentes nem oniscientes. Os seres humanos eram considerados mortais, enquanto os deuses gregos eram considerados imortais (AUNE, 2008, p. 1058).

que se tem nesse sentido não fornecem uma base para o conceito em Paulo. Além disso, Scott afirma que as religiões de mistérios têm sido, algumas vezes, sugeridas como possível panorama.⁸²

*Religião de mistério é o termo para uma variedade de cultos públicos e privados antigos que compartilhavam algumas características comuns. A palavra mistério baseia-se na palavra grega *mystēs*, que significa “iniciante”, da qual deriva a palavra *mystērion*, que significa “ritual de iniciação”⁸³, isto é, os ritos secretos que formavam o centro desses cultos. Em contraste com o caráter público da maioria dos cultos tradicionais das cidades-estados gregas, as religiões de mistério eram associações particulares nas quais, para ser iniciados, os indivíduos interessados eram submetidos a um ritual secreto (grifo do autor).⁸⁴*

As religiões de mistério não apareceram de repente no mundo mediterrâneo durante o período helenístico, mas sabe-se que a sua maior popularidade foi do século I ao século III d.C.

Muitos dos cultos de mistério grego receberam influência dos antigos cultos de mistério, isto é, os mistérios eleusinos, com o centro cultural em

⁸² SCOTT, 2008, p. 31.

⁸³ A seleção, necessária para a constituição de um círculo limitado de membros dos mistérios, ocorre pela iniciação. A iniciação como característica essencial de todo culto de mistérios pode ocorrer de uma só vez ou em diferentes estágios, indo do grau de consagração mais baixo ao mais alto. Os ritos nela empregados variam consideravelmente nos detalhes, assim como as condições de admissão e a estrutura da preparação (KLAUCK, 2011, p. 100-101).

⁸⁴ AUNE, D. E. Religiões Greco-Romanas. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008. p. 1064.

Elêusis na Ática.⁸⁵ Embora compreender as religiões de mistérios seja importante, visto que elas estão presentes no entorno do cristianismo primitivo e há quem defenda que tenha influenciado o pensamento de Paulo, não há razão suficiente para acreditar que o conceito de adoção em Paulo tenha como cenário as religiões de mistério, pois, de acordo com Scott, “não há indícios de adoção divina nos mistérios”⁸⁶.

5.4 Adoção como metáfora legal: Adoção e herança na lei romana

Na lei romana, adoção e herança estão umbilicalmente ligadas, pois a suposição inicial para a lei romana sobre a herança era a sucessão da família⁸⁷. A lei romana tinha por preocupação procurar um herdeiro que pudesse substituir o falecido, assumindo todos os direitos e obrigações do chefe da família (*pater familias*) morto. Diante disso, a adoção romana deve ser considerada em sua relação com o *pater familias*. O adotante deveria possuir potestas (poder), ele tinha de ser um chefe de família, um cidadão romano legalmente independente.

De acordo com os textos legais romanos, havia dois tipos de procedimentos de adoção, dependendo do papel do chefe da família. No código legal romano, os cidadãos livres eram divididos em legalmente

⁸⁵ AUNE, 2008, p. 1064.

⁸⁶ SCOTT, 2008, p. 31.

⁸⁷ A família romana não é o equivalente do conceito moderno de família. Três diferenças sobressaem mais claramente: primeiro, a família incluía não só parentes mas muitas vezes também escravos; segundo, a descendência e a condição de membro baseava-se na relação de sangue somente do lado paterno; e terceiro, e mais importante, o controle legal da família pertencia ao *pater familias*, e sua potestas não terminava senão com a sua morte. Os que estavam sob sua potestas não tinham propriedade própria e não podiam mover uma ação legal. Com outras palavras, os adultos, homens e mulheres, com suas próprias famílias, eram incapazes de possuir qualquer propriedade se tivessem um pai ou avô vivo. Assim, a morte do *pater familias* marcava o fim de uma espécie de escravidão (WALTERS, 2008, p. 37).

independentes e os sob o poder de um chefe de família. O primeiro tipo de procedimento era o *adrogatio*, usado somente para alguém que já era legalmente independente; o segundo, chamado de *adoptio*, era para alguém que estava ainda sob o poder de um chefe de família. O primeiro estágio do processo de *adrogatio* envolvia uma averiguação feita pelo colégio dos pontífices. Se os pontífices confirmassem a adoção proposta, a assembleia curial de Roma deveria dar sua aprovação por um voto formal. A *adoptio* consistia em dois passos básicos: primeiro, o adotante era libertado da potestas (poder) do pai natural; depois, o pai adotivo recebia potestas sobre o(a) filho(a) adotado(a) por declaração do magistrado.⁸⁸

Segundo Walters, para um romano, o filho adotivo tinha a mesma condição de um filho biológico. Citando a observação de Gaio, ele diz: “Os filhos adotivos na sua família adotiva estão na mesma posição legal que os verdadeiros filhos”. Cabe ressaltar que havia restrições sobre quem podia ou não adotar. As mulheres, por exemplo, não podiam adotar, pois não possuíam potestas sobre pessoas livres. Homens que não tinham capacidade para procriar (*spadones*) podiam adotar. Havia exceções, mas, em geral, o adotante era mais velho que o adotado. Além disso, não havia idade mínima para adotar alguém *in potestate*.⁸⁹

Nesse sentido, para Barclay, devemos entender a adoção a partir do conceito de pátrio potestas, isto é, o poder absoluto do pai sobre a família. Na adoção romana, a pessoa adotada passava de um pátrio potestas para outro. Há quatro características principais: 1) a pessoa adotada perdia todos

⁸⁸ WALTERS, James C. Paulo, a adoção e a herança. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). Paulo no mundo greco-romano: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008. p. 38.

⁸⁹ WALTERS, 2008, p. 39.

os direitos em sua antiga família e recebia todos os direitos de um filho legítimo na nova família; 2) o filho adotado tornava-se herdeiro de todos os bens de seu novo pai, mesmo que depois nascesse outro filho que possuísse relação sanguínea; 3) a antiga vida do adotado ficava cancelada, todas as suas dívidas eram canceladas. Era considerada uma nova pessoa que entrou em uma nova vida; 4) aos olhos da lei, a pessoa adotada era literalmente filha de seu novo pai.⁹⁰

5.5 Adoção em um pano de fundo Judaico/Veterotestamentário

O termo *huiothesia* ocorre no N.T. somente em Paulo e não parece na Septuaginta ou em fontes judaicas. Entretanto, segundo Scott, apesar das alegações contrárias, o conceito de adoção era conhecido do Antigo Testamento e do judaísmo, sem a necessidade de em algum momento ter sido praticada. Para ele, o contexto mais primitivo do termo (Gl 4.5) fornece a indicação de que o termo tem um pano de fundo judaico/veterotestamentário.⁹¹

Tendo em vista que, para esse autor, quando Gálatas 4.1-2 é entendido corretamente, não como uma ilustração da lei greco-romana, mas como alusão ao A.T., fica mais claro que Gálatas 4.5 está colocado em um contexto estruturado pela tipologia do Êxodo. Assim como Israel, herdeiro da promessa feita a Abraão, foi redimido da escravidão no Egito na ocasião em

⁹⁰ BARCLAY, William. Romanos. Buenos Aires: La Aurora, 1973. p. 120-121.

⁹¹ SCOTT, 2008, p. 32.

que determinou o Pai (Gl 4.1-2; Os 11.1; Gn 15.13), de igual modo os fiéis foram redimidos da escravidão dos “elementos do mundo”⁹².⁹³

Ademais, Scott interpreta o emprego do termo *huiiothesia* da mesma maneira em Romanos 8, visto que “o contexto de *huiiothesia* em Romanos 8 contém elementos da tipologia do Êxodo, e a filiação adotiva divina subentende o direito de ser coerdeiro de Cristo na promessa abraâmica” (Rm 8.17). No entanto, ele destaca que, ao contrário de Gálatas 4.5, Romanos 8 desenvolve o argumento de que a participação por adoção no Filho de Deus messiânico tem o alcance não só para o presente, mas também para o futuro (Rm 8.23).⁹⁴

Entretanto, Walters discorda de Scott, posto que, segundo ele, a separação que Scott faz do significado helenístico em relação ao pano de fundo judaico é problemática, uma vez que mesmo que o apóstolo Paulo procurasse evocar as expectativas judaicas, ele não podia se distanciar do mundo greco-romano.⁹⁵ Portanto, em defesa do contexto greco-romano para o uso de Paulo de “adoção”, vejamos o que diz F. F. Bruce:

O termo “adoção” pode soar com certo artificialismo aos nossos ouvidos. Mas no primeiro século d.C. um filho adotivo era um filho escolhido deliberadamente por seu pai adotivo para perpetuar seu nome e herdar seus bens.

⁹² O significado de “elementos do mundo” é amplamente debatido entre os estudiosos, visto que não há consenso sobre o assunto. No entanto, podemos destacar três propostas apresentadas: 1) princípios básicos de ensinamentos religiosos como a lei; 2) matérias essenciais e rudimentares do Universo como terra, água, ar e fogo; ou 3) seres espirituais pessoais do cosmos, como demônios, anjos ou divindades estelares (REID, 2008, p. 448).

⁹³ SCOTT, 2008, p. 32

⁹⁴ SCOTT, 2008, p. 33.

⁹⁵ WALTERS, 2008, p. 26.

Sua condição não era nem um pouco inferior à de um filho segundo as leis comuns da natureza, e bem podia desfrutar da afeição paterna o mais completamente e reproduzir o mais dignamente a personalidade do pai.⁹⁶

Diante disso, há razões para afirmarmos que o conceito de adoção em Paulo foi tirado do cenário greco-romano, mais precisamente a adoção romana. Assim, quando o apóstolo evoca a ideia de que os que estão em Cristo foram adotados e se tornaram filhos de Deus, isso indica que o fiel tem o privilégio da herança; assim como Cristo é o herdeiro, o fiel é o coerdeiro, e a participação no sofrimento de Cristo garante ao fiel participar da glória futura (Rm 8. 15-17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metáforas usadas por Paulo visavam a comunicar o aspecto objetivo da salvação, tratando da relação do membro da comunidade com Deus e, portanto, foram usadas exclusivamente no pensamento paulino para a obra redentora de Cristo. A interpretação delas se dá à luz do contexto sócio-histórico-cultural da época e desprezar isso, como supracitado, pode produzir conclusões infundadas e inapropriadas.

Assim, nota-se que o apóstolo faz uso do selo como metáfora do Espírito Santo, pelo qual Deus marca o crente como sua propriedade, evocando a imagem dos documentos selados no primeiro século, indicando a legitimidade dele. O uso da expressão “nova criatura” visa ao

⁹⁶ BRUCE, F. F. Romanos - Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 135.

estabelecimento do contraste, isto é, a diferença entre a velha criatura, morta em seus deleites e pecados, e a nova criatura a partir da obra de Cristo. Descreve uma transformação radical, ou seja, o passar de uma condição de morte e escravidão para a vida e a liberdade.

Por fim, foi apresentada a metáfora da adoção, bem como a dificuldade de se estabelecer o contexto no qual Paulo se baseou. Como o apóstolo era um homem de três sociedades – Judaica, Romana e Grega –, determinar o contexto não é tarefa fácil e, por isso, vimos não haver consenso geral entre os estudiosos. No entanto, diante dos possíveis contextos apresentados, há razões para crer que Paulo evoca a ideia de metáfora legal, a adoção a partir do código legal romano.

No mais, a teologia paulina se mostra um grande desafio para o pesquisador. Porém, lançar-se a compreendê-la constitui-se tarefa de suma importância no que se refere a entender o Novo Testamento e a obra de Cristo. Ademais, como dito anteriormente, o presente trabalho selecionou apenas três metáforas dentre outras tão importantes quanto as que foram selecionadas. Diante disso, fica aberta a possibilidade de investigar as outras em trabalhos futuros e poder contribuir ainda mais com o estudo da teologia paulina.

REFERÊNCIAS

AUNE, D. E. Religiões Greco-Romanas. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

BARCLAY, William. Romanos. Buenos Aires: La Aurora, 1973. BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUCE, F. F. Romanos - Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001. DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LOUW, Johannes. NIDE, Eugene. Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

KISTEMAKER, Simon. II Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

OSBORNE, Grant R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

REID, D. G. Elementos/ Espíritos elementares do mundo. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

RIDDERBOS, Herman. A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCOTT, J. M. Adoção, Filiação. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

WALTERS, James C. Paulo, a adoção e a herança. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). Paulo no mundo greco-romano: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

O PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E DA MORAL

Joel Campos⁹⁷

Claiton Ivan Pommerening⁹⁸

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a definição do conceito de ética e moral, mostrando como a reflexão ética foi desenvolvida ao longo da história pelos filósofos da Grécia antiga e por Kant, cuja filosofia também teve importante papel neste trabalho. Em suma, observa-se a importância da ética cristã para a atualidade; contudo, aponta-se o desafio a líderes eclesiais e docentes da educação cristã na tarefa de pautar seus ensinamentos em padrões éticos e morais frente à relatividade da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Moral; Kant; Filosofia.

ABSTRACT

This research aims to present the definition of the concept of ethics and morals, showing how ethical reflection was developed throughout history by philosophers from ancient Greece and by Kant, whose philosophy also had an important role in this project. In short, the current importance of christian ethics can be observed; however, it is valid to point out the challenge to ecclesiastical leaders and teachers of christian education in the task of

⁹⁷ Joel Campos bacharel em teologia pela Faculdade Refidim. Esta pesquisa é adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso.

⁹⁸ Claiton Ivan Pommerening é diretor da Faculdade Refidim e doutor em teologia.

structuring their teachings within the ethical and moral standards of society's relativity.

KEYWORDS: Ethics; Moral; Kant; Philosophy.

INTRODUÇÃO

Partindo do contexto atual onde vivemos nos inquietou saber como se deu a compreensão ética e moral ao longo da história. Acredita-se ser relevante a compreensão dos princípios éticos e morais na sociedade, especialmente para a prática cristã, sendo importante tal compreensão para a ação do educador cristão.

Questões relacionadas com a ética e moral fazem parte da vida cotidiana das pessoas e adentram o ambiente eclesial, bem como estão presentes na vida profissional, familiar, acadêmica, enfim ética e moral permeiam a vida em todas as esferas, lançando desafios para líderes, corpo eclesial e sociedade. A igreja precisa reconhecer seu posicionamento diante de questões desse tipo, que geralmente são tratadas segundo suas doutrinas.

Dentro do presente artigo descrevemos a história da ética, distinguindo ética e moral. Em seguida, tendo como ponto de partida a filosofia grega, tratamos da origem da ética abordando os três principais filósofos, a saber, Sócrates, Platão e Aristóteles. Seguindo os passos da história da ética, destacamos na modernidade somente a ética de Immanuel Kant, porque dentro de nossa pesquisa qualitativa entendemos que foi o nome que mais contribuiu para a reflexão ética, dentre os demais filósofos da modernidade. Por fim, descrevemos introdutoriamente a história da ética cristã, bem como suas definições.

1. A definição do conceito de ética

A raiz e a origem da palavra ética encontram-se no substantivo grego *ethos* ou *êthos*. Os dois substantivos têm sua derivação de *ethô*, que significa estar habituado, apropriar-se. Basicamente, *êthos* pode indicar o paradeiro habitual, costume, hábito, uso ou algo usual. *Êthos* significa também caráter, mentalidade, índole (WIESE, 2008, p. 21).

Ética é a ciência que tem por finalidade definir a conduta do ser humano, tendo como foco sua responsabilidade pela manutenção e vivência na sociedade (WIESE, 2008, p. 21). A ética se caracteriza por descritiva e normativa. A descritiva tem por finalidade analisar e descrever o comportamento do ser humano; a normativa, no entanto, traz a verdade à tona, utilizando-se de normas ou critérios e tendo como pressuposto a verdade (WIESE, 2008, p. 23).

A ética é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Em cada área do viver existe uma ética, para vivência e conduta do indivíduo (CHAMPLIM; BENTES 1991). O alvo da ética é a conduta ideal do homem. Olhando para a Grécia antiga, logo percebemos, conforme nos conta a história, que o mito dava sentido às coisas, muitas explicações se davam através do mito, mas foi somente a partir do século V a.C., entre os filósofos gregos, que se começou a pensar mais sobre uma regra de conduta para o homem. Sócrates, Platão, Aristóteles, ao longo de duzentos anos de pensamento, tomaram o mundo com sua filosofia (GASCHO, 2004).

1.1 A definição do conceito de moral

Quando olhamos para a civilização antes da filosofia grega, logo compreendemos que os padrões de conduta eram ensinados didaticamente somente a alguns povos como, por exemplo, era o caso dos judeus que

possuíam o Decálogo como consciência moral e estatuto. As demais castas tinham o temor de estar desagradando aos deuses. As explicações se davam pelo mito, que foi para o indivíduo da época seu norte e estatuto, estabelecendo relações de causa e efeito ainda que não houvesse lógica. O indivíduo sentia medo, era aprovado ou reprovado em seu agir, ficava na expectativa de castigo ou recompensa dos deuses. Através dos mitos estabeleciam-se os relacionamentos entre os homens (GASCHO, 2004).

Os mitos foram importantíssimos para a civilização anterior à filosofia grega, pois qualquer resposta vinha deles. Porém aos poucos, com reflexão a partir do mundo grego, o indivíduo começa a se localizar na pólis e a perguntar-se: o que de fato é o bem? E o que é o mal? O homem começa a adquirir uma consciência moral. Vázquez afirma o seguinte sobre a consciência moral do homem:

A consciência moral começa a emergir propriamente, e a definir-se como um recinto interior, quando o homem cumpre normas que regulamentam os seus atos, não mais submetendo-se passivamente à tradição e ao costume ou pelo temor dos deuses, ou simplesmente para conformar-se com a opinião dos outros, mas porque compreende e deve cumpri-las (2000, p. 188).

Gradativamente vai sendo alcançada uma consciência moral. A partir do momento em que o homem se desvencilha dos mitos, ele começa a olhar para si mesmo, bem como para a realidade em sua volta, e começa a atribuir à sua vivência juízos de valor. Os valores existem desde a Antiguidade, porém foi somente a partir do século XIX que surgiu a teoria dos valores. Mas o que são valores morais? Valor moral é tudo aquilo que atribuímos a pessoas ou coisas que nos faz gostar ou, de alguma forma, criar certo ranço

delas (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 300). Vejamos o que Aranha e Martins nos dizem em relação aos valores:

Os valores são num primeiro momento herdados por nós. Ao nascermos, o mundo cultural é um sistema de significados já estabelecido, de tal modo que aprendemos desde cedo como nos comportar a mesa, na rua, diante de estranhos, como, quando e quanto falar em certas circunstâncias; como andar, correr, brincar; cobrir o corpo e quando desnudá-lo; qual padrão de beleza; que direito e deveres temos. Conforme atendemos ou transgredimos os padrões, os comportamentos são avaliados como bons ou maus (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 300).

Valores morais são próprios de cada indivíduo, fazem parte da sua cultura, daquilo que o homem aprendeu desde pequeno. Ética e moral muitas vezes se confundem em suas definições. A primeira é o estudo da segunda. Ao passo que a moral estabelece padrões de conduta em uma sociedade, ela pode ser intrínseca, somente para práxis de determinada cultura, bem como pode servir somente para um período de tempo. Fumar em locais públicos, por exemplo, era comum em outras décadas, mas hoje existem leis que regulamentam a proibição de tal prática. Como podemos observar, a moral nem sempre é válida para todas as culturas nem para todos os tempos. A partir dos valores morais, o indivíduo começa a fazer juízos, que podem ser de fato ou de valor. Os juízos chamados “de fato” falam que alguma coisa existe ou como ela é; já os juízos de valor são as avaliações feitas pelo homem a partir da sua consciência moral, sejam elas de pessoas, coisas ou

situações (CHAUI, 2008, p. 307). A partir do pensamento de Chauí, temos uma definição da moral:

Ela vem de uma palavra latina, mos, moris, que quer dizer “o costume”, e no plural mores, significa os hábitos de conduta ou de comportamento instituídos por uma sociedade em condições históricas determinadas (CHAUI, 2008, p. 307).

Nós, os seres racionais, somos diferentes dos irracionais. Os animais são guiados pelos seus instintos, tais como o de sobrevivência, procriação, etc. O homem, como portador de uma capacidade racional, vive livremente, porém precisa de normas e regras para poder se situar em meio à sociedade. Vejamos o que Vázquez (2000, p. 69) nos diz em relação à moral:

A função social da moral consiste na regulamentação das relações entre homens (entre os indivíduos e entre os indivíduos e a comunidade) para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social.

Como podemos perceber, sem uma regra ao racional a sociedade seria um caos. Qual o número de homicídios se não houvesse o código penal? Quantos bebês seriam mortos se não existissem duras leis contra o aborto? A moral é um parâmetro que determina em que direção o indivíduo deve andar. Só podemos determinar que certo ato é moral ou imoral se estiver sob a tutela da norma (ARANHA, MARTINS, 2003, p. 302), pois é por meio dela que se constrói uma sociedade. O homem da pólis olha para si mesmo e submete tudo ao crivo de sua consciência moral, da qual procedem as decisões, sejam elas morais ou imorais. A individualidade de cada um

também vai ser crucial na tomada de decisão; isso faz parte da sociedade, é próprio dela (VÁZQUEZ, 2000, p. 73). A moral está estritamente ligada ao homem e vai até o íntimo do seu ser, sem ela não existe relacionamento social (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 305). Concluimos que o indivíduo que vive em sociedade é um sujeito que precisa estar sob a tutela das regras e normas, porque não age por seus instintos como os animais, mas possui em seu genoma o livre-arbítrio, o que o faz superior aos irracionais. Com a consciência moral pautada na ética, a criatura racional, dotada de faculdades intelectuais, consegue produzir as coisas mais belas deste mundo: as artes, a literatura, a cultura, etc. O homem fabrica casas, constrói relacionamentos, consegue ser altruísta e fazer boas obras, tudo isso porque é racional e relaciona-se com o Transcendente (PEARLMAN, 2003, p. 75).

1.2 A ética presente na filosofia grega

Como já ressaltamos antes, com exceção dos hebreus, que tinham uma ética teísta, as outras civilizações ou povos até o século V a.C. não dispunham de uma consciência ética, ou uma consciência moral, tudo se explicava por meio dos mitos. A partir da Grécia antiga, mais precisamente no século V a.C., começa a surgir uma reflexão moral com os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. Naquele tempo apareceram, num primeiro momento, os sofistas, com um discurso de relativismo ou subjetivismo em relação à moral, ou seja, acreditavam que o homem fazia sua própria consciência moral, como afirmava Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas” (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). As questões éticas adquirem total importância dentro da filosofia grega somente a partir do momento em que a democracia fala mais alto na cultura grega, particularmente em Atenas (VÁZQUEZ, 2000, p. 268). Vázquez (2000, p. 268) descreve um pouco do cenário em que se origina a reflexão ética grega:

Ao naturalismo dos filósofos do primeiro período (os pré-socráticos), sucede uma preocupação com os problemas do homem, e, sobretudo, com os problemas políticos e morais. As novas condições que se apresentam no século V (a.C.) em muitas cidades gregas

– e especialmente em Atenas – com o triunfo da democracia escravista sobre o domínio da velha aristocracia, com a democratização da vida política, com a criação de novas instituições eletivas e com o desenvolvimento de uma intensa vida pública, deram origem a filosofia política e moral.

Como podemos perceber, a ética grega não se desenvolve de forma singular, ou seja, no indivíduo; verificamos, porém, que essa consciência moral tem como pano de fundo a democracia, está intrinsecamente ligada às questões da pólis. Os gregos são indivíduos da pólis, membros de uma sociedade, portanto essa ética está estritamente ligada à política da cidade (ARANHA; MARTINS 2003, p. 353). Hoje vivemos a pós-modernidade e a filosofia grega ainda é latente em nossos dias. O legado grego nos faz refletir muito sobre nós mesmos como indivíduos. A reflexão grega contribuiu muito para a arte e a literatura, de tal modo que nunca houve outra civilização que marcou tanto a humanidade com sua filosofia como a civilização grega ao longo da história.

1.3 A concepção ética a partir de Sócrates

Se tivéssemos vivido no século V a.C. na Grécia antiga, certamente não deixaríamos de ouvir as incansáveis perguntas de Sócrates pelas ruas e praças de Atenas: o que são valores? O que são virtudes? O que é o bem?

Ao perguntar, Sócrates só estava certo de uma coisa, os atenienses tinham o senso comum em relação à moral, aquilo que aprenderam desde o berço. Sobre o que de fato seria o bem e as virtudes só sabiam citar exemplos de coragem e honestidade que viram ao longo de suas vidas, mas não sabiam conceituar de fato o que eram os valores, as virtudes e o bem (CHAUI, 2008, p. 311).

Olhando para quase todos os teóricos que falam sobre filosofia, é consenso que Sócrates foi o precursor da filosofia moral ou ética. Os sofistas apenas elaboraram a retórica, o poder de convencer, aquilo que conhecemos como maiêutica (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). Sem medo de errar, podemos afirmar que Sócrates foi o pai da ética como a conhecemos hoje. Contra tudo e contra todos, era um homem firme em suas convicções, não recuava, e com isso seus pensamentos e sua filosofia atravessaram os séculos e o mundo. João Arnoldo Gascho, em seu livro ‘Do mito ao genoma’, descreve um pouco de quem era esse homem chamado Sócrates, que até diante da morte não recuou, mas manteve firme seu pensamento:

Sócrates andou na contramão do seu tempo. Polemizou duramente com os sofistas e com as forças políticas dominantes. Investia contra a superficialidade de argumentos e de conceitos, desnudando a ignorância de seus interlocutores. Jamais admitia que a aparência prevalecesse sobre a realidade, que a opinião (doxa), ainda que habilidosamente apresentada, substituísse a verdade (episteme). Seu destemor, quase implicância custaram-lhe a vida. [...] A ironia socrática desestabilizava a forma de pensar dos atenienses. Sua ânsia em chegar a conceitos precisos e verdadeiros, e a

busca insistente de princípios seguros e universais para fundamentar o agir humano, fizeram dele um indivíduo chato, inconveniente e perigoso aos olhos dos seus contemporâneos. Sua persistência e seu caráter, entretanto, deram-lhe merecidamente o título de fundador da ética (GASCHO, 2004, p. 29).

Por meio de uma profunda reflexão sobre os valores e virtudes do ser humano, baseada na razão, Sócrates começava a descortinar valores morais imprescindíveis para a vivência política da época. Com interrogações dirigidas à sociedade e ao indivíduo, impelia os atenienses a pensar sobre o âmago das virtudes e a origem do bem e do mal. Com isso, o indivíduo tomava consciência de suas ações a partir da racionalidade (CHAUI, 2008, p. 311). Sócrates queria inculcar na mente dos atenienses o verdadeiro sentido moral das coisas, levá-los a questionar por que acreditavam que determinado costume era bom ou ruim. Seus contemporâneos tinham como virtudes o que estavam acostumados a ver desde infância, porém o filósofo questiona, por exemplo, se a coragem era aquilo que haviam visto na guerra contra os persas e por que essa coragem era uma virtude e a covardia considerada um vício (CHAUI, 2008, p. 311).

Esse homem brilhante que viveu somente 71 anos de idade foi realmente um marco para as gerações futuras, influenciando Platão com suas ideias. A ética ou filosofia moral de Sócrates tinha como base a racionalidade. O bem era a felicidade da alma, ao passo que o bom era o instrumento da felicidade (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). Finalizando as considerações a respeito de Sócrates, ficamos com uma síntese sobre a ética do filósofo, conforme escreve Vázquez:

[...] para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente. O homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz (VAZQUEZ, 2000, p.270).

1.4 A concepção ética a partir de Platão

Nascido em 427 a.C. na cidade de Atenas, na Grécia, Platão foi contemporâneo e discípulo de Sócrates, comungou das ideias do pai da ética. Assim como seu mestre, desenvolveu sua reflexão moral em torno da pólis e ficou conhecido por levantar um pensamento filosófico sobre o dualismo corpo e alma, bem como o mito da caverna, aplicável até os dias de hoje nos círculos filosóficos mais respeitados. Compartilhando as ideias de seu mestre Sócrates, Platão afirmava que a virtude estava atrelada à sabedoria, ao passo que o vício era fruto da ignorância, concluindo que a virtude poderia ser aprendida (ARANHA; MARTINS 2003, p. 353).

Platão, em sua busca pelo bem, colocava em confronto corpo e alma. O filósofo afirmava que a alma era portadora da virtude, entretanto o corpo era mau, sede dos instintos e das paixões (GASCHO, 2004, p. 30). O filósofo ateniense difundiu suas ideias de bem e mal, virtude e vício em torno do dualismo corpo e alma. Vejamos o que Gascho nos diz acerca do pensamento platônico:

Somente a alma, cuja origem está no mundo perfeito, dominando os instintos, poderá produzir o comportamento virtuoso. [...] a dignidade e a natureza verdadeira do homem está na alma, temporariamente

encarcerada no corpo. [...] A alma é a fonte do conhecimento verdadeiro, incluindo o conhecimento do bem. O bem é o ideal supremo do correto agir humano, e se confunde, em Platão, com a própria ideia de Deus, acessível ao homem não apenas pela emoção e pela vontade, mas principalmente pelo entendimento (2004, p. 30).

Para Platão, a busca da virtude ou a plenitude do bem estava ligada ao conhecimento ou à racionalidade. Somente o filósofo poderia chegar a essa máxima do agir correto, porque chegar ao bem é intrínseco ao compreender bem, e dentro desse pensamento somente o filósofo pode chegar a esse nível, cabendo-lhe a função de ser o governante (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 353). Pela racionalidade a alma alcança a virtude, com o objetivo de chegar ao conhecimento do bem, mas para isso precisa sair desse invólucro que se chama corpo, só assim poderá ter a plenitude da purificação longe da matéria (VÁZQUEZ, 2000, p. 270).

A filosofia platônica buscava construir uma sociedade perfeita. Como era peculiar para a época, essa sociedade não contemplava os escravos, e a virtude era conhecida em sua integridade somente pelas classes mais altas. O trabalho braçal, por exemplo, era visto com desprezo pela filosofia platônica, e por isso os artesãos ficavam em último lugar na escala de classes da sociedade (VÁZQUEZ, 2000, p. 270). Para o filósofo, a perfeição do indivíduo não era possível sem a pólis ou comunidade, somente por meio do Estado o indivíduo conseguiria encontrar uma verdadeira filosofia moral. A ética de Platão é estritamente política, portanto ele desenvolve uma tese, ou talvez até uma utopia, de como deveria ser o verdadeiro Estado, o qual

contemplaria toda a plenitude da alma. Vázquez descreve as características desse Estado:

A razão, a classe dos governantes – filósofos guiados pela prudência; ao ânimo ou vontade, a classe dos guerreiros, defensores do estado, guiados pela fortaleza; e ao apetite, os artesãos e os comerciantes, encarregados dos trabalhos materiais e utilitários guiados pela temperança (VÁZQUEZ, 2000, p. 271).

Hoje acredita-se que a filosofia platônica foi de extrema importância, deixando um legado em todas as áreas do saber, desde a gramática até a filosofia, passando pela história e influenciando até o cristianismo e o ambiente eclesiástico. Os filósofos gregos, em sua busca por uma ética ou filosofia moral, teceram pensamentos importantes que contribuíram para a filosofia, antropologia, sociologia, política, gramática, etc. Ao desenvolver sua filosofia sobre o dualismo corpo e alma, na busca das virtudes, a contribuição de Platão foi de suma importância para a antropologia.

1.5 A concepção ética a partir de Aristóteles

Discípulo de Platão, Aristóteles viveu entre 384 e 322 a.C. na Macedônia. A ética de Aristóteles estava ligada à sua filosofia política, assim como a ética platônica. Para ele, a política e a comunidade são os meios necessários da moral, constituem a chamada vida teórica da qual provém a felicidade, fora da qual estão as classes mais baixas (VÁZQUEZ, 2000, p. 273). Para Aristóteles a virtude deve ser ensinada, não é produto da alma de cada sujeito, como acreditava Platão. Ele tratava a felicidade como fundamental para a ética (GASCHO, 2004, p. 31). Aristóteles dizia que era preciso desenvolver um hábito, que esse hábito era uma virtude e a partir

dela se encontraria a felicidade (GASCHO, 2004, p. 31). Virtude vem da palavra grega areté. A característica principal da teoria areteica ou ética das virtudes é a índole de uma pessoa, bem como uma vida de qualidade partindo do princípio da pessoa de bom caráter, com unidade e relacionamentos sadios (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 98). Vejamos o que Deweese e Moreland nos dizem sobre a concepção das virtudes pensadas por Aristóteles para alcançar a felicidade:

As virtudes, portanto, são traços de caráter que permitem que uma pessoa alcance a meta da eudaimonia (do grego, “felicidade”), não no sentido de satisfação prazerosa momentânea, mas no sentido de se desenvolver, de viver bem, de uma vida de excelência (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 99).

Portanto, para Aristóteles, o caminho para a felicidade são as virtudes, aquilo que está de acordo com a natureza humana. Um bom caráter não implica somente virtudes morais, mas também uma série de virtudes que podem envolver a intelectualidade, por exemplo, o ser estudioso, racional, até o agir com coragem, no bom sentido da palavra, usando essa virtude para o bem (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 99).

Acreditamos que o pensamento filosófico de Aristóteles foi fundamental para a humanidade, porque permitiu abrir novos horizontes para virtudes vividas pelo indivíduo de bem. Isso possibilitou o desenvolvimento de um bom caráter e da plenitude da conduta do ser, permeando toda sua forma de agir, pensar, falar, tomar decisões, olhar, trabalhar se relacionar, etc. Na filosofia aristotélica, a felicidade não está no fato de viver prazerosamente, porém está atrelada à característica do viver

bem, ou seja, saber viver, sempre preservando uma consciência moral louvável.

1.6 Da origem da ética cristã até a ética da Reforma

Neste ponto estamos no cerne da temática desta pesquisa. Daqui em diante começaremos a abrir caminho para a abordagem central do tema proposto, que se trata de uma ética teísta ou uma ética cristã. Mas quais são as características da ética cristã? Em que a ética difere da ética cristã?

- **O fundamento ético no judaísmo**

Desde a Grécia antiga, a ética traz a proposta de definir aquilo que é politicamente correto ou incorreto e que vale para toda a sociedade, porém a ética cristã é mais minuciosa. Seu papel primordial é definir aquilo que é bom e ruim somente para os cristãos (GEISLER, 2010, p. 15). A ética cristã tem um caráter imperativo porquanto procede do Transcendente, Deus, um ser moral que dá as orientações sobre o bem e o mal, que em dado momento da história prescreve as regras de conduta ao indivíduo. São leis categóricas de Deus dadas à humanidade para serem seguidas (GEISLER, 2010, p. 16). Partindo dos mandamentos divinos, temos explícita a vontade moral de Deus para a raça humana, mais especificamente para a comunidade cristã, no primeiro momento. Em um segundo plano, porém, todos os indivíduos têm a obrigação de viver da maneira que Deus deseja, a partir de sua revelação. A lei aponta os erros do homem, e ninguém pode dizer que não conhece a vontade moral de Deus, porque ele revelou sua vontade moral, ele é o justo juiz que deixou suas prescrições em sua Palavra, a Bíblia (GEISLER, 2010, p. 17). Vejamos o que Keeling nos diz a respeito da revelação dada por Deus a Moisés no Sinai:

“A maioria dos escritos que hoje constituem o Novo Testamento, se não todos, e grande parte dos demais escritos do cristianismo primitivo, tinham por objetivo organizar a vida das comunidades cristãs”. O fio condutor que percorre as histórias bíblicas é a experiência de uma palavra de Deus convocando a pessoa ou comunidade humana para alguma forma de ação (WAYNE; MEEKS, 1987, p. 12 apud KEELING, 2002, p. 37).

O judaísmo foi de suma importância para a reflexão de uma filosofia moral para a raça humana. Na cultura judaica, com frequência podemos observar aspectos relevantes não vistos em outros povos. Constatamos como em todos os assuntos sempre estavam relacionadas questões éticas, partindo da observância da Torá, que tinha como papel essencial mostrar a salvação ou o caminho moralmente ético a outros povos, sem distinção de raças ou culturas (KEELING, 2002, p. 51).

- **A ética da igreja primitiva e medieval**

A partir da instituição do povo que vem a se chamar cristão, começa a acontecer uma distinção desses indivíduos, que agora professam uma nova fé, cada vez mais se atrelando à cultura de inúmeros povos que não são judeus (KEELING, 2002, p. 89). No que tange à ética judaica, os cristãos tinham como parâmetro a Torá, o que dava certa distinção entre eles e os gentios, que não observavam as leis. Porém os cristãos, desde o começo, eram formados por sujeitos de todas as raças e etnias, tinham um estilo de vida cristã distinta, denominavam-se seguidores de Jesus (KEELING, 2002, p. 90). A partir do século IV o cristianismo ganha força e status depois das perseguições, vindo a ditar as condutas morais durante dez séculos

(VAZQUEZ, 2000, p. 274). Como vimos, os cristãos têm por característica principal o fato de serem seguidores de Cristo. Contudo, começam a surgir problemas de ordem moral nas comunidades cristãs da época. Keeling retrata particularidades da ética presente no cristianismo dos primeiros séculos:

Com o avanço da missão no mundo gentilico, aumentara o número de convertidos que desconheciam os valores morais do judaísmo. Daí a insistência das novas comunidades na separação entre a vida moral que encarnavam e a vida imoral reinante na sociedade (KELLING, 2002, p. 91).

Os primeiros séculos, como bem observa Keeling, foram de busca por uma ética cristã que caracterizasse os cristãos como tal, distinguindo-os dos povos gentílicos, pagãos, cujo estilo de vida não se coadunava com a fé cristã. Na busca por uma ética ou uma moral dentro dos padrões do cristianismo, ocorreu por parte dos mais piedosos uma divisão com a sociedade da época, muitos deixavam a vida na comunidade e retiravam-se para o deserto em busca de mais espiritualidade, para viverem como eremitas, na expectativa de formar uma casta mais zelosa (KEELING, 2002, p. 92). O monasticismo ganhou força nos séculos seguintes, chegando a ser considerado um estilo de vida superior. Keeling (2002, p. 95) cita particularidades da ética cristã que permeava a vida dos cristãos dos primeiros séculos, descrevendo-a como a “teoria do duplo padrão”, ou dos dois modos de vida. Na igreja primitiva e na medieval havia o monasticismo acompanhado pela pobreza, castidade e fidelidade. Em contrapartida havia outro estilo de vida cristão ou outra maneira de expressar a ética cristã: a

vida secular, ou seja, a família, trabalho e coisas que acompanhavam a sociedade da época (KEELING, 2002, p. 95).

Por fim, a ética cristã tem por objetivo dar valor ao indivíduo, fazê-lo entender seu dever moral e torná-lo igual perante todo sujeito que vive a plenitude da ética cristã. Quando o homem adquire uma consciência do sobrenatural, entende que sua conduta provém de Deus e que tudo deve ser feito visando a agradar ao Ser Supremo (VÁZQUEZ, 2000, p. 278).

- **A ética da Reforma**

Saindo da Idade Média, chegamos ao século XVI e nos deparamos com a tão conhecida Reforma Protestante. O primeiro nome de que logo lembramos é Lutero, um monge vindo da cúpula da igreja católica que observava com piedade as ordenanças da igreja, porém nunca se sentia justificado e perdoado (KEELING, 2002, p. 127). Lutero, ao ler a carta aos Romanos, conseguiu aprofundar sua reflexão sobre a justiça de Deus e tomou consciência do perdão de Deus ao homem, sentindo-se nova criatura, perdoado e livre de culpa (KEELING, 2002, p. 127). Após as descobertas das verdades contidas principalmente na carta aos Romanos, Lutero teve o desejo de que a igreja voltasse ao seu estado original, porém ela tinha outra visão do evangelho, a qual estava imbuída de interesses, e Lutero foi visto como uma ameaça ao clero da igreja (KEELING, 2002, p. 128). Ao lutar contra a dogmática existente na igreja da época, Lutero propôs uma reforma na igreja e abriu caminho para uma ética da Reforma, a qual Keeling descreve da seguinte maneira:

A contribuição mais importante de Lutero para a ética social foi a fundamentação teológica da ética da liberdade. Em 1512, publicou três manifestos; o primeiro

era um apelo à nobreza cristã da nação alemã sobre a reforma do estado cristão para que as classes politicamente poderosas apoiassem a reforma nos estados germânicos. [...] No segundo, sobre o cativo babilônico da igreja, Lutero alivia o fardo dos preceitos eclesiásticos, reconhecendo somente três sacramentos, batismo, penitência e pão. E o terceiro manifesto sobre a liberdade do cristão expõe o duplo princípio da responsabilidade cristã: “O cristão é soberanamente livre de quem quer que seja, e não é sujeito a ninguém” (KELLING, 2002, p. 129).

Como podemos observar, Lutero trouxe uma nova reflexão para a ética cristã. Queria que o indivíduo realmente se desvencilhasse do pesado fardo da igreja, começando a viver uma ética cristã verdadeira. Ele tinha consciência de que após a confissão o indivíduo viria a sentir-se perdoado, tendo por obrigação viver conforme essa justificação (KEELING, 2002, p. 130). Keeling afirma que a visão ética de Lutero defendia o autocontrole dos desejos pecaminosos do corpo. Outro ponto importante que Lutero defendeu na esfera da ética cristã foi o amor ao próximo, dizendo: “Eu me oferecerei semelhante a Cristo ao meu próximo”. Para ele, da fé fluía o amor (KEELING, 2002, p.130). A Reforma foi de suma importância para a igreja porque produziu e estabeleceu parâmetros que são seguidos até os dias de hoje nos círculos eclesiásticos. Aboliu o monasticismo comum anterior a ela e estabeleceu a conduta ética cristã, que preza pela obediência a Deus (KEELING, 2002, p. 135).

1.7 A ética de Kant

Immanuel Kant, sem dúvida alguma, foi um divisor de águas no campo filosófico moderno. De seu pensamento surgiram filosofias

conhecidas até os dias de hoje, tais como: filosofia do processo, personalismo, pragmatismo, análise linguística, fenomenologia, idealismo, marxismo, positivismo lógico e existencialismo (SPROUL, 1939, p. 130). Um grande diferencial em Kant era que ele acreditava no Transcendente, ou seja, era um filósofo teísta. Em um de seus pensamentos éticos, faz a seguinte pergunta: o que é preciso para que a ética seja coesa? E logo obtemos sua resposta: é necessário que se pense em justiça. No tocante ao Transcendente, deve existir um justo que tenha a perfeição e saiba transmitir e ensinar essa justiça (SPROUL, 1939, p. 128).

Como é típico da concepção da filosofia moral, desde crianças construímos uma consciência do certo e errado. Kant parte desse princípio, segundo o qual já temos estabelecida uma consciência moral das coisas, a qual dá ao indivíduo as diretrizes de sua conduta, e o indivíduo passa a ser portador de conhecimento e livre (VÁZQUEZ, 2000, p. 282). A ética kantiana tem a priori o domínio da razão, de fazer aquilo que é dever, ser livre. Em outras palavras, para Kant, ter liberdade significa não agir conforme o nosso senso comum ou segundo o que nos satisfaz, porque em nossa análise de conhecimento prévio, para agir, podemos errar, uma vez que poderíamos estar fazendo aquilo que nos apraz. Porém, se agirmos conforme nosso dever, estaremos agindo com ética ou razão prática (MARCONDES, 2007, p. 218). A partir desse prisma da ética do dever de Kant, vejamos o que Marcondes nos diz:

O dever consiste na obediência a uma lei que se impõe universalmente a todos os seres racionais. Eis o sentido do imperativo categórico (ou absoluto): “Age de tal forma que sua ação possa ser considerada como norma universal”. Toda ação exige a antecipação de um fim, o

ser humano deve agir como se este fim fosse realizável (MARCONDES, 2007, p. 218).

Kant não dá uma lista de questões éticas a serem observadas, porém traça uma linha simétrica de como deve ser o cidadão ético. A fundamentação ética a partir da felicidade, base do pensamento de Aristóteles, por exemplo, é muito rasa para se chegar a uma construção moral plausível. O aspecto moral ou uma lei moral imposta ao indivíduo parece corresponder muito mais à ética do dever, a qual Kant afirma (MARCONDES, 2007, P. 2018).

A partir dos conceitos pincelados acima podemos considerar que a ética kantiana é deontológica, ou seja, está baseada nos deveres. A deontologia nos diz que nossas atitudes ou aquilo que fazemos está baseado em uma prévia consciência moral, e é nosso dever agir com ética, bem como cumprir o que prometemos fazer, porque assim estaríamos tendo uma consciência da ética do dever ou deontológica (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 94). É consenso hoje em toda a comunidade filosófica que o pensamento de Kant deixou um legado gigantesco para toda a academia. Sua filosofia se encontra nos meios catedráticos, e por que não dizermos que ela deu e ainda dá suporte à teologia.

CONCLUSÃO

Desde os primórdios da humanidade, por si só o ser humano já possuía uma consciência do bem e do mal. Quando Deus dá a Moisés a lei no Sinai, o criador tão somente expressa ao indivíduo sua moralidade. A filosofia grega corrobora de forma extraordinária para o pensamento ético, bem como o cristianismo e, mais tarde, a filosofia da modernidade.

Acreditamos que o indivíduo sem ética se tornaria um ser irracional sem limites, contudo o legado cultural lhe dá desde a mais tenra idade a capacidade de estar imbuída em seu genoma a consciência moral, ou seja, as faculdades daquilo que julga ser certo e errado.

Ao final desta pesquisa descobrimos que boa parte da civilização na pós-modernidade confunde ética com moral e vice-versa. Somente conseguimos obter a distinção dos dois conceitos através de um olhar cuidadoso e dentro de nossos achados, bem como pela análise da bibliografia específica. Entendemos que a ética desenvolve o estudo da moral. Ao passo que a primeira vale universalmente, no entanto a segunda é restrita a peculiaridades de povos, castas, etnias e grupos religiosos em determinadas épocas.

Questões éticas na contemporaneidade se tornam um desafio para os círculos religiosos. Como levantar a bandeira da ética ou, mais especificamente, da ética cristã sem cair no engodo de ser levado pela relatividade e liquidez na qual o mundo se encontra, com a perda de valores que foi ocorrendo ao longo dos anos? Acreditamos que o caminho a ser percorrido acima de tudo é o pensamento de Kant sobre o imperativo categórico, isto é, que devemos fazer aos homens aquilo que queremos que eles nos façam. Porém jamais o cristianismo deverá abrir mão do Decálogo e do legado filosófico. Os nossos achados dão conta ainda de que sob a tutela da lei dada a Moisés é que a ética cristã deve ser pensada. Em suma, o Decálogo deve ser vivenciado pelos homens exatamente da forma que Jesus ressaltou, a saber, “amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos”. Dessa maneira, tanto o indivíduo viverá na esfera da ética cristã como a igreja também cumprirá o seu papel de instituição que causa mudança na sociedade através de uma ética cristã genuína.

A presente pesquisa obteve resultados satisfatórios, contudo não se restringe somente a uma ótica da ética cristã. A pesquisa abre horizontes para reflexões em outras áreas da ética, como uma ética médica, que irá lançar mão da bioética, ou uma ética do direito, que pode utilizar o imperativo “não matarás”, usando como apêndices as questões relativas à guerra ou direito dos homens e dos animais. Tomando como base esta pesquisa, ainda podem ser analisados temas relativos à ecologia, por exemplo, que não foram abordados aqui.

Em suma, a ética é responsável hoje por ser a válvula propulsora de harmonia nos relacionamentos interpessoais. Sem ela, talvez não existissem os direitos humanos, ou não seria, por exemplo, elaborado o código penal de muitos países. A reflexão ética sempre terá seu papel principal na sociedade, porque estuda e estabelece a moral entre os indivíduos em todas as épocas e culturas.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. HELENA, Maria, Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. Ed. Revista, São Paulo. Moderna, 2003.
- CHAMPLIM, Russell Norman; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo, Candeia, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. São Paulo. Ática, 2008.
- DEWEESE, Garrett J. . MORELAND, J. P. *Filosofia concisa: uma introdução aos principais temas filosóficos*, São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GASCHO, João Arnoldo. *Do mito ao genoma. A ética na contramão da história*. Jaraguá do Sul: Unerj, 2004.
- GEISLER, Norman L. *Ética cristã, Opções e questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KEELING, Michael. *Fundamentos da ética cristã*. São Paulo: Aste, 2002.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11 ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

PEARLMAN, Myer. Conhecendo as doutrinas da Bíblia. São Paulo: Vida, 2003. SPROUL, Roberto, Charles. 1939-Filosofia para iniciantes. São Paulo: Vida Nova, 2 VÁZQUÉZ, Adolfo Sanchez. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WIESE, Werner. Ética fundamental, critérios para crer e agir, São Bento do Sul. União Cristã: FLT, 2008.

A REGENERAÇÃO DA TERCEIRA GERAÇÃO DA IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR: ENSAIOS DE UMA PERSPECTIVA AINDA EM CONSTRUÇÃO

Moyses Naftali Leal Quiterio⁹⁹

RESUMO

O presente artigo busca apresentar o surgimento de uma nova liderança na Igreja Pentecostal Deus é Amor. A instituição religiosa brasileira chegou a fazer parte do grupo das cinco maiores igrejas evangélicas pentecostais no último censo do IBGE em 2010. Após a morte inesperada do líder e fundador Missionário David Miranda a igreja enfrenta novos desafios, uma liderança familiar capaz de aglutinar o carisma deixado por ele. O neto de Miranda propõe nas entrelinhas uma flexibilização de regras buscando também um diálogo interdenominacional. Entretanto, enfrenta grupos internos que resistem buscando valer o ethos sectário da instituição. A metodologia utilizada é bibliográfica se valendo de teorias weberiana e bourdieana. O texto busca mostrar uma nova liderança em curso e um conflito geracional da vanguarda da igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo, Evangélicos, Igreja Pentecostal Deus é Amor, David Miranda

⁹⁹ Mestre em Ciências da Religião e Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). – Membro do grupo de pesquisa NEP – Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM. moysesl@icloud.com

ABSTRACT

This article seeks to present the emerge a new leadership in the Igreja Pentecostal Deus é Amor. The Brazilian religious institution became part of the group of the five largest Pentecostal evangelical churches in the last IBGE census in 2010. After an unexpected death of the leader and founder Missionary David Miranda, the church faces new challenges, a family leadership capable of bringing together the charism left by founder. Miranda's grandson proposes for a relaxation of rules between the lines, also seeking interdenominational dialogue. However, it faces internal groups that resist the search for ethos the institution. The methodology used is bibliographic, based on Weberian and Bourdean theories. The search text shows a new leadership in progress and a generational conflict at the forefront of the church.

KEYWORDS: Pentecostalism, Evangelicals, Igreja Pentecostal Deus é Amor, David Miranda.

INTRODUÇÃO

No dia 21 de fevereiro de 2015 a mídia¹⁰⁰ noticiou a morte do fundador da Igreja Pentecostal Deus é Amor – IPDA – o missionário David Martins Miranda, que morreu aos 78 anos de idade¹⁰¹, faleceu inesperadamente deixando um vácuo na liderança para os seus fiéis e um desafio de sucessão para a sua família. Preencher a sua voz inconfundível no rádio e a sua

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/02/morre-david-miranda-fundador-da-igreja-pentecostal-deus-e-amor.html>> acesso 15 de fevereiro de 2020.

¹⁰¹ Nascimento: 4 de julho de 1936 Reserva, Paraná – Morte: 21 de fevereiro de 2015 (78 anos).

presença como um líder carismático – em termos weberianos¹⁰² – foi a lacuna deixada por Miranda.

Se podemos utilizar de uma metáfora, diríamos que a IPDA era um avião comercial em pleno voo com passageiros – No último censo feito em 2010 (IBGE)¹⁰³ a instituição contava com mais de oitocentos mil pessoas no Brasil, ficando entre as cinco maiores igrejas evangélicas pentecostais, isso sem contar sua presença internacional em dezenas de países – que inesperadamente precisou trocar o seu piloto. A igreja rapidamente precisou de uma liderança para assumir o controle total da igreja. Um líder com capital cultural¹⁰⁴ suficiente para dar conta do vazio deixado pelo seu fundador.

A metodologia utilizada para esse texto foi de referenciais teóricos no campo social das primeiras décadas do século XX, na qual destacamos Max Weber e Pierre Bourdieu. Entretanto, utilizamos também recortes de

¹⁰² O conceito de carisma Weber empresta do Cristianismo primitivo lhe apresentando essa ideia: “O carisma pode ser – só nesse caso merece tal nome com pleno sentido – um Dom que o objeto ou a pessoa possui por natureza e que não se pode alcançar com nada. Ou que pode e deve criar-se artificialmente na pessoa ou no objeto, recorrendo a um meio extraordinário qualquer” (WEBER, 2004:238) Weber entende que a liderança carismática se utiliza de uma atuação extraordinária, legitimando o seu poder para ser reconhecido. Ao contrário da autoridade burocraticamente estabelecida, o líder carismático não depende das regras instituídas. Seu caráter é contestador, pois propõe uma nova ordem revolucionária.

¹⁰³ Disponível em: Site Oficial do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Filtrar seção: Religião. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>> acesso em 04 de junho de 2020.

¹⁰⁴ Em suma, Bourdieu define “capital” como um trabalho que ao longo do tempo foi acumulado e que foi desenvolvido a partir de uma disposição social: As lutas pelo reconhecimento são uma dimensão fundamental da vida social e [...] nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento (BOURDIEU, 2004, 35- 36).

trabalhos recentes a respeito da instituição como a pesquisa mais recente, dissertada por Araújo em 2017.

Araújo (2017, p.115,117) entende também que a instituição continua dividida em basicamente dois grandes grupos, utilizamos aqui a mesma tipologia adjetivada por

Araújo: Uma ala conservadora que busca ainda a preservação dos usos e costumes¹⁰⁵ nesse caso é um publico mais idoso da igreja, e o segundo grupo mais jovem e que anseia por liberdades e busca uma conexão com a novas tendências da igreja evangélica brasileira buscando o rompimento e uma nova leitura do ultraconservadorismo. Ademais, precisamos também entender que a IPDA é uma grande instituição religiosa e por isso, conta com os seus mecanismos de defesas. Isso quer dizer que o seu grupo conservador tem um ethos¹⁰⁶ que é criado por grupos dentro da instituição que resistem para retardar mudanças se apoiando no legado deixado por Miranda.

Neste texto, procuraremos trazer reflexões sobre as disputas e um olhar sobre o futuro da igreja, uma vez que percebe uma difícil liderança familiar da segunda geração da família incapaz de aglutinar o carisma deixa pelo fundador, Seguindo no mesmo diapasão deixado por Araújo (2017), talvez por não existir um plano específico para o processo sucessório ainda em vida de Miranda. Como então se apresenta a terceira geração de Miranda

¹⁰⁵ “Usos e costumes” segundo Fajardo (2015, p.105) “é uma expressão nativa do campo que diz respeito principalmente à forma típica de vestimenta e de conduta exigida [...], para as mulheres, por exemplo, a proibição do uso de brincos e outros adereços, além da obrigatoriedade do uso de saias ou vestidos. Aos homens o veto ao uso de barba, de bermudas e shorts. Para ambos a proibição de práticas esportivas, de visitas ao cinema e à praia, por exemplo.” No caso, Fajardo referia-se à igreja Assembleia de Deus, mas cabe ao caso da igreja Deus é Amor.

¹⁰⁶ Ethos uma forma de pensar e agir na realidade. Ou seja, o ethos seria uma perspectiva, uma forma de compreender o mundo, de estar no mundo, uma cosmovisão que orienta a ação e o pensamento dos indivíduos.

para um futuro próximo? De que forma a igreja tem dialogado com a Juventude da igreja? Existe de fato um plano sucessório em curso com o objetivo de retê-los e minimizar novas cisões?

1. A Igreja Pentecostal Deus é Amor e o domínio radiofônico.

Miranda foi um sulista católico que se converteu ao pentecostalismo e se tornou uma das grandes vozes pentecostais no rádio brasileiro. Além disso, teve o comando máximo de sua igreja por décadas até o seu falecimento. O fundador da IPDA, experimentou um rápido crescimento da sua igreja em todo o Brasil e até mesmo em dezenas de outros países na década de 1980 e 1990. Pesquisadores¹⁰⁷ entenderam que a chave desse sucesso repentino foi o acesso a radiodifusão. Seguindo ainda a direção apontada por Campos (2004, p.155) o rádio teve um “papel na formação de uma rede de sustentação mútua, um autêntico círculo vicioso envolvendo a mídia, o líder carismático e os milagres a ele atribuídos”, além disso ele sustenta que o “rádio tem sido um dos principais meios empregados para a fabricação e sustentação da liderança carismática no Brasil”.

Miranda, segundo Campos (2004, p.155) “era um obcecado pelo rádio” e investiu na locação em rádios espalhadas por todo o país e posteriormente a compra de muitas delas. Quando a igreja já estava estabilizada e tinha grande presença no Brasil, Miranda já possuía um estúdio em sua casa onde de lá mesmo transmitia por toda cadeia nacional e

¹⁰⁷ A academia brasileira procurou acompanhar a trajetória da IPDA com o objetivo de compreender a expansão da instituição e o carisma do líder fundador. Concordando com Araújo (2017) as produções acadêmicas foram dotadas com uma certa escassez de pesquisas voltadas a esta igreja, mesmo o censo 2010 (IBGE) apontando como uma das dez maiores igrejas pentecostais no país.

internacional. Com a idade já avançada, o estúdio em sua casa o ajudava a não perder tempo no trânsito de São Paulo.

A marca registrada de Miranda era a sua voz e presença no rádio¹⁰⁸, pois de lá saíam a voz do “consagrado homem de Deus” (CAMPOS, 2004, p.156), veículo de grande êxito para a expansão e crescimento da igreja. Como um ex-católico, Miranda sabia como chamar a atenção dos ouvintes católicos, ficando inegável em suas mensagens o caráter do seu proselitismo. Na medida que o campo protestante foi crescendo, rapidamente a larga escala no Brasil, ele começou também a expandir sua mensagem para os evangélicos de outras igrejas.

Miranda tinha uma mensagem simples. O sermão pregado se concentrava nos Evangelhos, dando a ênfase em um milagre realizado por Jesus e outra boa parte em regras, comumente chamado de usos e costumes. Os milagres de cura divina realizados instantaneamente eram o ápice de seus cultos sendo transmitidos por muitos anos ao vivo pelo rádio nas quartas-feiras e aos domingos. Eram dezenas de entrevistas de cura instantânea, o “milagre” sem nada em troca, mas logo o convidado virava um simpatizante e era convencido de que a IPDA era a única verdadeira igreja – até os dias atuais quando o indivíduo se torna membro da igreja ele fica proibido de fazer visita a outras igrejas, mesmo sendo evangélicas pentecostais.

Fajardo (2011, p.86) dissertou a respeito da IPDA e não teve dúvidas que Miranda teve o “crescimento de suas igrejas por meio da radiodifusão.”

¹⁰⁸ Para compreender um pouco melhor a presença de David Miranda no rádio sugerimos a dissertação de mestrado: A atuação dos evangélicos no rádio brasileiro: origem e expansão. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Dissertação de Mestrado, 2011 defendido por Alexander Fajardo.

Oro (1992, p.17) destacou também a preferência da IPDA para o uso do rádio ainda em 1992, a igreja era proprietária de cinco estações de rádio de média potência. Oro fez três considerações importantes para a utilização dos meios de comunicação de massa: 1 – Um importante símbolo de distinção para com as demais igrejas onde esperam atingir um grau de prestígio e de legitimação semelhante ao detido pelas igrejas históricas, como a igreja católica e protestantes; 2 – Esses meios de comunicação são portadores de um sentido proselitista, tornando-se uma maneira de atrair mais pessoas; 3 – E por fim, esse meio de um sentido terapêutico para o público ouvinte, um meio de se obter a cura ou a solução de um problema, causando uma sacralização dos aparelhos receptores e a transformação da casa do fiel em um templo sagrado.

O grande sucesso de Miranda na radiodifusão foi que as igrejas pentecostais clássicas – por exemplo: Igreja Congregação Cristã e Igreja Assembleia de Deus – não se faziam tão presente nas décadas de 1970 e 1980 nesse meio de comunicação em massa. O motivo era que tais instituições tinham o rádio como um instrumento pouco aceito por motivos doutrinários, principalmente por parte da Assembleia de Deus. (FAJARDO, 2011).

Paul Freston (1993) destaca que em 1991 a IPDA mantinha 581 horas diárias em 20 emissoras próprias e centenas de emissoras arrendadas transmitindo a programação via satélite para o Brasil e a América Latina. Treze anos mais tarde, em 2004 a IPDA inaugurou um enorme templo, onde tinha o chamado Estúdio C que existe até os atuais dias. O Estúdio C sempre foi considerado a “menina dos olhos” da igreja e custou um altíssimo valor que Campos (2004, p.156) descreve:

Miranda é um obcecado pelo rádio. Os seus estúdios estão localizados em sua “sede mundial”, um amplo e luxuoso templo construído no local de uma antiga fábrica desativada, próximo da Praça da Sé, no centro de São Paulo, inaugurado em 1º/1/2004, após um investimento da ordem de R\$25 milhões de reais. Deles saem a voz do “consagrado homem de Deus” David Miranda, de seus presbíteros, evangelistas, filhas, filho, genros e obreiros, ecoando por toda a América Latina através de centenas de horas diárias de programação radiofônica, transmitidas por cerca de 20 emissoras de propriedade do próprio grupo e por centenas de outras com horários comprados em todo o Brasil e América Latina.

2. O problema do sectarismo e dos “usos e costumes”

A IPDA orgulhosamente até os dias de hoje se apresenta como uma igreja que “preserva a sã doutrina”. Isso significa dizer na linguagem dos membros e pastores que a igreja ainda mantém os usos e costumes, traço bem forte de algumas igrejas da primeira e segunda onda¹⁰⁹ do pentecostalismo. Segundo Freston (1993) o conceito sociológico desse

¹⁰⁹ Paul Freston sem a intenção de criar tipologia para o pentecostalismo brasileiro acabou analisando e definindo em três ondas. “o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido com a história de três ondas de implantação de igrejas. A Primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 1970 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são: a igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca”. (FRESTON 1993, p.63).

termo é uma vida redimida, em áreas como vestuário e embelezamento femininos e o controle disciplinar.

Seguindo a linha de raciocínio acima a instituição se apresenta como uma igreja

sectária e bem tradicional no campo pentecostal. Algumas das regras para se tornar membro é a “libertação” e a proibição de assistir qualquer programação televisiva, mesmo por exemplo o cônjuge não sendo membro da igreja com um aparelho em sua casa, também é proibido visitar outras igrejas. Além disso, existem outras dezenas de regras para afiliação e que para isso requer a leitura de um manual de regras conhecido como “Regulamento Interno”, ou como mais conhecido entre os membros como: “RI”.

O pequeno livreto “RI” conta como exemplo de normas: regras de namoro, a proibição do uso de shorts ou de bigode e barbas para homens, a proibição de jogar futebol ou torcer para algum time de futebol. E um severo regulamento para o sexo feminino, como expressamente proibido o uso de calças, ou qualquer tipo de maquiagem, como pintar o cabelo ou as unhas. O não cumprimento cabe ao membro uma punição verbal ou não participar de atividades na igreja feita pelo pastor da comunidade local.

Araújo (2017, p.73) dissertou sobre as diferentes versões que ocorreram periodicamente no regulamento interno e percebeu uma flexibilização e adequação em determinados assuntos ao longo do período. Como exemplo, Araújo cita o uso da bateria que no “RI” de 2001 era proibido, mas que na versão surgida em 2014 percebe-se uma aceitação desse instrumento musical. Para Araújo (2017, p.73) essas mudanças surgem da “necessidade de adaptação frente à estagnação no número de fiéis

enquanto outras denominações pentecostais” crescem nas últimas décadas no Brasil. Araújo (2017, p.75) entende tal fenômeno como um “processo de relaxamento” em curso desde a década de 1990, possuindo “um quadro administrativo mais preocupado em atender as demandas sociais de seus membros, a fim de não perdê-los para os concorrentes do mercado religioso”.

As igrejas instaladas nas periferias de metrópoles ou nos interiores do Brasil são na sua grande maioria salões comerciais de aparência simples. Na grande maioria desses locais possuem cadeiras ou bancos de madeira com capacidade para 25 a 100 pessoas com um microfone, púlpito e uma simples caixa de som. É desse jeito que a IPDA se consolidou na era de Miranda. Não importava a quantidade de pessoas em suas igrejas mais remotas e sim a presença da igreja naquela região.

Outra questão que chama a atenção é a não aquisição de templos. Segundo a história contada por muitos membros, Miranda tinha o discurso que os templos próprios eram um investimento desnecessário, uma vez que a volta de Jesus era iminente e estava muito próxima e todos os bens ficariam para o anticristo¹¹⁰. Seguindo nessa direção, valeria mais a pena o investimento no evangelismo e a maior quantidade de pessoas salvas do que a aquisição de templos próprios.

¹¹⁰ Rocha (2017, p.20) trabalha em seu doutoramento o pensamento do fim dos tempos. O pensamento escatológico da IPDA era que o “Arrebatamento (rapture) dos crentes, característica marcante do pensamento dispensacionalista, é a crença de que os “verdadeiros cristãos” que vivessem nos últimos dias seriam assuntos aos céus, sem passar pela experiência da morte” e “acreditavam em um arrebatamento pré-tribulacional, que ocorreria antes da Tribulação que marcaria o reinado do Anticristo na Terra e os grandes conflitos do final dos tempos.” E tudo ficaria nessa terra, então o objetivo principal era a evangelização de pessoas enquanto ainda é tempo, uma vez que se o dinheiro fosse gasto com aquisições de bens imobiliários seria um desperdício de recursos financeiros.

Ao que parece, o sectarismo da igreja tornou-se talvez o grande algoz da igreja. O exclusivismo não é mais um diferencial em um mundo evangélico plural e conectado. Soma-se ainda as regras de proibição da igreja que se tornam um fardo para uma nova geração, como explicar para uma nova geração que é pecado assistir televisão e a internet, não é? Questões como essa ficam em um vácuo enfrentado pela liderança. O baixo nível educacional da liderança comunitária com o discurso da proibição é outro motivo somado. Além disso, com a conectividade dessa nova geração parece agora conseguir opinar com o que se pode ou não, sem a necessidade de perguntar ao pastor local que muitas vezes não tem a base teológica suficiente para responder, o membro assistiu a vídeos de pastores de outras igrejas que desmistificam assuntos tidos intocáveis.

Atualmente, não existe censo capaz de dimensionar o tamanho da igreja, mas é notório entre membros e pastores que a instituição não tem o mesmo tamanho que tinha no passado. Temos hipóteses para tentar justificar como a falta de uma liderança carismática na IPDA capaz de aglutinar todo o carisma, somando também a dificuldade de a igreja não ser capaz de escutar as demandas das novas gerações.

3. A regeneração e um novo carisma para a igreja

Desde o falecimento de David Miranda, a sua esposa, conhecida como irmã Ereni Miranda assumiu o posto da liderança da igreja. Ainda que nesse artigo não se pretenda aprofundar sobre as questões, mas seria Ereni Miranda uma figura carismática a fim de cobrir uma lacuna se valendo do prestígio e capital cultural do esposo e fundador da igreja? Ou realmente uma mulher que toma a frente das decisões com o desafio de transformar a igreja?

Seguindo as pegadas deixadas por Araújo (2017, p.104) fica claro que “não houve explicitamente uma preparação prévia do sucessor, o próprio carisma de Miranda era um empecilho para o surgimento de um nome forte para o substituir”, além disso ele entende que “este processo de sucessão precisa[va] lidar com fissuras graves que podem comprometer a estabilidade e coesão desta denominação”

Além disso, Araújo (2017, p.103) problematiza a ideia de que somente Miranda tinha a legitimidade para fazer, significa dizer que “só ele possuía capital suficiente para conferir a magia que o campo da IPDA necessitava para funcionar. E ele [Miranda] sempre fez questão de manter as coisas assim, nunca repartiu tal capital”. Para reforçar a sua ideia, Araújo segue as pegadas de Bourdieu trazendo a ideia do “jogo de construção da alquimia simbólica, que nesse caso repartir o capital é correr o risco de perdê-lo”.

Ereni Miranda e David Miranda tiveram quatro filhos. David Miranda Filho, Daniel Miranda, Débora Miranda e Leia Miranda. Todos no passado tiveram seu protagonismo que Bourdieu (2004) chamaria de capital cultural adquirido. Os homens, filhos e genros tiveram papéis de grande destaque na igreja. Na era Miranda as filhas também ganharam seu papel como cantora, a famosa dupla Débora e Léia gravaram discos musicais na exclusiva gravadora da igreja que ficou limitada a família por longos anos.

Na última pesquisa de referência da igreja feita por Araújo (2017) as disputas para um processo de sucessão além da Ereni Miranda, girava em torno dos filhos e um genro de Miranda. Araújo (2017, p.105,106) chamava atenção para o filho David Miranda Filho, o que acabou não acontecendo. Araújo também destaca a filha Debora Miranda e o esposo Lourival de Almeida como uma peça fundamental para uma sucessão futura em curso até aquele momento, de fato isso ainda não ocorreu.

Em uma pregação feita por Ereni Miranda em 2018¹¹¹ revelou a futura sucessão da igreja. Curiosamente Ereni traz a lembrança de um culto ministrado em Silver Springs na Flórida, Estados Unidos, por Miranda. Naquele culto Deus mostrou para ela que escolheu um dos três netos, filhos da sua filha Débora Miranda, utilizando a seguinte expressão: “que um [dos netos de Debora Miranda] eu [Deus] vou usar¹¹² muito mais”. É neste momento que ela traz a alusão do personagem bíblico Davi – onde a bíblia discorre que o pai de Davi não acreditava que a escolha de Deus fosse a jovem pastor de ovelha, Davi que segundo a história tornou Rei de Israel mais tarde. Entretanto de acordo com Ereni, foi no velório de Miranda que ela começou a perceber que seu neto tinha um chamado diferente e acabou lembrando daquele culto a muito tempo atrás:

“E esse mistério se manifestou no dia do velório do Missionário. Ele [David Neto] não tinha falado em público assim, da Palavra. Ele pediu que queria falar. A gente pensou ‘Meu Deus o que será que o Davizinho vai falar’. Ele é o mais tímido, o mais fechado dos filhos dela [Débora Miranda]. E ele começou a falar e falou como se estivesse pregado a vida inteira. E ali já começou a se manifestar o dom de Deus na vida dele” (...) “Eu não tenho mais dúvida ele será o sucessor do Missionário, em nome de Jesus!” (ERENI MIRANDA)

¹¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A-iMK4oYfjc>> acessado em 04 de junho de 2020.

¹¹² Entende-se usuário na linguagem do pentecostal como uma pessoa escolhida por Deus que terá grande destaque na igreja, geralmente associado com cargos eclesiásticos.

David Miranda Neto tem hoje 32 anos é um dos mais de dez netos que Miranda deixou, atualmente apenas ele tem tido um grande espaço destacado na liderança, principalmente entre o público mais jovem da igreja. Sua participação na IPDA na era Miranda era somente como intérprete do seu avô na língua inglesa. Neto também destaca em pregações que entendeu o seu chamado ministerial no velório do avô, isso mostra o alinhamento do mesmo discurso da sua avó Ereni Miranda.

Em 2019, Neto lançou um movimento dentro da igreja conhecido como Ministério Regenere, com o desafio de dialogar com o grupo menos conservador da igreja nos usos e costumes. É um movimento de Juventudes da igreja sede que busca se consolidar no carisma da família. Neto é o principal rosto do movimento que busca a aglutinação de uma liderança carismática. Isso significa dizer que a declaração de Ereni em 2018 e o aparecimento repentino de Neto se apresenta então como um processo sucessório em curso.

Diante desse horizonte que se descortina podemos concordar com a afirmação de Araújo (2017, p.118,119) onde destaca que segue em curso uma “reforma simbólica” percebido em seu período de pesquisa. Araújo observava que a igreja buscava uma aproximação entre os jovens e o uso de “recursos audiovisuais que exploram a imagem.” Em um evento durante sua pesquisa foi observado “câmeras que transmitiam ao vivo no telão o espetáculo com reprodução de trechos de filmes. Em tempos antigos isso seria inadmissível, dada as proibições presentes no ‘RI’ da instituição.” É possível notar uma forte presença nas mídias sociais e uma nova configuração na linguagem e estética dos cultos do movimento de

Juventudes. No estilo mega-church americana¹¹³ com paredes escuras, um bom sistema de iluminação e imagens. Não é por acaso que Neto citou em sua rede social que tem como um dos referenciais Bill Johnson, pastor da Bethel Church na Califórnia, conhecido no meio como um dos pastores famosos por ter megachurches. Entretanto, Neto parece ainda não ser capaz da “reforma moral”, nome dado por Araújo (2017, p.120). Reforma que justamente divide os dois grupos supracitadas no início do texto. A flexibilização do “RI” é ainda um hiato que divide opiniões entre os membros da igreja. Em 2017 Araújo (2017, p.121) dissertava que “a nova diretoria tem sofrido forte pressão de alguns grupos de membros que veem neste processo de sucessão uma oportunidade para atualizar o ‘RI’ de maneira mais alinhada com o contexto contemporâneo”. Essa articulação segundo Neto é porque ainda não tem cadeira no conselho administrativo da igreja sendo assim incapaz de realizar alterações nas regras.

Neto parece ter uma biografia interessante e um pouco diferente daquilo que talvez o avô previa. O jovem Neto teve parte de sua adolescência residindo nos Estados

Unidos, com um sonho diferente do que o regulamento da igreja permitiria, o desejo de ser jogador de futebol. Em suas pregações e redes sociais já deixou claro que chegou a jogar futebol nas divisões de base do time da Portuguesa na capital paulista, mas foi apenas um sonho de adolescente, mais tarde acabou entrando no mercado financeiro.

¹¹³ Disponibilizamos um texto que disserta um pouco desse fenômeno, o título é: Uma breve leitura das megachurches nos Estados Unidos e a busca por um remodelamento da tradição. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/70>> acesso em 03 de maio de 2020.

Outro destaque dado à liderança de Neto é o diálogo com pessoas de outras igrejas, uma prática ainda proibida na igreja uma vez que a IPDA se orgulha do exclusivismo religioso. O jovem líder se apresenta como um líder bem-intencionado e reconhecendo a importância não somente do legado deixado pelo seu avô, mas também criando pontes com outras igrejas e atores eclesiais, como o caso da sua aparição com o Pastor Ed René Kivitz da Igreja Batista da Água Branca ou a liderança do projeto Dunamis¹¹⁴, como o pastor Teófilo Hayashi ao qual ele publicou sem sua rede social que faz parte do grupo de mentorados.

Sem pretender esgotar o assunto, a IPDA demonstra suas fragilidades, pois a imagem e carga moral de um membro da igreja é visto como um homem ou mulher modestos, sem vaidades e que não se deixam levar nem mesmo pelos membros de outras igrejas pentecostais, nem mesmo para visitar. Mas como então explicar o contato de Neto com outras lideranças e igrejas publicamente? São perguntas ainda sensíveis, mas que mostram mudanças na estrutura da instituição. Em lives publicadas em suas redes sociais, Neto discorre que apesar da IPDA ainda não permitir pregadores de outras igrejas, ele compreende e respeita as regras do “RI”, mesmo que ainda descumpra ao visitar um evento interdenominacional, mas também que anseia por mudanças vindouras onde haja espaço para convites de líderes de outras denominações na igreja.

Outra questão que chama a atenção é a participação de Neto em eventos interdenominacionais, a conferência do The Send¹¹⁵ aconteceu em

¹¹⁴ É um projeto interdenominacional surgido em 2008 nas universidades brasileiras liderado pelo o pastor Teófilo Hayashi da igreja Monte Sião.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://thesend.org.br>> acesso em 03 de maio de 2020.

fevereiro de 2020 em três estádios de futebol simultaneamente – dois estádios em São Paulo e um em Brasília. Sua aparição foi simples e rápida, ademais pode ter mostrado uma mensagem para dentro dos muros da igreja, de que mesmo isso sendo uma pratica proibida de acordo com as regras e que portanto, existe apoio familiar para isso, talvez um dos mais importante, mesmo supostamente sabendo que com o tempo será necessário a legitimidade da membresia da igreja.

Em termos de intelectualização teológica na IPDA, a instituição vem investindo em cursos presenciais para formação de novos pastores. Isso mostra grande avanço no ensino uma vez que na época de Miranda não valorizava a erudição teológica. Desde 2016 até os recentes dias a igreja vem investindo em seminários a fim de preparar novos líderes eclesiais. Ainda que Neto não possua uma formação básica em teologia, Neto busca um diálogo e uma teologia com menos “pecado” e mais “graça”.

Apesar de a igreja mostrar algum tipo de avanço na educação teológica – em termos bourdieano¹¹⁶ – Neto não possui o capital cultural no campo teológico, que o confere e coloca em posição de destaque entre os

¹¹⁶ Propomos aqui a Teoria de Campos proposto por Pierre Bourdieu (2004). Sua proposta é explicar como um grupo social, indivíduos ou instituições concorrem entre si em torno de interesses específicos. É possível aplicarmos a sua teoria a inúmeras situações, como nos campos acadêmico, médico, esportivo, corporativo, político, entre outros. Bourdieu descreve que o campo pode ser considerado um mercado e que os agentes se comportam como jogadores. Esses agentes possuem objetivos específicos que dependem do lugar que ocupam na estrutura social, pois possuem qualidade ou propriedade singular. A essa qualidade ele atribui o nome de “capital”, atributo que o favorece e coloca em posição de destaque entre os demais, numa posição de poder e reconhecimento social (FAJARDO, 2007, p. 57). Em suma, Bourdieu define “capital” como um trabalho que ao longo do tempo foi acumulado e que foi desenvolvido a partir de uma disposição social. Para Bourdieu (2004, 35,36) “as lutas pelo reconhecimento são uma dimensão fundamental da vida social e [...] nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento.”

demais. Neto atualmente não é visto e representado com esse prestígio. Ademais, o capital cultural que se dá por acumulação de títulos acadêmicos, saber esse que não pode ser transferido e isso possivelmente o desfavorece em articulações na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temo negar que a IPDA após o falecimento do seu fundador segue com uma agenda de mudanças em diversos aspectos. Como por exemplo, o código de conduta imposta pelo fundador e o carisma colocava a igreja em um papel de destaque entre as igrejas no campo evangélico. O campo pentecostal e em especial cresceu de maneira significativa como indica o censo do IBGE. Entretanto, isso hoje parece ser tornado o grande algoz da família nos dias atuais que vem buscando ao longo dos últimos cinco anos um carisma hereditário para um processo sucessório da igreja.

O papel de Neto ainda é embrionário e cheio de oportunidades e transformações na estrutura da igreja. O que podemos perceber até o momento são mudanças significativas na linguagem da igreja e a comunicação com um público mais jovem que anseia por mudanças, que já ocorre com certos limites. Será necessário acompanhar as mudanças porvir na instituição.

O papel de Neto na instituição familiar talvez seja uma tentativa de reativar o carisma deixado pelo avô fundador, uma ideia de transmissão hereditária. Um fator importante que precisamos destacar é justamente a tradição. Pois trata-se de um dos mecanismos de transmissão de práticas religiosas ao longo do tempo: “[toda tradição] é fruto de um longo processo social de interpretações e reinterpretções de suas origens, até alcançar

legitimidade e eficácia para passar de uma geração para outra.” (BARRERA RIVERA, 2005 p.80-81). O mesmo caso se aplica aos filhos de Miranda. Isso mostra que Neto se aproveita do capital ainda em circulação deixado pelo avô. A hipótese que temos é também que essa nova linguagem evite cisões ocorrida na igreja e ainda uma maneira de reter o público que está migrando para outras igrejas.

Neto ainda não tem uma cadeira no conselho administrativo formado na igreja. Em termos gerais isso significa que ele não possui poder de decisão e voto no conselho para mudanças profundas e significativa que possivelmente ele gostaria de fazer, tendo assim seus limites dentro da instituição. Além disso, ainda que fizesse parte do conselho administrativo teria ainda que ter a maioria dos conselheiros ao seu lado para mudanças, o que não deverá ser um grande problema, uma vez que a igreja é familiar.

A modernização oferecida por Neto propõe a quebra de paradigmas na igreja. Uma organização complexa com várias vozes no Brasil e que ainda carrega um forte traço dos usos e costumes. Presumimos que Neto ainda não tenha prestígio suficiente para uma liderança total da igreja. Mas seguirá firme com suas convicções de apresentar uma nova mensagem. Por fim, precisamos pensar na possibilidade de Neto ter capital suficiente para aglutinar o capital de Miranda com o passar dos anos

Outro desafio que ele ainda não tem é a capilaridade do movimento que criou. O Movimento Regenere ainda é um grupo de jovens que atende somente a igreja sede. Parece ainda encontrar dificuldade para expandir seu projeto, pois altera justamente o ethos da igreja. A liderança carismática concentrada somente nele é outro desafio para comunicar em áreas mais remotas do Brasil, inclusive regiões que são conservadoras em suas tradições na instituição. Entretanto, poderá ocorrer um revés. Olhando por esse prisma

significa dizer que todo o trabalho de mostrar uma nova roupagem possa ser ainda um processo que ele não consiga vencer dentro da instituição.

Talvez o grande risco da instituição seja deixar Neto fazer as transformações sozinhas. Deixar que somente Neto apresente ideias inovadoras e por conseguinte a mudança de paradigmas e não haver um discurso de flexibilização de regras possivelmente será uma grande exposição da voz de um líder que aparece como uma aposta da igreja. É preciso que a igreja se posicione claramente às mudanças do porvir.

A busca pelo “processo de relaxamento” citado por Araújo (2017) ocorrido nas últimas décadas é ainda muito pequeno quando comparado com a proposta de Neto. O texto procurou mostrar que os demarcadores de fronteira da igreja continuam ainda sendo o código de vestimenta das mulheres, a proibição do uso da televisão e o sectarismo.

Para finalizar, Neto surge como uma nova voz jovem da família na igreja surgindo como uma futura liderança da instituição. Ao que tem mostrado Neto sofrerá um conflito geracional com a vanguarda, uma vez que propõe uma releitura e novos demarcadores buscando assim suavizar os usos e costumes, além de um diálogo mais aberto com outras igrejas. Como então propor essas mudanças que não foram feitas nos cinquenta anos de existência da igreja em um curto espaço de tempo?

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alden Antônio de. “Deus é amor ou poder?”: estudo do processo de sucessão do líder religioso na Igreja Pentecostal “Deus é Amor”. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 11, n.1, jan./jun. 2020.

BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Tradição, transmissão e emoção religiosa. Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Olho d'água, 2001.

BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. Numen: revista de estudos e pesquisas da religião, Juiz de Fora, v.8, n.2, p.11-38, Jul-dez 2005.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Editora Zouk. 2. Ed. 4ª reimpressão. Porto Alegre, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; Revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva, Revista USP, n. 61, 2004.

FAJARDO, Alexander. A atuação dos evangélicos no rádio brasileiro: origem e expansão. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Dissertação de Mestrado, 2011.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. “Onde a luta se travar”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980) - Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015

FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

LIMA, José. H. Programa “A Voz do Brasil para Cristo”. A relação estabelecida entre o líder pentecostal Manoel de Mello e o Radio. Dissertação (Mestrado) 2008.

MENDONÇA, Emilio Z. de. Igreja pentecostal “Deus é Amor” - origens características e expansão. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

ORO, Ari Pedro. ‘Podem passar a sacolinha’: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. Cadernos de Antropologia, v. 9, p. 7-44. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. 1992

ROCHA, Daniel. Fim dos tempos nos Estados Unidos [manuscrito]: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970- 1980) - Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2017.

A PROSPERIDADE FINANCEIRA ENQUANTO EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: A CONVERSÃO NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Antero Luiz Amadeu¹¹⁷

RESUMO

Uma das grandes divisões na história do cristianismo, além do Cisma do Oriente, ocorreu entre Católicos e Protestantes. Das igrejas oriundas da Reforma Protestante surgiram as Igrejas Evangélicas com diferentes tendências como os Pentecostais e os Neopentecostais. Este artigo tem por finalidade entender determinado aspecto deste fenômeno sem a pretensão de defini-lo. Mesmo porque, há um grande número de estudos existentes, principalmente numa perspectiva teológica. Por isso o enfoque aqui é psicológico, tendo como alvo a Igreja Universal do Reino de Deus. A proposta tem como foco analisar a experiência da conversão nesta denominação enquanto mudança de condição financeira.

PALAVRAS-CHAVE: pentecostal, neopentecostal, prosperidade financeira, Igreja Universal do Reino de Deus, conversão.

ABSTRACT

One of the major divisions in the history of Christianity, beyond the Eastern Schism, occurred between Catholics and Protestants. Churches arising from

¹¹⁷ Mestre em Ciências da Religião (UMESP) E-mail: anteroluiz@yahoo.com.br.

the Protestant Reformation came the Evangelical Churches with different trends like the Pentecostals and neo-Pentecostals. This article aims to understanding some aspect of this phenomenon no claim to define it. Even as there are a large number of existing studies, especially in a theological perspective. So the focus here is psychological, targeting the Universal Church of the Kingdom of God. The proposal focuses on analyzing the experience of this conversion prior designation while changing financial condition.

KEYWORDS: Pentecostal, neopentecostal, financial prosperity, Universal Church of the Kingdom of God, conversion.

INTRODUÇÃO

Desde o século XVI o protestantismo não parou mais de crescer. Das principais vertentes iniciais como os Luteranos, Calvinistas, Anabatistas o e Anglicanos, seguiram-se outros desdobramentos, difundindo-se por todo o mundo. Em alguns países como, por exemplo, Estados Unidos, alcançou êxito através dos puritanos por ocasião da colonização da América do Norte.

Neste local, após alguns séculos, o ramo protestante de tradição wesleyana sofreu transformações, dando origem ao movimento pentecostal. Tal movimento, cuja característica principal é a ênfase no dom de línguas¹¹⁸, não precisou de muito tempo para conquistar grande parte dos norte-americanos. Como dissidência deste, surgiu o neopentecostalismo

¹¹⁸ GLOSSOLALIA – Dom sobrenatural, de falar línguas desconhecidas, atribuído ao Espírito Santo. Nas assembleias cristãs primitivas manifestava-se com frequência. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 1172).

ênfatisando a cura e a prosperidade financeira. Assim como o protestantismo original e o movimento pentecostal, o Neopentecostalismo se difundiu pelo mundo. Um dos países em que encontrou terreno fértil foi o Brasil, conquistando adeptos e novas denominações. Entre as principais representantes do Neopentecostalismo brasileiro destaca-se a Igreja Universal do Reino de Deus, marcada por um grande número de adesões.

A partir da psicologia da religião de Paul E. Johnson, o propósito aqui é fazer uma leitura acerca da “conversão” enquanto experiência religiosa nesta denominação neopentecostal. Parte-se do pressuposto de que as conversões ali ocorridas são, na maioria dos casos, de outra ordem. Um processo caracterizado por mudança de condição financeira e não, necessariamente, de caráter, como proposto nas Escrituras Sagradas. Para tanto, se propôs explicitar a experiência religiosa em Paul Johnson. Além disso, traçar o histórico e as características do neopentecostalismo. A partir daí, trazer a questão acerca da experiência da denominação em questão.

1. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PAUL E. JOHNSON

Para Johnson (1964, p. 51) ser consciente é ter experiência. Esse tipo de experiência tem como limites o que denomina de “fronteiras” ou “limiares”. Seus esforços nesse campo se concentram em descobrir os pontos em que seus pacientes se tornam conscientes por meio de estímulos auditivos, visuais e gustativos. Enquanto elementos de análise, entretanto, tais sensações não são dignas de crédito para a psicologia por se tratarem de abstrações com bases puramente empíricas.

O dicionário de psicologia define limiar como: “ponto estatisticamente determinado em que um estímulo é apenas perceptível, isto é, adequado para

provocar uma reação específica num organismo, ainda que mínima”. (CABRAL; NICK, 1995, p. 215)

Baseando-se na Psicologia Gestalt¹¹⁹ Johnson mostra que percepções são: “padrões totais de significado”. Não se trata simplesmente de um aglomerado de sensações combinadas casualmente. São significados globais organizados pela mente humana. Logo, limiares são: “fronteiras de significação pessoal, elevadas ou diminuídas pela sensibilidade seletiva da pessoa” (JOHNSON, 1964, p. 51).

Ao tratar da relação entre ser consciente e ter experiência, cita como exemplo uma pessoa despertada subitamente de um sono profundo. Com tal experiência mostra que tornar-se consciente é um processo constituído por quatro etapas ou tendências psicológicas.

A primeira é a consciência ou atenção seletiva. Ao ser atingido por ondas de estímulo como luz e som, por exemplo, tal pessoa seleciona as respostas relevantes. Disso deriva a outra etapa que é o processo de pesquisa. É o alerta para que se tenha consciência de uma perturbação, mesmo não sabendo o que significa. Aqui o despertar é exploratório, pois, focaliza a percepção na situação total à procura de mais informações a seu respeito. O outro passo é o julgamento em função do reconhecimento. A luz do dia, por exemplo, quer dizer manhã, ao passo que o som de um despertador significa acorde! Aqui o julgamento é um ato relativo por relacionar esse fenômeno com outro item da memória do passado e a perspectiva do futuro. Na última

¹¹⁹ Escola ou posição sistemática segundo a qual o comportamento e a experiência, estudados como um todo constitui o objeto da Psicologia. (CABRAL, 1995, p. 306)

etapa, a experiência consciente se completa no propósito. (JOHNSON, 1964, p. 51-52)

Disso, prossegue Johnson, decorre que as três primeiras etapas intencionam um processo em busca de objetivo. Esse objetivo passa a ser o problema central na procura consciente de tomada de decisão. A partir do exemplo proposto algo deve ser feito em vista das tarefas do dia. Em suma, ao reconhecer a manhã que significa novo dia, há um objetivo que é atingir os fins.

Por conseguinte, essas quatro etapas aparecem na consciência religiosa. Há, portanto, consciência de estímulos religiosos, pesquisa de significado religioso, juízo de reconhecimento de valor e propósitos em busca de alvos religiosos. Em outros termos, consciência religiosa e consciência secular são concomitantes. A natureza da experiência religiosa, portanto, está de acordo com a consciência em estado natural.

Resta saber se o ser humano religiosamente consciente usa suas percepções naturais ou é dotada de um sentido especial. Consoante Johnson, as percepções têm seu lugar garantido nas experiências religiosas. Exemplo disso é o fato de alguém se converter após ouvir um hino ou mesmo um sermão religioso. A contemplação de símbolos sagrados pode levá-lo ao êxtase. Por outras palavras, ainda que as percepções sejam naturais, a consciência religiosa é capaz de elevá-lo ao patamar da devoção. Mas, há algum sentido espiritual especial empregado pela experiência religiosa? (JOHNSON, 1964, p. 52-53)

Para tal questionamento Johnson encontra apoio em quatro teóricos: William James, Rudolf Otto, Albert Knudson e Freud. O parecer de James (apud JOHNSON, 1964, p. 53), é afirmativo na medida em que reconhece

tais experiências enquanto vivência na presença divina. Ainda que as compare a alucinação, ao mesmo tempo as reconhece como intuições reais. Há, nesse ponto uma divergência com o pensamento de Rudolf Otto (apud JOHNSON, 1964, p. 54), para quem tal realidade, além de primária, é um dado imediato da consciência ou o que ele denomina de “numinoso”.

Knudson (apud JOHNSON, 1964, p. 54), na mesma linha de Otto, expõe o que chama de “a priori religioso”. A capacidade de se ter experiência religiosa para este autor é inata ao homem, portanto, uma das estruturas da natureza humana. Johnson reconhece tal posição reforçando que a experiência religiosa é autêntica de uma relação única. Trata-se de um encontro vivido em que determinada pessoa é confrontada por outra enquanto Tu. Conclui dizendo que: “a experiência religiosa é única e específica, não podendo ser reduzida à outra espécie de experiência” (1964, p. 54).

Na direção contrária Freud (apud JOHNSON, 1964, p. 54), propõe que a experiência religiosa seja uma ilusão. Expõe esse pensamento aludindo ao anseio de dependência numa relação entre pai e filho. Para este autor as percepções religiosas devem ser submetidas à análise. Não obstante, o que se percebe na discussão entre os autores é que existe um acontecimento objetivo que corresponde às percepções religiosas.

Implícito está, portanto, de acordo com Johnson (1964, p. 55-56), que as percepções religiosas são decisões de ordem pessoal, como qualquer outra percepção. O que se procura é a evidência objetiva, estabelecendo-se uma relação entre as aparências e as impressões com significados globais. Mas a união de dados da experiência, levada a juízo, se traduz em decisão pessoal. Entretanto, as decisões pessoais demandadas de percepções religiosas são mais importantes, pois, referem-se ao destino da vida como um todo. No que

tange ao significado global, é como dizer que as decisões religiosas se acumulam. Determinada necessidade leva à outra tomada de decisão, fazendo com que a vida se constitua num todo em busca de relação com o Ser Supremo.

Em Psicologia da Religião esses dados são tomados como postulados e axiomas que ordenam as percepções, propondo relações entre elas. Em última instância, nessa área da ciência, a ênfase na observação é dada ao comportamento das pessoas frente às perplexidades e objetivos da vida com interesse definitivo. São, portanto, tendências psicológicas nos limiares da consciência e que estão presentes em toda experiência. São indícios na distinção de experiências religiosas e não religiosas.

A consciência religiosa, entretanto, está atrelada à devoção a valores. Consequentemente, sintetiza Johnson (1964, p. 56), possui três características: A experiência religiosa é uma réplica social; a experiência religiosa possui, ainda, uma referência divina; por último, é uma transcendência em busca de um valor supremo e de uma fonte de valores definitivos. Além disso, a experiência religiosa é uma experiência de valor; uma preferência por interesses e necessidades dignas de realização. Uma vez concluída a questão, isto é, que os elementos religiosos vêm do interesse por um valor definitivo, surge ainda outra pergunta: o que torna uma experiência religiosa e outra não? Tal questão leva o autor à definir ou analisar como se desenvolvem psicologicamente os valores religiosos, os quais surgem por meio do interesse e da necessidade.

1.1 Valor, interesse e necessidade

O primeiro conceito analisado é definido por Perry (apud JOHNSON, 1964, p. 56), para quem valor é: “qualquer objeto de qualquer interesse”.

Segue-se que o interesse nada mais é que uma réplica pessoal da atenção. Johnson concebe interesse como: “uma atitude atenta, em direção a situações que parecem afetar os valores de alguém” (1964, p. 56), pois, as atitudes humanas se caracterizam por serem pró ou contra algo. Esse tipo de reação espontânea é responsável por reconhecer objetos de interesse dotados de valor.

Quanto à necessidade, de acordo com Johnson (1964, p. 59-60), existem as orgânicas como a fome, por exemplo, que deriva de falhas nos processos da vida. Existem, ainda, as necessidades psicológicas e sociológicas, as quais se situam na esfera crescente de interesses e atividades. Em geral, ambas sofrem alterações pelos processos de aprendizagem e mudança, que, em última instância, são “dinâmicas, únicas, pessoais e definitivas”.

Na concepção Maslow (apud JOHNSON, 1964, p. 60-61), cuja teoria propõe que as necessidades sejam progressivas em direção a objetivos mais altos, existe uma hierarquia. Fome, por exemplo, é um tipo de necessidade que pode dominar até que seja satisfeita. Quando isso ocorre, outras necessidades como as de posse e amor, por exemplo, passam a dominar. E por mais que todas as necessidades básicas sejam satisfeitas, prevalecerá um descontentamento, ainda que seja para realização própria. Já o desejo de saber, a estética e os valores religiosos são mais elevados. E o são, na medida em que as necessidades básicas são satisfeitas. Em última análise a vida humana, para Maslow, se traduz numa dinâmica à procura de valores

A teoria das necessidades específicas em Murray (apud JOHNSON, 1964, p. 60), abriga a gênese da sua psicologia dinâmica. Tais necessidades têm como papel a motivação da personalidade e se dividem em viscerogênicas ou orgânicas e psicogênicas. As primeiras incluem ar,

comida, sexo, defecação e sensação, entre outras. As outras incluem aquisição, ordem, reconhecimento, dominação, respeito e socorro. Assim, necessidade: “é uma elaboração (uma ficção conveniente ou conceito hipotético) que representa uma força (cuja natureza psicoquímica é desconhecida) na região cerebral”.

Por conseguinte, as ideias de Johnson (1964, p. 60-61) estão em concordância com Murray, ao menos em quatro pontos: a necessidade humana resulta de ocorrências internas e externas; não é estática, mas se transforma; cada necessidade é única; e, por fim, as necessidades humanas são similares. Disso decorre que a necessidade aparece por meio de uma tensão interna que serve de estímulo a um objetivo específico. Elas se prendem ao objeto por meio de desejos. Não obstante, todos os focos da necessidade como: objetos, interesses e emoções, se transformam numa necessidade integrada.

Para Johnson, portanto, o desenvolvimento dos valores religiosos ocorre a partir de interesses e necessidades. Se, por um lado, estar interessado num determinado valor significa desejá-lo a ponto de se esforçar na procura do alvo, por outro, é das necessidades da personalidade que surgem tensões nas relações dinâmicas de interesse. Na busca pelos valores, atitudes e desejos se potencializam, porém, ocultados pelo medo de frustração e fracasso. O confronto entre o desejo e o medo desencadeia na pessoa uma experiência angustiante e finita. Na possibilidade de confessar sua necessidade e procurar recursos sobrenaturais, ela se torna religiosa.

Tal fenômeno é visível naquelas denominações religiosas embasadas por uma linha teológica com ênfase na prosperidade financeira. Nelas, a experiência religiosa é atrelada ao que se conhece por evangelho da prosperidade. Esse evangelho tem a prosperidade financeira como fator

determinante no processo de conversão como, por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus. Esta denominação pertencente ao segmento das igrejas neopentecostais. Enquanto movimento, e Neopentecostalismo é uma dissidência do movimento pentecostal que, por sua vez, sofreu influências de outros movimentos desde sua origem.

2. ORIGENS E INFLUÊNCIAS DO PENTECOSTALISMO

De acordo com Romeiro (2005, p. 21-22), a origem do pentecostalismo remonta à antiguidade devido ao advento conhecido como dia de pentecostes descrito no livro de Atos dos Apóstolos, por ocasião da vinda do Espírito Santo. O trecho relata que ao se cumprir o dia de pentecostes vários discípulos de Jesus estavam reunidos num determinado lugar. De repente o local foi tomado por um vento impetuoso quando, então, pousou sobre eles línguas como que de fogo. A partir daí todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas conforme o Espírito lhes concedia. (BÍBLIA, 1980, p. 142-143) Esse dia está relacionado à festa da colheita judaica ou festa de pentecostes. Este termo traz em sua composição o elemento penta que quer dizer cinco. Por isso o termo pentecostes está relacionado com cinquenta, que é o total de dias entre a oferta do molho de cevada e a páscoa. Não se sabe ao certo, prossegue Romeiro (2005, p. 23-31), por quanto tempo essa experiência perdurou. Fato é que, no decorrer da história, o cristianismo sofreu influência de movimentos como, por exemplo, o Montanismo¹²⁰ no século II d.C. No

¹²⁰ Movimento nascido na Frigia, Ásia Menor, provavelmente em 172. Montano percorria as regiões, acompanhado de duas mulheres, promovendo a volta de Cristo por manifestação profética na primeira pessoa. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 1803)

século XVIII a influência partiu do Pietismo⁵ bem como, dos Quacres¹²¹. Outro movimento que exerceu forte influência sobre o pentecostalismo foi o Metodismo. Fundado no século XVIII na Inglaterra inspirado em João Wesley e sob influência dos Morávios¹²², ensinava a perfeição cristã e a total santificação. Esses ensinamentos mais tarde receberiam os nomes de segunda bênção, revestimento de poder e, posteriormente, batismo no Espírito Santo.

Devido às perseguições religiosas desencadeadas na Europa, os adeptos do metodismo migraram para os Estados Unidos. Ali, alguns líderes foram influenciados pelos ensinamentos de Wesley como: Charles Finney, Moody, Simpson, Andrew Murray e Torrey. Essa influência favoreceu tanto sucesso para o metodismo norte americano que sua igreja acabou perdendo seu fervor espiritual. Com isso surgiram outros grupos wesleyanos em busca da santificação, tornando-se fundamental para o surgimento do pentecostalismo moderno.

2.1 O pentecostalismo moderno

Na concepção moderna, para Campos, pentecostais, são todos aqueles que, vindos de classes sociais mais baixas, aderiram aos grupos religiosos, que fizeram dessa experiência mística, o seu caráter distintivo” (1997, p. 49).

Segundo Romeiro (2005, p. 31-33), o pentecostalismo moderno enquanto movimento surgiu Nos Estados Unidos da América no começo do século XX. Caracteriza-se pelo batismo no Espírito Santo com ênfase na

¹²¹ Seita religiosa, fundada em 1646, por Jorge Fox. Professam que toda criatura recebe de Deus uma luz interior, que a leva à luz da vida e à verdade espiritual. Cf. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 2141).

¹²² Movimento reformista surgido no século XVIII com os irmãos Morávios. Pregava a necessidade do novo nascimento e da conversão (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 1810)

glossolalia e em dons espirituais como os de cura e profecia. Sua origem data de 1900 em Topeka, Kansas, com o pregador Charles Parham e seus alunos em sua escola bíblica. Ao estudarem na Bíblia sobre o batismo no Espírito Santo concluíram que o único sinal do mesmo seria o falar em línguas. Em Janeiro de 1901 um dos alunos, enquanto orava passou pela experiência da glossolalia. Em poucos dias todos os demais foram batizados, dando início ao movimento pentecostal que, dali em diante, tomou outras proporções se disseminando pelo Texas e Los Angeles.

Nesta cidade um filho de escravos por nome William Seymour, aluno de Parham, foi convidado a pregar. Seus sermões congregaram tanta gente que as ocorrências do batismo cresceram vertiginosamente, sempre acompanhadas dos sinais. O que mais despertou a atenção foi o tratamento de igualdade entre eles, independente de cor, raça, sexo e profissão. Foi um acontecimento cuja proporção atraiu a imprensa, mas que, devido ao preconceito racial, ao mesmo tempo se tornou alvo de críticas das principais denominações, sem contar as pressões sociais. Não obstante, o movimento pentecostal não parou mais de crescer.

Após esse avivamento de 1906, complementa Romeiro (2005, p. 33-34), dois fatos importantes, relacionados ao movimento, ocorreram nos Estados Unidos. O primeiro é que depois de Los Angeles o movimento cresceu sobremaneira, alcançando Chicago, Nova York, Londres e, por fim, o mundo todo. Por Chicago passariam três missionários que expandiriam o movimento pelo Brasil e fundariam duas importantes denominações pentecostais. O italiano Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, precursores da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

O segundo é que, por influência do movimento pentecostal, formou-se outro grupo nos Estados Unidos. Da mesma forma que o pentecostalismo o movimento carismático¹²³ adotou, por assim dizer, o batismo no Espírito Santo com ênfase em línguas estranhas. E o fato desse movimento estar presente na maioria das igrejas evangélicas tradicionais, abriu caminho para o que viria se tornar o movimento neopentecostal.

2.2 A origem do neopentecostalismo

De acordo com Campos (1997, p. 49-50), O movimento carismático foi precursor do neopentecostalismo nos Estados Unidos. Em alguns casos esse termo é utilizado para designar todos os movimentos que, mesmo não pertencendo ao pentecostalismo e negando a glossolalia, defendem sua experiência com o Espírito Santo. Daí a importância de especificar o sentido dado à união do prefixo neo com termo pentecostal

Seus adeptos pertenciam às classes altas, filiadas às denominações históricas, distinguindo-se por desenvolverem sua própria teologia, método de evangelização e liturgia. Essa independência teria sido provocada pelas diversas origens dos grupos aderentes a esse modo de ser pentecostal. Alguns deles são denominados de: pré-pentecostais, pentecostais nativos e pós-pentecostais. Por isso, o emprego do termo “neopentecostalismo” encontra amplitude entre os estudiosos. Além desse termo, outros são empregados como: pentecostalismo autônomo, pentecostalismo da cura divina e evangélicos carismáticos.

¹²³ Movimentos que se desenvolveram dentro e fora das Igrejas tradicionais. Por certas semelhanças com o Pentecostalismo do início do século, receberam, sobretudo nos Estados Unidos, o nome de “Movimento Pentecostal”. Cf. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 1825).

Nos Estados Unidos o termo é atrelado aos pentecostais que se dizem adeptos de uma renovação espiritual em suas próprias denominações. O movimento se fortaleceu nos anos 70, momento em que se deslocou para a América Latina dando origem a várias denominações. O neopentecostalismo se caracteriza pela ênfase dada ao exorcismo, a cura divina, aos dons espirituais e, em alguns casos, a teologia da prosperidade. Este termo é um equivalente usado no Brasil, para o que na América do Norte denomina-se Confissão Positiva.

2.3 A Confissão Positiva

Este movimento, para Romeiro (1993, p. 7-8), continua tendo grande repercussão em solo brasileiro. Sob outros nomes populares como: teologia da prosperidade, evangelho da saúde e da prosperidade e palavra da fé, tem divulgado que sofrer é indício de falta de fé. Isso implica em afirmar que ter fé é ser próspero em saúde física, emocional e espiritual, bem como, em bens materiais. Como se não bastasse, seus líderes entram em questões doutrinárias com distorções como, por exemplo, o homem possuir natureza divina ou que Jesus foi milionário, e o pior, que a soberania de Deus se limita à vontade humana. O dicionário dos movimentos pentecostal e carismático traz a seguinte definição de Confissão Positiva:

Confissão Positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek William Kenyon. A expressão “Confissão Positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “Confissão Positiva” se refere

verdadeiramente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão. (apud ROMEIRO, 1993, p. 7-8)

Assim como o pentecostalismo, a Confissão Positiva remonta à antiguidade. A diferença é que esta encontra raízes num movimento do século I da era cristã conhecido como gnosticismo¹²⁴, do grego gnosis – conhecimento. Defensores do dualismo espírito e corpo, os gnósticos ensinavam que o pecado estava restrito ao corpo. Por isso, seria possível ter uma vida impura sem, no entanto, macular o espírito. Vale ainda ressaltar que, segundo Pagels, além desses ensinamentos, o gnosticismo defendia ser a humanidade uma manifestação divina. “O gnóstico Valentino ensinava que a humanidade em si é uma manifestação da vida divina e da revelação divina. A igreja, diz ele, consiste naquela parcela da humanidade que reconhece e celebra sua origem divina” (1979, p. 144).

Posteriormente, em conformidade com Pieratt (1995, p. 19), essas ideias encontrariam lugar em alguns movimentos durante o Século XIX na Europa e Estados Unidos. Por isso, cabe ressaltar que o evangelho da prosperidade se firma em duas raízes históricas: o pentecostalismo e as seitas metafísicas¹²⁵. A primeira se constituiu no grupo de onde saíram seus adeptos, a segunda, a base de seus pressupostos filosóficos.

¹²⁴ Sistema eclético filosófico-religioso com origem nos primeiros séculos da era cristã. Buscavam conciliar todas as religiões traduzindo-lhes o sentido através da gnose. Conheceu enorme fragmentação sectária a partir do judaísmo tardio. Cf. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 1172).

¹²⁵ Cosmovisão que remonta a alguns pequenos movimentos do início do século XX e que se constituiu no núcleo conceitual do evangelho da prosperidade. As Seitas Metafísicas podem ser consideradas o equivalente antigo do atual movimento da Nova Era. (PIERATT, 1995, p. 23).

Algumas técnicas terapêuticas, aponta Campos (1997, p. 365), foram elaboradas pelo austríaco Franz A. Mesmer e absorvidas, no mesmo período, pelo americano Phineas Quimby. Tais ideias, posteriormente, desencadearam a nova filosofia¹²⁶. Em torno das mesmas se desenvolveram, nos Estados Unidos, o espiritismo de Allan Kardec e a Ciência Cristã¹²⁷. Além destes, desenvolveram-se vários movimentos teosóficos¹²⁸ e seitas metafísicas. Tais teorias influenciaram Charles Emerson, fundador da Faculdade Emerson de Oratória, e um de seus alunos, Essek W. Kenyon, o pai da Confissão Positiva.

A relevância do encontro destes dois homens se deve ao fato de Emerson ter sido influenciado pela Ciência Cristã, conforme passagem de McConnell citada por Romeiro:

Em seus 40 anos de ministério, a teologia de Emerson evoluiu do congregacionalismo para o universalismo, para o unitarismo, para o transcendentalismo, para o Novo Pensamento (Nova Ideia), e terminou, por último, na mais rígida e dogmática de todas as seitas metafísicas, a Ciência Cristã. (apud ROMEIRO, 1993, p. 9)

¹²⁶ Novo Pensamento, cujo guru foi Phineas Parkhurst Quimby (1802-1866). Defendia que o pecado e a enfermidade existem apenas na mente. Ao romperem com Mary Backer Eddy, deram início a Escola da Unidade do Cristianismo, a Ciência Divina e a Ciência Religiosa. (MATHER; NICHOLS, 2000, p. 339).

¹²⁷ “Christian Science”. Misto de religião e medicina mental, fundada em 1866 nos EUA por Mary Backer Eddy. Baseia-se na Bíblia como livro que explica a harmonia universal. (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 587).

¹²⁸ Conhecimento esotérico baseado na busca do divino interior. Cultivado desde o século XVI, ressurgiu no século XVIII como “teosofismo”. Arelado à Helena P. Blavatsky (1831-1891), combina elementos budistas, gnósticos e herméticos, além de Esoterismo e o Ocultismo. Cf. (BORAU, 2008, p. 110).

Sob a influência de Emerson, complementa Romeiro (1993, p. 10), Kenyon manteve contato com vários ministérios. Em alguns até pregou, como no Angelus Temple - sede do Evangelho Quadrangular - a convite de Aimee Semple McPherson. Também foi pastor de uma Igreja Batista Independente na Califórnia e, em Seattle, fundou a Igreja Batista Nova Aliança. Além disso, foi um dos pioneiros da evangelização por rádio. Antes de sua morte, delegou à própria filha a continuidade de seu ministério e de suas ideias que viriam influenciar Kennet Hagin, o porta-voz da Confissão Positiva atual.

Em outra obra, Romeiro (2005, p. 92-96) mostra que Hagin iniciou seu ministério como pregador na Igreja Batista. Logo após passou a frequentar o meio pentecostal, chegando a ministro da Assembleia de Deus. A crença em cura divina o aproximou de pregadores como William Marion Branham, Oral Roberts e T. L. Osborn. Seu ministério cresceu vertiginosamente, principalmente, a partir da década de 60 após ter fundado a Kenneth Hagin Evangelistic Association. Devido ao crescimento, nos anos que se seguiram deu início a vários trabalhos como programas de rádio e televisão. Criou um curso bíblico por correspondência, além de uma revista que alcançou mais de quatrocentos mil lares por mês. Isso sem contar com seu grande empreendimento, o Rhema Bible Training Center. Com a finalidade de propagar os princípios da confissão positiva, esse centro de treinamento formou mais de 23 mil pastores para todas as partes dos Estados Unidos.

A influência tanto da Confissão Positiva quanto do evangelho da prosperidade é visível em seus trabalhos, senão, vejamos:

Se você confessar enfermidade, a sua palavra irá desenvolver a enfermidade no seu organismo. Se você

falar sobre as suas dúvidas e temores, eles crescerão e se fortalecerão. Se você confessar falta de finanças, isso vai impedir que o dinheiro chegue a você. Mesmo que isto possa soar como um paradoxo, não é. É a pura verdade. Eu tenho provado isso repetidamente. (HAGIN, s/d, p. 4).

Deus quer que seus filhos usem a melhor roupa. Ele quer que eles dirijam os melhores carros e quer que eles tenham o melhor de tudo [...] simplesmente exija o que você precisa. (HAGIN, s/d, p. 55).

Outro nome influenciado pelo movimento carismático, conforme Freston (1993, p. 96), foi Robert McAlister. Após romper com a Assembleia de Deus fundou a Igreja Nova Vida, propondo um pentecostalismo pragmático no estilo da renovação carismática norte-americana. Em razão disso, complementa Romeiro (2005, p. 44), McAlister foi o catalisador do neopentecostalismo no Brasil, formando grandes líderes. Consequentemente, Hagin encontraria grande repercussão no Brasil em líderes como, R. R. Soares, Jorge Tadeu, Miguel Ângelo e Edir Macedo. (ROMEIRO, 1993, p. 18-19) Dois deles fundariam um ministério que, posteriormente, se tornaria a Igreja Universal do Reino de Deus.

3. A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Para Romeiro, (2005, p. 53-55), pode-se considerar que esta denominação, doravante IURD, é um marco do neopentecostalismo brasileiro com ênfase, sobretudo, na prosperidade financeira. Sua repercussão tem alcançado nível internacional. Sob influência, sobretudo, de Hagin, Edir Macedo, R. R. Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Coutinho fundaram a igreja Cruzada do Caminho Eterno. As primeiras

reuniões ocorreram em meados da década de 70 em um coreto no Jardim do Méier – Rio de Janeiro – devido à impossibilidade de arcar com aluguel. O grande número de adesões fez com que, em pouco tempo, alugassem um galpão com capacidade para 1500 pessoas. Em 1977 um desentendimento com os irmãos Coutinho, levou Edir Macedo, R. R. Soares e Roberto Lopes a fundarem a IURD.

Um dos grandes investimentos da IURD é a mídia escrita com alta tiragem no Brasil e exterior. Em 1980 foi lançada a Plenitude com 440 mil exemplares alcançando Portugal onde, também, saiu a Tribuna universal. Na África do Sul, a Stop suffering, na Argentina, a El universal, além de outras. Mas certamente o maior investimento da IURD nesse tipo de mídia é a Folha universal, um semanário com uma tiragem de quase 1,5 milhão de exemplares.

Entretanto, esta denominação tem sua história marcada pelo empreendimento pioneiro junto à mídia eletrônica. Seu primeiro programa de rádio, O despertar da fé, foi ao ar pela Rádio Metropolitana. Outras rádios como a Copacabana, a Record e a FM 105 no Rio de Janeiro, foram assumidas posteriormente, fazendo com que sua programação fosse difundida no exterior. Além disso, foi o primeiro programa da denominação apresentado na televisão no Rio de Janeiro, São Paulo e em outros estados.

Em 1989, a IURD adquiriu a TV Record por 45 milhões de dólares e, em 2002, mais 4 horas na TV Gazeta de São Paulo, antes utilizada por R. R. Soares. No total, até o ano 2000, possuía 21 emissoras de televisão e oitenta rádios, registradas em nome de pastores e bispos.

A IURD sempre foi alvo de fortes críticas, tanto do meio secular quanto evangélico pelo seu método de arrecadação. Em suas programações

são divulgados seus principais encontros promovidos em sua sede denominada de Templo Maior. Entre eles, destaca-se a reunião da sagrada família, a terapia do amor, a sessão do descarrego, bem como a reunião dos 318 pastores, cujo objetivo é promover a busca da prosperidade financeira.

Contudo, o Templo de Salomão, maior símbolo da IURD (O cartão..., 2014, p. 42), foi inaugurado em 31 de Julho de 2014 no Brás, em São Paulo, na Avenida Celso Garcia. Em termos gerais, a edificação, erguida ao custo de 685 milhões de reais, possui 100000 m² de área construída, tendo o Templo, 40000 m² de material vindo de Hebron. Além do espaço preparado para residência de Edir Macedo, conta com mais de cinquenta apartamentos separados para pastores. Na intenção de atender 10000 fiéis por dia, o local conta, ainda, com 1800 vagas para automóveis, 241 para motos e 50 para ônibus. Além disso, existe o subsolo com dois pisos destinados, também, para automóveis e um edifício-garagem nos fundos. Dessa forma, isto é, com todo esse tamanho, já é considerado o novo cartão-postal religioso.

Quanto aos detalhes, chama a atenção à suntuosidade como, por exemplo, o altar com o formato da Arca da Aliança, em que o rei Davi guardou os dez mandamentos, revestida com folhas de ouro. Ao fundo, um batistério com 100 m² de vitrais dourados de modo que quem estiver no salão principal vê uma caixa de ouro aberta. O salão é mobiliado com cadeiras importadas da Espanha ao custo de 22 milhões de reais. O Templo conta, ainda, com um museu do Antigo Testamento equipado com telão e doze colunas que retratam a história das doze tribos de Israel. Além de tudo, um jardim com oliveiras importadas de Israel com a intenção de lembrar o Monte das Oliveiras. Enfim, um empreendimento cujo gigantismo, segundo entrevista feita com Rodrigo Franklin de Sousa, especialista em história e arqueologia bíblica do Mackenzie, tem o objetivo de atrair fiéis ao sucesso.

Com tal estratégia e todo esse aparato a disposição, a IURD se tornou uma das maiores representantes da teologia da prosperidade no Brasil. Em consequência, um fenômeno em numero de adesões, pois, os que a procuram acabam passando por algum tipo de experiência.

3.1 A experiência da conversão na IURD

Segundo Campos (1997, p. 357) se converter é passar por uma experiência existencial profunda. Uma experiência catártica cujos aspectos produzem importantes mudanças no projeto de vida de quem a experimentou.

Com o olhar mais aproximado nota-se que essa ideia está presente no pensamento de Johnson (1964, p. 51-52). Como visto, a experiência, seja ela qual for, é oriunda de uma percepção, cujo processo se constitui de quatro etapas que levam o indivíduo a uma tomada de decisão. Além disso, que as percepções naturais encontram sentido na experiência religiosa. Porém, as decisões pessoais advindas de percepções religiosas são mais importantes por objetivarem a vida na sua totalidade. Com isso, conclui-se que a gênese da consciência religiosa se encontra na devoção aos valores. Se, ser consciente, segundo Johnson, é ter experiência, segue-se que a experiência religiosa é uma experiência de valor, uma preferência por interesses e necessidades dignas de realização.

Fromm (1977, p. 137-140) mostra que a necessidade religiosa integra as condições básicas da existência humana. Essa necessidade levaria o indivíduo a agir pelo instinto ou pela capacidade de consciência, raciocínio e imaginação. Porém, na visão deste autor, dada às opiniões controvertidas em torno do instinto, assim como em Johnson (1964, p. 59), ainda que esse

indivíduo seja dotado das demais capacidades, para sobreviver, precisa de duas coisas: uma estrutura orientadora e um objeto de devoção.

No primeiro caso, não se trata de um mero roteiro para direcionar a ação, mas de uma meta que o mostre aonde chegar. No segundo, de um objeto de total devoção, um foco para onde são direcionados todos os nossos empenhos. Deve se constituir em uma base sobre a qual ele apoia todos os valores positivos. Esse objeto deve integrar, portanto, todas as suas energias ao se transpor à vida singular, dando a ela um significado.

A questão do significado em Johnson (1964, p. 51) está atrelada às percepções enquanto totalidade de padrões. Seja ela qual for, demanda uma relação de aparências e impressões com significados globais. A diferença reside no fato de que as decisões oriundas de percepções religiosas se acumulam. Uma necessidade conduz a outra tomada de decisão, constituindo um conjunto da vida a procura da relação com o Ser Supremo.

Mas a experiência religiosa possui, ainda, uma referência divina. Em outros termos, é uma transcendência em busca de um valor supremo e de uma fonte de valores definitivos. A devoção aos valores, segundo Johnson, potencializa as atitudes e desejos. No entanto, o medo pelo fracasso esconde as atitudes. Ao ser confrontado pelo desejo e o medo tal indivíduo se angustia. Ao confessar sua necessidade e procurar uma solução sobrenatural, ele se converte.

Para Johnson conversão religiosa é:

O resultado de uma crise. Embora possa ocorrer às pessoas numa variedade de circunstâncias a formas, e embora possamos encontrar muitos passos preparatórios e conseqüências de longo alcance, o acontecimento da

conversão vem a foco numa crise fundamental.
(JOHNSON, 1964, p. 118)

Nota-se que a posição de Johnson condiz com o pensamento de Campos (1997, p. 356- 358) para quem o fenômeno da conversão ocorre em momento de crise ontológica instalada pelo confronto com uma situação limite. Para ele, conversão é: “uma resposta a uma situação de crise” e vem resolver “um impasse emocional, oferecendo ao indivíduo uma ferramenta com a qual um novo universo simbólico passa a ser rearticulado”.

Com base nessa definição a conversão se torna algo inesgotável que, no entanto, pode ser discutida a partir do conceito alternância. Trata-se de um processo pelo qual o fiel sofre mudança de ponto de vista e, conseqüentemente, adota uma nova visão de mundo e reinterpreta o passado. Conseqüentemente, se converter se traduz em experimentar uma profunda experiência. Na IURD, é impossível obter cura e vida de sucesso sem que haja um processo de conversão do homem a Deus.

O problema acerca de uma nova visão de mundo na IURD, em Bonfatti (2000, p. 33- 47), se traduz numa tríade. O autor evidencia a experiência e a criação de sentido dos fiéis.

Nessa perspectiva, busca reconhecer qual seria a visão de mundo que direciona a experiência religiosa do membro iurdiano. Observa que o universo iurdiano apresenta três aspectos presentes e interligados na experiência do fiel: a conversão, o exorcismo e a cura.

Essa tríade constitui um habitus para os membros, obreiros e pastores. Uma espécie de balizador das falas e práticas de seus fiéis. Algumas vezes, no entanto, os elementos de conversão, exorcismo e cura, se tornam ferramentas na intencionalidade de seus líderes. Mas, o mais importante,

escreve Bonfatti, é que os elementos dessa tríade formam, na percepção de seus membros, uma totalidade de sentido. Dito de outro modo, em suas palavras:

A ideia de tríade oferece uma “segurança”, uma “lógica” totalizante e cheia de sentido que abarca todas as experiências do fiel, por mais distintas e difíceis que possam ser. Ela dá ao fiel, um sentimento de acolhimento, proteção e norte para tudo que vivencia em sua vida, por mais contraditório, do ponto de vista lógico, que possa parecer. (BONFATTI, 2000, p. 39)

Nessa tríade dentro da IURD a prosperidade passa pelo viés da cura associada a Deus mediante a conversão do fiel. A cura, nesse sentido, é ampla, pois, compreende a reestruturação da vida do indivíduo rearticulando suas condições emocionais, afetivas, sexuais e até as financeiras. Isso porque a pobreza material esta fora dos planos de Deus. Ele quer que seu fiel tenha “vida em abundância”.

Como assinala Leonildo (1997, p. 367-368), o paraíso adâmico não está perdido. Ele está à mercê daquele que aceita Jesus na IURD. Frequentar seus templos significa retorno às origens, enfim, à família da prosperidade. Para tanto, traduzindo aqui a decisão religiosa de que fala Johnson, o fiel deve colocar sua fé em ação, tornando-se um sócio de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limiares da consciência religiosa, portanto, encontram-se tendências psicológicas que estão presentes em qualquer tipo de experiência. Por conseguinte, o que torna uma experiência religiosa singular é o interesse e a necessidade por uma devoção a valores.

Por outro lado, a estrutura religiosa atual é fruto de um processo de transformação. Tal mudança no cenário protestante, a partir, especificamente, do contexto pentecostal, ocorreu como que para corresponder à estrutura social capitalista. Isso está de acordo com o pensamento Fromm (1977, p. 140) que apresenta uma coesão entre estrutura socioeconômica, estrutura de caráter e estrutura religiosa. Para este autor, se o sistema religioso não estiver de acordo com o caráter social vigente, não passa de ideologia.

Essa transformação ocorreu e vem ocorrendo, em grande medida, por consequência da postura e ensinamento de alguns líderes. Por se tratar de algo implícito na intencionalidade, tais líderes são considerados religiosos revolucionários. Por não concordarem com o modelo eclesial em que estão inseridos, fundam novas denominações, como a IURD. Por meio de uma teologia específica, sobretudo baseada no Antigo Testamento, apresentam soluções que vão diretamente ao encontro dos interesses e necessidades de seus ouvintes. São como que atrativos que servem de isca às suas reuniões. Trata-se, portanto, de uma igreja veterotestamentária, que é uma das características do movimento neopentecostal.

Nesse local as pessoas são persuadidas por um discurso que acaba por mudar sua concepção acerca do sagrado e consequente visão de mundo. Consoante Johnson, isso ocorre por processo de julgamento – terceira etapa para se tornar consciente – relacionando esse discurso com a memória do passado e a perspectiva do futuro. Nesse âmbito, as necessidades não são mais supridas por meio de pedidos, rogadas e suplicadas a Deus pelos fiéis. De acordo com essa “visão”, os discursos são compostos por outros falares. Consequentemente seus fiéis são orientados de modo que seus desejos sejam determinados, declarados e exigidos de Deus. Nesse universo Deus deixa de

ser Senhor. Apesar de as fachadas de seus templos conterem a descrição “Jesus cristo é o Senhor”, na IURD Ele se torna servo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA, N. T. Atos dos Apóstolos. In: Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Edições Vida Nova S/R, 1980. p. 142-143.
- BONFATTI, Paulo. A Expressão Popular do Sagrado. São Paulo: Paulinas. 2000.
- BORAU, José Luis Vázquez. Os novos movimentos religiosos: (Nova Era, Ocultismo e Satanismo). Lisboa: Paulus Editora. 2008.
- CABRAL, Álvaro e NICK Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo: Cultrix. 1995.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, Templo e Mercado. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo. 1997.
- FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- FROMM, Erich. Ter ou Ser? Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977
- HAGIN, Kenneth E. Como escrever o seu próprio bilhete com Deus. Docplayer, p.4 Disponível em: <http://www.esnips.com/doc/Kenneth-E.-Hagin> 9-Livretos-doc. Acesso em: 30 jun. 2019, 14:00.
- HAGIN, Kenneth E. Novos limiares da fé. Rio de Janeiro: Graça Editorial. s/d. JOHNSON, Paul E. Psicologia da Religião. São Paulo: ASTE. 1964.
- MATHER, George A. & NICHOLS, Larry A. Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo. São Paulo: Editora Vida. 2000.
- O cartão postal de Edir Macedo. VEJA São Paulo. São Paulo: Editora Abril, n. 23, 23 jun. 2014. p. 42-50.
- PAGELS, Elaine. Os Evangelhos Gnósticos. São Paulo: Cultrix. 1979.
- PIERATT, Alan B. O Evangelho da Prosperidade. São Paulo: Vida Nova. 2ª ed. 1995. ROMEIRO, Paulo R. Decepcionados com a Graça. São Paulo: Mundo Cristão. 2005.
- ROMEIRO, Paulo R. Super Crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão. 1993.
- SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Petrópolis: Vozes. 1995.

A RECEPÇÃO DA BÍBLIA PELOS PENTECOSTAIS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO¹²⁹

Everson de Oliveira Souza¹³⁰

RESUMO

A forma como os pentecostais fazem a abordagem dos textos bíblico firmou-se como uma leitura popular e leiga da Bíblia. A recepção dos textos bíblicos aplicados ao uso dos meios de comunicação culminou na legalidade para defender sua postura frente a esses. O artigo apresenta por meio da Estética da Recepção o modo como esse grupo, com ênfase na Assembleia de Deus, faz a leitura de alguns textos bíblicos referindo ao uso dos meios de comunicação. Após uma abordagem metodológica por meio de uma revisão bibliográfica, o artigo se manifesta dividido em três partes com dois tópicos cada uma. Na primeira parte, apresenta um exame da postura quanto ao uso dos meios de comunicação nas Assembleias de Deus. Na segunda parte, o foco recairá sobre uma análise dos estudos de recepção, também chamados de Estética da Recepção e, na terceira parte, a abordagem se firma em

¹²⁹ Nota dos editores: O autor analisa o desenvolvimento dos meios de comunicação e sua recepção pela Assembleia de Deus na história. Contudo, a partir do capítulo 3, ele discorre que a proibição dos meios de comunicação pelas AD's se deu por uma interpretação da Bíblia que "relativizava a educação intelectual e teológica do clero" com uso de textos bíblicos, na opinião da revista, não descreve uma realidade mais ampla. Afirma ainda o autor que a interpretação dos textos, realizada pelos pentecostais, acontece pela experiência, podendo ser alterada posteriormente, o que também não é a regra geral, tendo grande espaço à reflexão. Portanto, são opiniões do autor que não estão de acordo com a opinião da Declaração de Fé das Assembleias de Deus.

¹³⁰ Mestrando em Ciências das Religiões – Mestrado Profissional – pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-graduado em Ciência da Religião pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell. Professor de história, graduado pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).

analisar como esse grupo faz a recepção dos textos bíblicos relacionando ao uso dos meios de comunicação, exclusivo ao uso do aparelho de televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção, Pentecostais, Bíblia, Meios de comunicação.

ABSTRACT

The way in which the Pentecostals approach the biblical texts was established as a popular and lay reading of the Bible. The reception of the biblical texts applied to the use of the media culminated in the legality to defend their posture in front of them. The article presents by means of the Aesthetics of Reception the way in which this group, with emphasis in the Assembly of God, does the reading of some Biblical texts referring to the use of means of communication. After a methodological approach through a bibliographical review, the article manifests itself in three parts with two topics each. In the first part, it presents an examination of the posture regarding the use of the means of communication in the Assembly of God. In the second part, the focus will be on an analysis of the reception studies, also called reception aesthetics, and in the third part, the approach is based on analyzing how this group makes the reception of the biblical texts relating to the use of the media, exclusive use of the television set.

KEYWORDS: Aesthetics of Reception, Pentecostals, Bible, Means of Communication.

INTRODUÇÃO

A forma como os pentecostais faz a abordagem dos textos bíblico firmou-se como uma leitura popular e leiga da Bíblia. A recepção dos textos

bíblicos aplicados ao uso dos meios de comunicação culminou na legalidade para defender sua postura frente a esses. O artigo apresenta por meios da Estética da Recepção o modo como esse grupo, com ênfase na Assembleia de Deus, faz a leitura de alguns textos bíblicos referindo ao uso dos meios de comunicação. O artigo está dividido em três partes com dois tópicos cada uma. Na primeira parte, apresenta uma análise dos estudos de recepção, também chamados de Estética da Recepção, por meio dela é possível perceber como o pentecostal faz a leitura dos textos bíblicos. Na segunda parte, o foco recairá sobre os usos dos meios de comunicação na Assembleia de Deus trazendo uma compreensão da postura da entidade religiosa frente a essa questão e, na terceira parte, a abordagem se firma em analisar como esse grupo faz a recepção dos textos bíblicos relacionando ao uso dos meios de comunicação para enfim legalizar sua postura, estando restrita a pesquisa quanto ao uso do aparelho de televisão.

1. MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Ao notar a recepção dos meios de comunicação na Assembleia de Deus, o objetivo aqui se norteia na análise do posicionamento desta instituição religiosa em relação ao uso dos meios de comunicação, se fundamentando em textos bíblicos. Desde sua origem no Brasil, no início do século XX, as Assembleias de Deus sempre se posicionaram claramente quanto ao uso dos meios de comunicação. Esse posicionamento mudou bastante no decorrer dos anos, mas sempre ficou bem clara sua maneira de pensar e de se comportar. Em 1917, as Assembleias de Deus já se preocupavam em utilizar o jornal como meio de publicação.

Lançado em novembro de 1917, em Belém do Pará, pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero (1ª história,

Conde, 1960:41), parece ter tido um único número. Na primeira página há uma matéria autojustificativa: “Voz da Verdade” (o título é um primor para o movimento nascente), é uma publicação gratuita, não visa contenda (mesmo com este título?), não está ligado a nenhuma associação e “não é propriedade de uma seita”. Diz-se, ainda, um “orgam devotado a propagar a Fé Apostólica” (estamos conservando a grafia original).¹³¹

Desde então, as Assembleias de Deus passaram a se utilizar constantemente desse meio de comunicação. Pela citação acima, entre os primeiros jornais, indiretamente ligados a ela, estaria o jornal Voz da Verdade, lançado pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero. Apesar de ter tido um único número, em 1919 surgiria o primeiro jornal com o objetivo de propagar as doutrinas centrais da Assembleia de Deus, e nos próximos anos outros jornais seriam criados, como relata Araújo:

A preocupação com a unidade se materializa no cuidado demonstrado quanto à fundação e manutenção de um veículo que propagasse as doutrinas centrais do segmento, e foi dentro desta perspectiva que surgiria em 1919 o jornal Boa Semente. O Boa Semente, primeiro jornal do segmento, reinaria absoluto até 1929, quando surgiu o Som Alegre, jornal de vida relativamente curta, pois duraria cerca de um ano, saindo de circulação juntamente com o Boa Semente. Os dois jornais deixariam

¹³¹ ALENCAR, Gedeon freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a DEUS. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP. 2000, p. 68 - 69.

*de existir e dariam lugar a um periódico único, O Mensageiro da Paz.*¹³²

O Mensageiro da Paz ainda hoje é utilizado como meio de comunicação da instituição. Após a organização religiosa passar a usar o jornal como veículo de comunicação, nos anos seguintes preocupou-se com o posicionamento frente a outro meio de comunicação, o rádio. Na tarde de 12 de outubro de 1937, na cidade de São Paulo, revelou-se uma preocupação da CGADB em tratar da utilização do rádio. Abrindo o referido assunto, o missionário suíço Albert Widemer, pastor até então da Assembleia de Deus em Blumenau, começou seu discurso na CGADB questionando a licitude da igreja de pregar o evangelho pelo rádio. Os debates na Convenção reconheciam alguns benefícios do rádio, mas alertavam também para perigos. Concluiu-se que os fiéis poderiam aceitar convites para pregar, cantar e tocar em emissoras, mas não poderiam ter aparelhos de rádio em seus lares, como relembra Daniel:

Aberto que foi o assunto, vários irmãos falaram, mostrando como o rádio tem servido, já em diversas partes, como benção para transmitir as verdades de Deus, não obstante vemos também os perigos que o mesmo pode trazer no caso de os crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas e, mesmo que apenas adquirindo rádios, contaminando-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais que o mesmo pode trazer. O senhor nos ajudou nesse ponto, pois no

¹³² ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1 – 15, RJ, 2008, p. 2.

*finalizar, todos estavam de comum acordo de que devemos sempre aceitar os convites para cantar, tocar e pregar pelo rádio e aproveitar tais oportunidades quando trazidas por Deus. Mas quanto à questão de ter rádio, no momento atual, a Convenção achou que não devemos ter.*¹³³

Mesmo com essa proibição, em 1947 o missionário das Assembleias de Deus, o americano Lawrence Olson, iniciava em Lavras, Minas Gerais, o primeiro programa da comunidade pentecostal. Os anos seguintes serviriam para que as Assembleias de Deus avançassem na utilização desse meio de comunicação, criando um serviço de evangelização pelo rádio em vários estados, conforme relata Araújo:

O programa do pioneiro do radioevangelismo na igreja Assembleia de Deus Lawrence Oslon, ainda que sob forte oposição, foi ao ar em 1947, na Rádio Cultura de Lavras, em Minas Gerais. Em 1950, o pastor José Gomes Moreno, da cidade de Curitiba, deu início ao programa “Voz Evangélica das Assembleias de Deus”, pela Rádio Guairacá. Em janeiro de 1955, Lawrence Oslon lançou pela Rádio Tamoio o histórico programa “Voz das Assembleias de Deus”. Ainda no ano de 1955, o pastor Alcebiades Pereira de Vasconcelos propôs à igreja de São Luís no Maranhão a criação de um serviço de evangelização pelo rádio. Sendo aprovada a proposta, o

¹³³ Convenção Geral de 1937. In: DANIEL, Silas. Et al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 129.

programa utilizou, num primeiro momento, os estúdios da Rádio Ribamar, transferindo-se, no ano de 1956, para a Rádio Timbira do Maranhão. Também do ano de 1955, foi ao ar o programa “O Som do Evangelho” na igreja de Belém do Pará. Com a transferência de Alcebiades Pereira de Vasconcelos, em 1960, da capital do Maranhão para a capital do estado do Pará, a igreja Assembleia de Deus da cidade Belém entraria numa nova fase do radioevangelismo, posto que toda a experiência de Vasconcelos nas rádios de São Luís serviu para reestruturação da radiofonia evangélica na capital paraense.¹³⁴

A inserção das igrejas Assembleias no rádio não aconteceu sem inúmeros debates das lideranças. Temia-se, no início, que a participação em programas controlados por sociedades evangélicas de um segmento tradicional fosse uma tentativa desses segmentos de controlar a condução da mensagem pentecostal. Gomes confirma essa fala ao relatar que “a Convenção também tinha sérias reservas quanto à associação da igreja a sociedades evangélicas de transmissão de rádio, uma vez que estas organizações eram encabeçadas por igrejas protestantes históricas, como a igreja Batista”.¹³⁵ Mesmo diante desses temores, as Assembleias de Deus continuaram expandindo seus programas de rádio. Com o passar dos anos, a restrição do uso do rádio pelos fiéis foi perdendo a força, e isso fica evidente

¹³⁴ FONSECA, André Dioneu. “É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio?”: Os debates sobre o radioevangelismo nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados, MS. 2009, p. 6.

¹³⁵ FONSECA, 2009, p. 5.

quando os membros da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil se reuniram em Santo André, estado de São Paulo, entre 20 e 24 de janeiro de 1975, e reafirmaram o ponto de vista da igreja quanto aos comportamentos e hábitos, não mais figurando o rádio entre as proibições de usos e costumes:

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;

8. Uso de bebidas alcoólicas.¹³⁶

Mesmo o rádio não sendo proibido, o seu uso pelos fiéis nessa resolução criaria uma polêmica quanto aos usos dos meios de comunicação pelas Assembleias de Deus, incrementada mais tarde pelo uso de outro meio de comunicação, a televisão, que entrou no centro das discussões e a princípio teve também seu uso proibido aos fiéis. Essa proibição duraria até 1999, quando o ELAD atualizou a resolução de Santo André, e a lista de proibição dos usos e costumes não continha mais o uso do aparelho de televisão, mas o mau uso dos meios de comunicação, eles a televisão. Essa lista de usos e costumes seria ratificada na 40ª Convenção Geral de 2011 como ainda válida, constando na lista seis itens.

1. Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e

¹³⁶ DANIEL, Silas. Et. al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004, p. 438.

6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).¹³⁷

Na lista de proibições já não figura o aparelho de televisão. O fiel, no entanto, pode possuir um aparelho de televisão ficando proibido somente o seu mau uso, assim como da internet, do telefone, etc. Fica evidente que meios de comunicação recentes como a internet não passaram despercebidos pelos líderes das Assembleias de Deus, que trataram do seu emprego. O início da internet no país se deu no final dos anos de 1980 e seu uso estava restrito ao meio acadêmico e científico, popularizando-se a partir de maio de 1995.

A Internet no Brasil se desenvolveu junto ao meio acadêmico e científico no final dos anos 1980, e no seu início, o acesso era restrito a professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Somente em maio de 1995 a internet deixou de ser privilégio das universidades e da iniciativa privada para se tornar de acesso público.¹³⁸

O uso crescente desse meio de comunicação e seu poder na vida dos usuários, ao que parece, chamaram a atenção dos líderes das Assembleias de Deus, que em 1999 proibiram seu mau uso. Esse comportamento empregado pela mesma foi justificado e sedimentado pelos líderes por meio da recepção de alguns textos bíblicos, assunto que será tratado posteriormente, no

¹³⁷ COROBIM, Antonio Luiz. Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado] – Faculdade de teologia, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 15.

¹³⁸ HISTÓRIA da internet no Brasil. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil> Acesso em: 12 jan. 2018.

momento analisaremos os fundamentos e instrumentos da Estética da Recepção.

2. OS FUNDAMENTOS E INSTRUMENTOS DA ESTÉTICA DE RECEPÇÃO

No ano de 1967, acontece a publicação e “A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária”, texto inaugural da Estética da Recepção, escrito por Hans Robert Jaus causou uma subversão epistemológica na historiografia literária. Meses antes o mesmo havia ministrado a conferência “O que é e com que fim se estuda história da literatura”, na Universidade de Constança, na Alemanha, enunciando pela primeira vez as sete teses da Estética da Recepção, posteriormente esse trabalho tornaria em um livro.

Essa teoria formulada por Jaus, provocou grande impacto nos meios acadêmicos dos estudos de literatura daquela época, indo contra as teorias que estabeleciam o primado absoluto do texto e que não dava valor ao papel do leitor na leitura da obra literária. Jaus não concordava em fechar uma determinada obra literária numa interpretação única e imutável. Assim a Estética da Recepção pode ser considerada como “um esforço interpretativo sobre a leitura e as relações estabelecidas entre texto, autor e leitor. As materialidades significativas são entendidas como um complexo que tem sentido a partir da relação dialética instaurada entre o autor, a obra e seus possíveis leitores”.¹³⁹

¹³⁹ FILHO, José Adriano. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. In: NOGUEIRA, P. A. S. (Org.). Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, pp. 165-190, p.176.

A atividade interpretativa na Estética da Recepção se constitui por meio da interação entre a subjetividade do leitor e as circunstâncias sociais e históricas em que o determinado signo se originou. O texto então não é avaliado pela perspectiva do autor, mas sob a perspectiva do leitor. Ao contrário do que acontece diante de um texto literário, o leitor traz consigo o repertório das obras anteriormente lidas, dos valores e ideias que regem o sistema literário pela qual pertence, mas do seu contexto, que serão as molduras através das quais vai interpretá-lo, assim entende-se que, não se lê um livro da mesma forma em diferentes épocas.

Para Jauss, o escritor ao escrever uma obra, tem em sua mente o leitor, culminando em um sistema de comunicação entre o escritor e seu destinatário. O leitor na percepção da Estética da Recepção é um indivíduo histórico que pode acolher de maneira positiva ou negativa uma obra, pois ele é o responsável pela recepção. Não se trata de um leitor comum, mas de uma comunidade de leitores que comungam dos mesmos horizontes de uma dada época de uma comunidade específica.

A Estética da Recepção foi formulada por Jauss por meio de sete teses. Nas quatro primeiras teses, Jauss trata de anunciar os fundamentos em que sustenta a nossa historiografia literária. Nas três últimas ele mostra os princípios em que organiza a nova teoria, conforme citação abaixo.

Jauss (1994) apresentou sete teses que poderiam ser resumidas da seguinte forma: 1) a relação dialógica entre o leitor e o texto é fato primordial da história da literatura; 2) na experiência literária do leitor, a obra predetermina a recepção, que é, ao mesmo tempo, um fato social dentro dos horizontes de expectativas; 3) o valor de uma obra decorre da percepção estética que ela é capaz

de suscitar; 4) considerar a hermenêutica, as necessidades do público e a relação entre a literatura e a vida prática; 5) sobre o poder de ação de uma obra, que pode transpor o período em que apareceu, propõe realizar uma história dos efeitos; 6) o processo da “evolução literária” dos efeitos de uma obra destacada deve levar em conta seu momento formador e de rupturas ao longo do tempo; e, 7) a arte pode contrariar expectativas e levar o leitor a uma nova percepção de mundo, repercutindo, então, em seu comportamento social.¹⁴⁰

Na primeira tese, Jauss defende que, o leitor, à frente do autor e da obra, é figura central com base na Estética da Recepção e do efeito. A obra é atualizada pelo leitor, sofrendo variações de acordo com a época, assim ela pode ser atualizada em diferentes épocas sem excluir as anteriores, mas modificando-as. O leitor não é um agente passivo, mas um agente ativo, um leitor crítico. Em sua segunda tese, Jauss determina uma trajetória considerando escritor-obra-leitor no seguimento de experiência literária, assim a experiência do leitor, contribui para que, a obra predetermina a recepção.

Em sua terceira tese, Jauss argumenta que, o valor de uma obra está contido na capacidade de contrariar a expectativa do leitor, forçando este a mudar sua percepção estética. Uma obra de valor nesse conceito, oferece possibilidades de ampliar e modificar a expectativa do leitor socializado. Na quarta tese ele anuncia que, as obras literárias contem em si mesma todo o

¹⁴⁰ OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção performance. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 17, Nº, 02, mai/ago, p. 119 – 140, 2017, p. 121.

potencial de sentido, sendo revelado nas sucessivas recepções concernente ao horizonte de expectativas.

A quinta tese de Jauss anuncia que, uma série literária não está desagregada da experiência estética do leitor, o lugar da obra na série literária se estabelece na relação dialógica entre texto e leitor, não sendo fixo, mas estando na sujeição de novas recepções e molduras. Jauss afirma ainda que, o leitor encara toda a produção literária que lhe chega como simultânea, por mais que estas foram produzidas por um distanciamento de séculos.

A tese sexta de Jauss apresenta que, no posto de observação do leitor, uma obra por ter várias formas de recepções como, ser considerada uma obra atual ou ultrapassada, avançada ou atrasada, quando este relaciona ela com seu tempo. O processo de diacronia de uma obra leva em consideração seu sistema formador e de corte sincrônico ao longo do tempo.

Em sua última tese, a sétima, Jauss reflete o vínculo existente entre a literatura e a sociedade. Chocando com a teoria marxista ele entende que, a literatura exerce um papel transformador na vida do leitor, deixa explícito que, um efeito de uma obra pode ser levado em conta pelas modificações que essa obra exerce em determinado momento histórico sobre os leitores e sobre novas obras. O efeito transformador de uma literatura sobre os leitores, pode ser exemplificado com a utilização da Bíblia pelos pentecostais, especificamente quando estes fazem a recepção de alguns textos bíblicos culminando na mudança de postura. Analisaremos adiante a forma que, esse grupo religioso realiza a recepção de textos bíblicos e aplica como regras no uso dos meios de comunicações, ficando restrita essa análise ao uso do aparelho de televisão.

3. RECEPÇÃO DE TEXTOS BÍBLICOS APLICADOS AO USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em conformidade com a Estética da Recepção quando afirma que, não se lê um livro da mesma forma em diferentes épocas, a leitura da Bíblia pelos pentecostais ao que se tem notado ratifica esse pensamento. Os pentecostais, em especial da igreja Assembleia de Deus se apoderam da Bíblia que é um livro antigo, escrito em lugares e culturas diferentes, e atualiza sua recepção para então legitimar sua postura quanto ao uso dos meios de comunicações. Vale ainda ressaltar que, a época da escrita desses textos é muito anterior a existência de diversos meios de comunicações atuais, a citação a seguir corrobora na interpretação dessa concepção.

Os teóricos da recepção afirmam que a leitura de um texto em um novo contexto de recepção proporciona-lhe novos sentidos; os textos, como os bens culturais em geral, não possuem, portanto, significações essenciais ou imutáveis.¹⁴¹

Assim, como os sentidos não são imutáveis, os pentecostais fazem a leitura de textos escritos antes do surgimento de muitos meios de comunicações e oferece um novo sentido ao texto, esse novo sentido dado contribui para fundamentar sua conduta. Esse novo sentido atribuído ao texto bíblico por esse grupo religioso também não esgota os sentidos possíveis do texto, outros grupos pentecostais podem dar novos sentidos e fazer interpretações em outras formas possíveis.

¹⁴¹ BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9 – 30, 2012, p. 19.

*A observação participante evidencia que, nas comunidades pentecostais, a leitura dos textos sagrados não esgota nem pretende esgotar suas interpretações possíveis; pelo contrário, é uma leitura aberta aos sentidos potenciais dos textos.*¹⁴²

Podemos entender que, um texto bíblico no momento de sua escrita poderia ter um sentido totalmente diferente dos sentidos que estão sendo concedido em épocas pósteros. As perspectivas diversas de interpretações do texto parte do contexto de experiência atual do leitor. Um exemplo dessa fala pode ser utilizado quando, esse grupo de pentecostais empregou o texto bíblico de Salmos 25.15, quando diz: “Os meus olhos estão continuamente no SENHOR, pois ele tirará os meus pés da rede,” para então justificar esse texto como uma rejeição do sagrado quanto ao uso da rede de televisão. Esse mesmo texto interpretado em outras épocas, é conceituada a palavra rede como laço, armadilha, cilada, trama, etc. Assim podemos concordar com a citação a seguir, quando diz que,

*A história da recepção da Bíblia deve levar em conta a constatação, simples e banal, de que pessoas ou grupos diferentes podem ler os mesmos textos a partir de perspectivas muito diversas e, por isso mesmo, interpretar de diferentes maneiras os mesmos conteúdos.*¹⁴³

Outro fator que deve ser levado em consideração quando se trata dessa comunidade religiosa no quesito da recepção dos textos bíblicos é que, esse grupo por fazer parte do pentecostalismo, leva em seu histórico a defesa na

¹⁴² BENATTE, 2012, p. 18.

¹⁴³ BENATTE, 2012, p. 27.

graça do Espírito Santo como de fundamental importância para o entendimento da Bíblia. “Essa crença, na prática, relativiza o peso da formação intelectual e teológica do clero.”¹⁴⁴ Esse entendimento pode ser apontado como um fator que colaborou para diversas interpretações desses textos e, assim é possível concordar com Benatte, quando diz que, “a ênfase teológica e pragmática nos dons do Espírito Santo como graça suficiente para o entendimento das Escrituras é uma das características marcantes do pentecostalismo.”¹⁴⁵ Os líderes pentecostais assembleianos também tem feito a recepção de outros

textos para defender a proibição do uso e mal-uso da televisão. No ano de 1968, na CGADB realizada em Fortaleza/CE, o debate em torno do uso do aparelho de televisão ganhou a plenária da convenção. Durante os debates da plenária na qual os líderes posicionaram contra o uso da televisão, foi citado outro texto bíblico conforme citação a seguir, aonde relata que,

*O pastor José Eduardo Modesto pediu a palavra e, após a leitura de Salmos 101.3, contou um testemunho de uma irmã que ‘tivera uma experiência negativa com a televisão’. O pastor Enock Morgado contou as más experiências vividas em sua igreja por fiéis que possuíam o aparelho televisor e pediu ao plenário que ‘todos que possuíssem televisão se desfizessem dela’.*¹⁴⁶

¹⁴⁴ BENATTE, 2012, p. 17

¹⁴⁵ BENATTE, 2012, p. 17

¹⁴⁶ ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dioneu. As representações da igreja assembleia de deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 185 – 205, Maringá, PR, Mai. 2009, p. 191.

O salmo atribuído por muitos como de autoria do rei Davi, foi escrito a milênios de anos e, em uma época que a televisão ainda não aparecia como meio de comunicação. Sua interpretação na época da escrita pode ser considerada como um desejo do rei em olhar somente para o que é justo. A recepção desse salmo tem levado um grupo de pentecostais assembleianos entender que, ele dá sustentação necessária para proibir o uso ou o mal-uso da televisão, assim esse salmo foi atualizado a leitura para essa comunidade de leitores dando novo sentido a ele. O fundamento que pode ser usado para explicar essa prática de utilizar textos bíblicos com fins de fazer deles uma leitura dogmática, é que, “a leitura dogmática, ou ortodoxa, visa legitimar a instituição, autorizando-a como intérprete legítima, ao mesmo tempo em que busca minimizar as ambiguidades, contradições e desvios das leituras individuais e coletivas.”¹⁴⁷

O salmo citado expressa, “não porei coisa má diante dos meus olhos, aborreço as ações daqueles que se desviam, nada se me pegará.” A recepção deste salmo por esse grupo de religiosos, tem sido feita como que, se o fiel seguidor da Bíblia não pode nem por diante dos seus olhos, quer dizer que, você não pode nem assistir, e para outros nem possuir. Interpretam também que, se não é para colocar coisa maligna nos seus olhos, ter uma televisão é ter uma coisa maligna, pois um aparelho de televisão é um difusor de cenas de violência como, violência física e violência moral, por meio dos filmes, das emissões televisivas, das notícias jornalísticas.

Como a recepção de textos bíblicos pode ter sentidos diversos, pois eles podem alterar os sentidos dependendo da comunidade de leitores, esse fato evidencia e explica a mudança de postura desse grupo religioso no

¹⁴⁷ BENATTE, 2012, p. 27.

questo do uso do aparelho de televisão, o que antes era proibido o seu uso, hoje a proibição fica restrita ao mal-uso deste. Diante disso, é de até esperar uma outra postura dessa igreja em épocas vindouras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo propôs uma pesquisa com o objetivo de entender o modo em que se estabelece a recepção de alguns textos bíblicos pelos pentecostais associados a Igreja Assembleia de Deus, usando a Estética de Recepção como referencial para a análise. A pesquisa mostrou como essa comunidade religiosa apropriou de uma forma de recepção em que, tem utilizado de textos escritos a milênios de anos e atualizado eles a conjuntura atual, aplicando assim como regra de comportamento desse grupo se portar frente ao uso dos meios de comunicação.

Os textos bíblicos usados foram dados novos sentidos na nova leitura feita por essa comunidade religiosa, mas não necessariamente esgotando todos os sentidos que os textos poderiam ter, pois cada leitor faz a leitura de um texto a partir da sua experiência atual. Esses textos futuramente podem ser lidos com novos sentidos, com leituras atualizadas e modificadas, culminando em mudanças de regras que hoje são impostas a essa comunidade de leitores.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a DEUS. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP. 2000.

Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 11, n.1, jan./jun. 2020.

ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1 – 15, RJ, 2008.

ARAÚJO, Isael de. Acontecimentos que, marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9 – 30, 2012.

COROBIM, Antonio Luiz. Uma análise dos usos e costumes adotados pela convenção geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2008.

DANIEL, Silas. Et. al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

FILHO, José Adriano. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. In: NOGUEIRA, P.

A. S. (Org.). Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, pp. 165-190.

FONSECA, André Dioneu. “É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio?”: Os debates sobre o radioevangelismo nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados, MS. 2009.

História da internet no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil>Acesso em: 12 jan. 2018.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção performance. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 17, Nº, 02, mai/ago, p. 119 – 140, 2017.

ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dioneu. As representações da igreja assembleia de deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 185 – 205, Maringá, PR, mai, 2009.